



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
CAMPUS DE UBERABA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)

NAIRA CRISTINA SARTURI DE MELO LOURENÇO

OFICINAS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA A PARTIR DE CRÔNICAS
NO ENSINO FUNDAMENTAL

UBERABA - MG

2021

NAIRA CRISTINA SARTURI DE MELO LOURENÇO

**OFICINAS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA A PARTIR DE
CRÔNICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras do Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), Campus de Uberaba, UFTM, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM-Uberaba.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Juliana Bertucci Barbosa

Agência de Fomento: CAPES

Uberaba - MG
2021

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

L935o Lourenço, Naira Cristina Sarturi de Melo
Oficinas de variação linguística a partir de crônicas no ensino fundamen-
tal / Naira Cristina Sarturi de Melo Lourenço. -- 2021.
133 p. : il., fig., graf., tab.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional)
-- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2021
Orientadora: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa - Varia-
ção. 3. Linguística. 4. Crônicas. 5. Gêneros literários. 6. Ensino à distância.
I. Barbosa, Juliana Bertucci. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro.
III. Título.

CDU 811.134.3(07)

NAIRA CRISTINA SARTURI DE MELO LOURENÇO

**OFICINAS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA A PARTIR DE
CRÔNICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, área de concentração “Linguagens e Letramentos” (Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem e Práticas Sociais) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Uberaba, 24 de fevereiro de 2021

Banca Examinadora:

Dr.^a Juliana Bertucci Barbosa - Orientadora
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dr.^a Maria Eunice Barbosa Vidal
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dr.^a Caroline Carnielli Biazolli Universidade
Federal de São Carlos



Documento assinado eletronicamente por JULIANA BERTUCCI BARBOSA, Professor do Magistério Superior, em 05/03/2021, às 01:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#) e no art.

14 da [Resolução nº 34, de 28 de dezembro de 2017](#).



Documento assinado eletronicamente por MARIA EUNICE BARBOSA VIDAL, Professor do Magistério Superior, em 08/03/2021, às 15:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#) e no

art. 14 da [Resolução nº 34, de 28 de dezembro de 2017](#).



Documento assinado eletronicamente por Caroline Carnielli Biazolli, Usuário Externo, em 09/03/2021, às 23:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#) e no art. 14 da [Resolução nº](#)

[34, de 28 de dezembro de 2017](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

http://sei.ufmt.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 0481928 e o código CRC 6EC4AAF9.

Aos meus pais, Aparecido e Lionice, pela presença amorosa e segurança emocional em todos os momentos da minha vida. Ao meu marido, Junior, por todas as vezes que não me deixou desistir do sonho antigo. À minha filha, Helena, motivo dos meus maiores esforços.

AGRADECIMENTOS

Enfim, chegou o grande momento!

Agradeço esta conquista tão desejada por mim:

A Deus, por oferecer todos os meios para que eu pudesse realizar esse sonho.

À minha equipe formada pelas pessoas mais preciosas com quem compartilho minha existência: a minha família. Primeiro, aos meus pais, que me levaram todas as quintas-feiras de Aguai, minha cidade, para Casa Branca ou Pirassununga para que eu pudesse pegar o ônibus para Uberaba-MG, sempre dispostos; por buscarem minha filha na escola, participarem com ela das festinhas de que eu não pude participar devido às aulas e aos eventos acadêmicos, além de serem exemplo de amor e dedicação incondicional. Depois, à minha sogra Ana Cristina, meu sogro Juscelino, minha cunhada Ellen e minha sobrinha Bianca, por cuidarem da minha filha, por serem meus olhos e ouvidos e fazê-la tão feliz enquanto eu não estava por perto. Novamente à minha sobrinha Bianca, quem primeiro acreditou que esse sonho poderia ser real mesmo com tantas motivações contrárias e fez com que eu também acreditasse. Sem seu apoio, provavelmente este momento não existiria. À minha sobrinha Jéssica, que sempre auxiliou nas minhas dificuldades digitais em todos os trabalhos e apresentações realizadas durante esses dois anos de estudos. Em especial, ao meu marido, meu maior incentivador durante o curso, a quem procurei nos momentos de medo, angústia e desespero e obtive a paz de que eu precisava para continuar. A ele também, que me buscava de madrugada todas as sextas-feiras em Pirassununga para que chegasse em casa ainda para o fim de semana.

À minha filha Helena, a quem tive que privar da minha presença durante dois dias na semana por um ano, mas que é razão maior das minhas conquistas.

À gestora da escola em que trabalho, por conciliar meus horários de trabalho com os horários do curso e eventos acadêmicos, não medindo esforços para auxiliar nas questões administrativas.

Aos alunos da escola em que trabalho, pela disposição na participação da pesquisa.

Aos familiares e amigos com quem compartilhei minhas aflições, que ajudaram a resolver os dilemas e vibraram com cada conquista durante o curso.

Aos colegas da turma V do Profletras da UFTM *campus* Uberaba-MG, pelas trocas de experiências que em muito contribuíram para que eu me tornasse uma profissional melhor.

À minha orientadora, Juliana Bertucci Barbosa, pelas valiosas contribuições à minha dissertação, pela paciência, dedicação e por aliviar meu coração quando tudo parecia perdido.

Aos professores do Profletras, por todos os esclarecimentos, pelas referências teóricas, pela disposição e pelo compartilhamento de todo o saber.

À banca de qualificação, pelas considerações essenciais que tanto aperfeiçoaram minha pesquisa.

À banca de defesa do mestrado, pelo tempo dedicado à apreciação e estudo do meu trabalho.

À Capes, pelo financiamento à pesquisa.

"A vida não me chegava/ pelos jornais nem pelos livros/ Vinha da boca do povo/ Língua errada do povo/
Língua certa do povo/ Porque é ela que fala o português gostoso do Brasil/ Ao passo que nós/ O que
fazemos/ É macaquear/ A sintaxe lusíada"

Manuel Bandeira

RESUMO

A Variação Linguística não é um assunto novo no ambiente escolar; entretanto ainda é possível observar nos livros didáticos dedicados ao ensino da língua materna uma explanação superficial sobre o tema. Geralmente, a Variação Linguística é abordada em um único capítulo e/ou por meio de quadrinhos, com forte presença de personagens estereotipadas de algumas localidades brasileiras, o que acentua o preconceito linguístico e, muitas vezes, social já existente. Esse quadro vem se alterando paulatinamente graças a um novo olhar promovido tanto pelos documentos norteadores da educação básica — desde os PCN até, mais recentemente, a BNCC — quanto pelos estudos de Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008), Coelho (2019), entre outros. No entanto, ainda é preciso avaliar as atividades propostas de modo que se possa evitar o preconceito arraigado nos livros e aperfeiçoar a exploração linguística dos discursos nos gêneros textuais, mostrando que é possível ampliar as possibilidades de escolhas linguísticas a serem utilizadas dependendo do contexto social e da situação comunicativa. Para isso, optou-se pelo trabalho com o gênero discursivo-textual crônica, por ser um texto acessível aos aprendizes e mais aberto às diversas possibilidades de escolha linguística. Além disso, como acreditamos que o trabalho com a Variação não deve estar restrito apenas a um momento no ano letivo ou a uma única unidade do livro didático, elaboramos um conjunto de atividades que o professor poderá utilizar como material complementar em suas aulas. Assim, organizamos um *e-book* intitulado *O mesmo mundo, um novo olhar: Oficinas de Variação Linguística*, que visa ao ensino de Variação Linguística a partir de crônicas, adaptado ao formato *e-book*, que abre a possibilidade de aplicação em contexto remoto, como ocorreu no período de pandemia da Covid-19. São dez oficinas em que, a partir de textos escritos por diferentes autores, o aluno não só reconhece as variedades linguísticas e os fatores que as influenciam — localidade, nível de escolaridade, profissão, nível econômico, época, estilo etc. — como também é levado a perceber o preconceito linguístico presente em algumas obras. Como resultado, durante e após a aplicação das atividades propostas, verificamos que os alunos foram capazes de compreender que a língua não é estática e, sendo dinâmica, sofre variação, e que cada situação comunicativa demanda um uso adequado da língua de forma mais ou menos monitorada. Além disso, o trabalho com o gênero discursivo-textual oportunizou o aumento do repertório cultural e o desenvolvimento de um senso crítico mais apurado nos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: variação linguística; ensino de língua portuguesa; crônica; gêneros discursivo-textuais; ensino remoto

ABSTRACT

Linguistic variation is not a new subject in the school environment, however, it is still possible to observe in the textbooks dedicated to the teaching of the mother tongue, a superficial explanation on the subject. Generally, Linguistic Variation is addressed in a single chapter and / or through comics, with a strong presence of stereotyped characters from some Brazilian locations, which accentuates the linguistic and, often, social prejudice that already exists. This picture has been gradually changing thanks to a new look promoted both by the guiding documents of basic education - since the PCN's such as, more recently, the BNCC, and by the studies of Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008), Coelho (2019), among others. However, it is still necessary to evaluate the proposed activities in order to avoid prejudice rooted in books and improve the linguistic exploration of discourses in textual genres, showing that it is possible to expand the possibilities of linguistic choices to be used depending on the social context and communicative situation. For this, we chose to work with the chronic discursive-textual genre because it is a text accessible to learners and more open to the various possibilities of linguistic choice. In addition, as we believe that working with Variation should not be restricted to just one moment in the school year or a single unit of the textbook, we have developed a set of activities that the teacher can use as complementary material in his classes. Thus, we organized an e-book “O mesmo mundo, um novo olhar: Oficinas de Variação Linguística” (Workshop Notebook) aimed at teaching Linguistic Variation based on Chronicles adapted to the e-book format that opens the possibility of application in a remote context, as occurred in the Covid 19 pandemic period. There are ten workshops in which, from texts written by different authors, the student not only recognizes the linguistic varieties and the factors that influence them - locality, level of education, profession, economic level, time, style etc. - but is also led to perceive the present linguistic prejudice in some works. As a result, during and after the application of the proposed activities, we could verify that the students were able to understand that the language is not static and, being dynamic, suffers variation and that each communicative situation demands an adequate use of the language more or less monitored. In addition, working with the discursive-textual genre provided an opportunity to increase the cultural repertoire and develop a more refined critical sense in students.

KEYWORDS: linguistic variation; Portuguese tongue teaching; chronic; discursive-textual genres; remote teaching

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fotografia da página do 9º ano do <i>blog</i> da escola	50
Figura 2 - Localização de Aguaí no Estado de São Paulo	51
Figura 3 - Mapa de Aguaí e cidades próximas	51
Figura 4 - Capa do <i>e-book</i> de oficinas	53
Figura 5 - Recorte de seção de livro didático 1	59
Figura 6 - Recorte de seção de livro didático 2	59
Figura 7 - Recorte de seção de livro didático 3	61
Figura 8 - Recorte de seção de livro didático 4	62
Figura 9 - Recorte de seção de livro didático 5	63
Figura 10 - Propostas de contínuos de Bortoni-Ricardo (2004).....	78
Figura 11 - Distribuição das variantes “bolacha” e “biscoito” no Brasil	82
Figura 12 - Exemplo de situação de variação linguística em tirinha.....	106
Figura 13 - Resposta do aluno C	107
Figura 14 - Exemplo de situação de preconceito linguístico em tirinha	108
Figura 15 - Resposta do aluno A	110
Figura 16 - Resposta do aluno B	111
Figura 17 - Resposta do aluno C	111

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Você acha que existe certo ou errado na Língua Portuguesa?	56
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- O <i>e-book</i> de oficinas elaborado.....	16
Quadro 2 - Atividade 1 da Oficina 1	78
Quadro 3 - Atividade 2 da Oficina 1	80
Quadro 4 - Atividades 2 e 3 da Oficina 2	82
Quadro 5 - Atividade sobre a crônica “Pronomes” da Oficina 2.....	84
Quadro 6 - Atividade 6 da Oficina 2	87
Quadro 7 - Atividade 2 da Oficina 3	91
Quadro 8 - Atividade 4 da Oficina 3	95
Quadro 9 - Atividade 2 da Oficina 4	98
Quadro 10 - Atividade 2 da Oficina 5	101
Quadro 11 - Atividade 3 da Oficina 5	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

CENPEC – CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO
COMUNITÁRIA

COVID-19 – *CORONA VIRUS DISEASE 2019*

ENEM – EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

EF – ENSINO FUNDAMENTAL

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

PB – PORTUGUÊS BRASILEIRO

PCN – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

PNLD – PLANO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO

SESI – SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A TEORIA DA VARIAÇÃO E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA	18
2.1	VARIAÇÃO DENTRO E FORA DA LÍNGUA: FATORES EXTERNOS E INTERNOS À LÍNGUA E TIPOS DE VARIAÇÃO	19
2.2	PROPOSTA DOS CONTÍNUOS PARA O PB DE BORTONI-RICARDO (2004, 2005).....	23
2.3	ENSINO DE LÍNGUA E COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO: O PAPEL DA SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA	26
3	O GÊNERO CRÔNICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	34
3.1	O GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL CRÔNICA: CARACTERÍSTICAS.....	38
3.2	O GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL CRÔNICA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	41
3.3	EXPLORANDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM/DO GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL CRÔNICA.....	42
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CORPUS	47
4.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA E DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA (ALUNOS)	50
4.2	DETALHAMENTO DA CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: <i>E-BOOK</i> DE OFICINAS <i>O MESMO MUNDO, UM NOVO OLHAR</i>	52
5	RESULTADOS DAS ANÁLISES	55
5.1	RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	55
5.2	ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL	57
5.2.1	O livro didático <i>Singular e plural</i> (autoras Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart, anos 6º ao 9º, PNLD 2016 — atende aos anos 2017, 2018, 2019 e 2020)	58
5.2.2	O livro didático <i>Se liga na língua</i> (autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, 9º ano, PNLD 2020 — atende aos anos de 2020, 2021, 2022 e 2023).	60
6	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: E-BOOK DE OFICINAS	65
6.1	DESCRIÇÃO DO <i>E-BOOK</i> DE OFICINAS	65
6.1.1	Oficina 1 – Reconhecendo a variação linguística.....	65
6.1.2	Oficina 2 – Reconstruindo “certo” e “errado” na língua	66
6.1.3	Oficina 3 – Desvendando o preconceito linguístico	67
6.1.4	Oficina 4 – A língua como instrumento de poder	68
6.1.5	Oficina 5 – Variação regional ou diatópica	70
6.1.6	Oficina 6 – Variação social ou diastrática e variação diacrônica	72

6.1.7 Oficina 7 – Variação estilística ou diafásica	73
6.1.8 Oficina 8 – Variação na fala e na escrita ou variação diamésica	74
6.1.9 Oficina 9 – A crônica	75
6.1.10 Oficina 10 – A escrita da crônica	75
6.2 DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DAS OFICINAS NAS TURMAS DE 9º ANO DO EF76	
6.2.1 Aplicação da Oficina 1 – Definições e conceitos	77
6.2.2 Aplicação da Oficina 2 – Que língua falamos?	82
6.2.3 Aplicação da Oficina 3 – Preconceito linguístico	90
6.2.4 Aplicação da Oficina 4 – Língua como instrumento de poder	96
6.2.5 Aplicação da Oficina 5 – Variação regional ou geográfica ou diatópica	100
6.3 AVALIAÇÃO DA APLICAÇÃO DAS OFICINAS	105
2 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICE A	119
APÊNDICE B.....	122
APÊNDICE C	125

1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa, no Brasil, assim como outras línguas naturais, possui variações linguísticas que, de certa forma, estão associadas geográfica e socialmente à forma como as pessoas se expressam e agem dentro da sociedade. Entretanto, embora muito já se reconheça sobre as diferentes formas da língua, ainda encontramos muita resistência ao ensino da variação nas escolas e preconceitos linguísticos em relação ao modo de falar de algumas comunidades e/ou grupos sociais. Um exemplo disso é o fato de, mesmo após 20 anos da publicação do livro *Preconceito Linguístico*, de Bagno (1999), ainda haver muitos preconceitos decorrentes do valor social que é atribuído aos diferentes modos de falar. Para evitar tais atitudes linguísticas preconceituosas, é necessário que se trabalhem questões sociolinguísticas em sala de aula. Documentos norteadores do ensino de língua portuguesa no Brasil, desde a década de 1990, já abordavam o preconceito e o respeito à diversidade, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), por exemplo, que se referem à existência de uma única forma “certa” de falar como um mito de que a escola precisa se livrar. Outro mito a ser eliminado pela escola é o da necessidade de “consertar” a fala do aluno no intuito utópico de que ele deixe de escrever “errado”. Para os PCN, essas crenças desvalorizam a cultura de uma comunidade e demonstram ignorância, já que a escrita de uma língua, mesmo que na sua variedade de maior prestígio em determinado momento, não corresponde a nenhum de seus dialetos (Brasil, 1998).

Mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), ao explicitar seu compromisso com uma educação integral, reconhece que a Educação Básica deve formar o aluno de uma forma global e promover uma educação que respeite as diversidades, acolhendo, reconhecendo e promovendo o desenvolvimento pleno dos sujeitos de aprendizagem, valorizando suas singularidades (Brasil, 2018).

Na prática, tanto o professor como os livros didáticos parecem não incluir como bagagem sociocultural a variedade trazida pelo estudante. Basta uma palavra dita no dialeto de origem do aluno para que surjam correções imediatas pelo professor e colegas de classe. A base do preconceito linguístico, então, encontra-se justamente no local em que deveria ser repudiada: na escola. Cabe mencionar que compete à escola desenvolver as competências linguísticas do aluno exigidas, muitas vezes, nas esferas sociais em que estão presentes a(s) norma(s) culta(s)¹,

¹ Discutiremos posteriormente concepções de norma(s) neste trabalho. Entretanto cabe pontuar que partimos dos conceitos de “normas” de Faraco (2008). A “Norma Padrão” (plano da idealização), de acordo com Faraco (2008), não é uma variedade da língua (como é a norma culta), mas “uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos

mas isso não pode resultar na exclusão das outras normas, mais coloquiais, com que o aluno tem contato desde que nasceu. Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p.15), infelizmente, o ensino da norma culta brasileira não leva em consideração a bagagem cultural e linguística do aluno. Da mesma forma, a língua-padrão também não é ensinada de forma eficiente. Fica evidente, então, que só a partir do ensino de língua sensível à variação linguística poderemos levar os alunos da Educação Básica a reconhecer-se, resgatar sua identidade percebendo-se como pertencentes a um grupo. Da mesma forma, eles serão capazes de reconhecer a identidade do outro e respeitá-la.

Além disso, entender que a língua é utilizada como instrumento de poder (Gnerre, 1991) pelas elites, que consideram “erradas” as variedades linguísticas dos menos favorecidos, fará com que os alunos se atentem aos textos tendenciosos publicados pela mídia, analisando-os de forma mais crítica e responsável. Para isso, é necessário que se desenvolva a competência comunicativa do aluno, ou seja, sua capacidade de utilizar as variedades da língua de acordo com a situação e/ou a finalidade do ato de fala, apresentando-lhe atividades que promovam o contato com as situações reais de uso da língua nos mais diversos enunciados.

Assim, partindo dessas considerações iniciais, parece-nos justificável o trabalho com a variação em sala de aula. Dessa forma, neste trabalho, temos como objetivo geral investigar como os diferentes tipos de variação linguística podem ser explorados em aulas de língua portuguesa para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública da cidade de Aguai /São Paulo, a partir do gênero discursivo-textual crônica.

Esta dissertação, além da Introdução e das Considerações Finais, está organizada em quatro seções, sendo que:

(i) a primeira e a segunda apresentam, sucintamente, o referencial teórico da pesquisa, respectivamente, sobre variação e ensino (com base em autores como Stella Maris Bortoni-Ricardo, Carlos Alberto Faraco, Maria Marta Pereira Scherre e Marcos Bagno etc.) e sobre o gênero crônica, delineando suas características, pensando sobre o gênero no contexto escolar e sobre como a variação linguística pode ser explorada por meio dele.

(ii) a terceira seção destina-se a contextualizar a comunidade linguística e o público-alvo da pesquisa, assim como a metodologia utilizada.

políticos de uniformização linguística” (Faraco, 2008, p.75). Já a “Norma Culta”, segundo Faraco (2008, p.75), no plano da realização, é a variedade que os letrados usam em suas práticas mais monitoradas de fala e escrita. Para Faraco (2008, p.40), não existe uma única norma culta, já que cada comunidade linguística possui várias normas. A própria heterogeneidade das relações sociais está relacionada a essa pluralidade de normas.

(iii) a quarta seção apresenta a proposta de intervenção e a descrição de sua aplicação em sala.

A pergunta de pesquisa “Como desenvolver uma sequência de atividades/oficinas que explorem a variação linguística através do gênero discursivo-textual crônica?” foi norteadora deste trabalho. No decorrer do ano de 2019, encontramos nas Olimpíadas de Língua Portuguesa uma oportunidade de trabalhar com oficinas de crônicas no 9º ano do Ensino Fundamental. O gênero foi bem aceito pelos alunos, os quais conseguiram melhorar o desempenho em leitura e interpretação de texto, com a ampliação do seu conhecimento de mundo e o aumento da capacidade de se posicionar frente aos assuntos do cotidiano. Isso porque a crônica é a forma pela qual o autor expressa seus sentimentos, suas opiniões, sobre algo trivial, algo a que todos têm acesso.

Assim, além de ser um convite à reflexão e ao posicionamento pessoal, a crônica também é um gênero que se aproxima do leitor graças aos diversos contextos sociais que são representados por ela e, portanto, está relacionado às interações sociais e, consequentemente, às variedades linguísticas utilizadas nessas interações e ao estilo de linguagem adequados a cada situação comunicativa. Desse modo, para a realização das atividades, aliamos o estudo de um conhecimento que não era ensinado na escola ou o era de forma insuficiente — a variação linguística — a uma metodologia que tem tido bons resultados entre os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental: as oficinas de crônicas.

Como produto deste trabalho, elaboramos um *e-book* intitulado *O mesmo mundo, um novo olhar*, que proporciona o aumento do repertório cultural, o reconhecimento da pluralidade linguística e o desenvolvimento de um senso crítico mais apurado no aluno em relação aos diferentes usos da língua e poderá ser utilizado e adaptado por professores da Educação Básica em sala de aula.

O *e-book* traz dez oficinas. Nelas, sugerimos o trabalho com, pelo menos (exceto a primeira oficina), uma crônica. No total, são 14 crônicas em que é possível explorar os tipos de variação linguística, perceber a crítica ao preconceito linguístico nas obras, estudar o gênero crônica e aprender a elaborar textos do gênero. Na primeira oficina não trabalhamos nenhum tipo de crônica, por se tratar de uma etapa de preparação e contextualização do projeto em que são discutidos alguns conceitos iniciais sobre normas. Na última oficina, a crônica será elaborada pelos estudantes. Na tabela abaixo são discriminadas as crônicas constantes do projeto, em qual oficina foram utilizadas e o objetivo que pretendemos atingir ao explorá-las.

Quadro 1 - O e-book de oficinas elaborado.

OFICINA	CRÔNICA	AUTOR	OBJETIVO DE ESTUDO
2	Pronomes	Luis Fernando Verissimo	Contextualização do projeto/ Normas/ Preconceito
3	Preconceito linguístico na balada	Sérgio Rodrigues	Preconceito linguístico
4	Eloquência singular	Fernando Sabino	A língua como instrumento de poder
5	O nascer de um apelido	Luis Fernando Verissimo	Variação regional
6	- Tentando escrever uma crônica em 2017 - Ser brotinho	- Antônio Prata - Paulo Mendes Campos	Variação social ou diastrática
7	- Povo - O jargão	- Luis Fernando Verissimo - Luis Fernando Verissimo	Variação estilística
8	- Zona Norte, Zona Sul - Os moralistas	- Luis Fernando Verissimo - Luis Fernando Verissimo	Variação diamésica
9	- O nascimento da crônica - Um caso de burro - Um caso de burro - México 70 - O amor reciclado	- Machado de Assis - Machado de Assis - Armando Nogueira - Moacyr Scliar	Análise de figuras de linguagem Análise da elaboração de uma crônica Assuntos tratados pelas crônicas

Fonte: elaborado pela autora.

A escola participante da pesquisa situa-se em uma pequena cidade no interior do Estado de São Paulo. Trata-se de uma escola pública pertencente à rede municipal de ensino que recebe alunos tanto da zona urbana quanto da zona rural. Das 25 salas de aula de Ensino Fundamental I e II, foram escolhidos os alunos dos 9ºs anos do Ensino Fundamental II para o trabalho com a variação linguística por meio de crônicas. Acreditamos que as atividades propostas possam beneficiar todos os anos escolares. No entanto, é o 9º ano o período escolar que os documentos norteadores do ensino de língua portuguesa sugerem a abordagem do gênero crônica. Além disso, para um melhor aproveitamento das atividades que serão propostas no gênero abordado, será necessário que o discente tenha construído um repertório dos gêneros textuais já estudados anteriormente, já que esses farão a intertextualidade com outros textos de outros gêneros. Assim, os alunos já estarão mais bem preparados para analisar criticamente os textos propostos.

É parte da nossa experiência docente trabalhar com diversidade de temas e variar as atividades para que o ensino de língua portuguesa não se torne algo enfadonho, monótono. Desse modo, estarão presentes nas oficinas atividades de leitura, algumas lúdicas, utilizando música, jogos, atividades orais, escritas e que envolvam a construção do próprio conhecimento de forma que o aluno reflita sobre o que está estudando, participando ativamente como protagonista na construção do próprio conhecimento, deixando marcas da sua identidade no processo, sabendo que é capaz de aprender.

2 A TEORIA DA VARIAÇÃO E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Nesta seção, apresentamos, sucintamente, algumas concepções básicas da Teoria da Variação que podem contribuir para o ensino de língua materna. Mais especificamente, apresentamos algumas reflexões no âmbito da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005) e da Pedagogia da Variação Linguística (Faraco, 2008).

Como já mencionado, a língua está sempre se modificando, novas palavras são criadas, algumas são modificadas e outras entram em desuso. Tudo isso de acordo com a necessidade do falante. Pode-se dizer, então, que a linguagem está em contínua evolução a fim de se adaptar às mudanças sociais, econômicas e culturais do sujeito. Além dessas adaptações na linguagem que vão sendo realizadas com o passar do tempo, há também as variedades linguísticas próprias de cada falante e de cada situação de interação.

Na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, que tem como propulsor Labov, a língua é heterogênea, variável e pode sofrer mudanças (Coelho et al, 2019). A variação linguística diz respeito aos elementos da língua (chamados de variantes) que concorrem para a expressão de um significado, como, por exemplo, dentre outros, um fenômeno variável no português brasileiro (PB), a expressão de segunda pessoa do singular, que pode se realizar (ter como variantes) por meio das formas TU ou VOCÊ. Já a mudança, resultante de um período de variação, acontece quando um elemento na língua (que concorria com outro com a mesma função) deixa de ser usual ou passa a ser empregado com outra função. Segundo Peres (2007), a forma “Vossa Mercê” é um exemplo de mudança no PB. O “Vossa mercê” foi forma cortês para o tratamento ao rei de Portugal, nos séculos XIV e XV, e posteriormente foi se popularizando e perdendo substância fonética, dando origem ao pronome “você” e às formas “ocê” e “cê”, presentes no PB atualmente.

Feitas as considerações acima, nas subseções seguintes buscaremos compreender a variação linguística partindo das definições de Coelho et al (2019) sobre as variações no português brasileiro e dos fatores externos e internos para que elas aconteçam. Em seguida, serão apresentados os conceitos de Bortoni-Ricardo (2004-2005), que trazem considerações sobre o respeito à diversidade linguística na sala de aula devido à pluralidade cultural do alunado, incitam reflexões sobre a cultura do “erro” que permeia a nossa sociedade e propõem que o que é considerado como “erro” seja entendido como uma diferença de variedade e não como uma falha do aluno. Além disso, a autora, a fim de que os alunos possam monitorar seu próprio estilo, apresenta noções de adequação linguística.

Depois, enfocaremos os ensinamentos de Faraco (2008), que esclarece o termo “norma”, diferencia norma culta escrita e norma culta falada, norma curta e norma padrão. Sua obra traz explicações que permitem entender a) a distância entre a norma padrão e a norma culta e b) a origem do preconceito linguístico. Para o autor, o fato histórico de a elite letrada do século XIX ter a intenção de formar uma nação branca europeia, buscando um distanciamento do restante da população etnicamente mista através da inspiração nos escritores portugueses (já que imitar os escritores clássicos era idealizado pelas pessoas ditas cultas), foi determinante para o surgimento da cultura do certo e errado arraigada até hoje na sociedade brasileira. Isso é claramente observado quando o brasileiro afirma “falar errado” a própria língua, ou então em alunos que, por pertencerem a classes menos abastadas e falarem uma variedade muito distinta da que é ensinada na escola, pensam que “não sabem o português”.

Por fim, complementaremos a seção teórica de variação linguística com as determinações dos documentos norteadores da educação básica presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) quanto ao tratamento à diversidade na escola, e aludiremos às reflexões de Marcos Bagno e Marta Scherre a respeito do preconceito linguístico.

Dessa forma, com base nos autores acima, este trabalho tem a intenção de desconstruir a ideia de que existe apenas uma norma “certa”, e promover atividades que valorizem as diferenças e combatam o preconceito linguístico.

2.1 VARIAÇÃO DENTRO E FORA DA LÍNGUA: FATORES EXTERNOS E INTERNOS À LÍNGUA E TIPOS DE VARIAÇÃO

De acordo com Coelho et al (2019), a língua varia de acordo com fatores presentes na sociedade e fatores que podem ser encontrados na própria língua, ou seja, que ocorrem fora ou dentro da língua. Esses fatores são denominados respectivamente condicionadores extralinguísticos e condicionadores linguísticos. São eles que regulam a escolha por uma ou outra variante, ou seja, por uma ou outra forma que disputa pela expressão de uma variável. A variável é o lugar na gramática em que se localiza a variação.

As variantes cultas são as que pertencem às variedades cultas da língua e, geralmente, aparecem em contextos de maior letramento e possuem maior prestígio social. Já as variantes coloquiais são quase sempre inovadoras e mais estigmatizadas. No entanto, é importante frisar que algumas expressões vêm perdendo o estigma com o tempo, sendo utilizadas em situações

mais formais também, como é o caso da variante “a gente”, muitas vezes utilizada no lugar da variante “nós”, até em situações mais formais da comunicação.

O que faz com que uma variante seja escolhida em detrimento de outra em uma determinada situação comunicativa não é algo aleatório. Numa dimensão interna da língua, temos condicionadores linguísticos, como os aspectos semânticos, a ordem dos elementos nas orações, a classe de palavras etc. Em uma dimensão externa, temos os condicionadores sociais, mais ligados ao grau de escolaridade, sexo/gênero, faixa etária, nível socioeconômico etc.

Em relação à dimensão interna da língua (variação interna da língua), temos os seguintes tipos de variações²:

- **Variação lexical**, ou seja, as palavras diferentes de cada região que são utilizadas para se referir a um mesmo significado. Como exemplo, temos as palavras “mandioca”, “aipim” e “macaxeira”, que nomeiam o mesmo objeto no mundo real em regiões diferentes do Brasil;
- **Variação fonológica**, referente aos fenômenos sonoros que ocorrem na língua, no âmbito do fonema. Um exemplo é a despalatalização seguida de iotacismo nas palavras **paia** (em vez de “palha”), **muié** (em vez de mulher);
- **Variação morfofonológica, morfológica e morfossintática**, referente à variação em nível de morfema, ou seja, a menor unidade da palavra. Quando a variação está no âmbito do fonema, como no caso anterior, temos uma variação fonológica, mas, quando os morfemas que caem são também fonemas, chamamos de variação **morfofonológica**. Exemplo: **cantano** (em vez de “cantando”), em que o morfema *-ndo*, indicativo de gerúndio, é substituído por *-no*. Aqui houve o fenômeno fonológico da assimilação (com a queda do fonema /d/), mas também a queda do morfema. Como exemplo de variação **morfológica**, temos a alternância entre “nós” e “a gente” em “a gente anda” ou “nós anda(mos)”. É uma escolha da forma pronominal. Já como exemplo de variação **morfossintática**, podemos citar os casos em que o pronome carrega o significado de pessoa do verbo: a referência a P2³ em “tu anda” e a referência a P6⁴ em “eles anda”;
- **Variação sintática**, relativa às várias maneiras como as orações podem ser estruturadas. Como exemplo, temos as seguintes construções:

²Exemplos extraídos de Coelho et al (2019).

³ A sigla P2 significa segunda pessoa do singular, de acordo com algumas gramáticas descritivas.

⁴ A sigla P6 significa terceira pessoa do plural, de acordo com algumas gramáticas descritivas.

- a) “O filme *a que* me referi é muito bom.”
- b) “O filme *que* me referi é muito bom.”
- c) “O filme *que* me referi *a ele* é muito bom.”

Sendo que em a) temos uma construção que já está caindo em desuso na linguagem espontânea, em b), a sua substituta, e em c), uma construção geralmente utilizada pelos menos escolarizados e, portanto, mais estigmatizada;

- **Variação discursiva**, relacionada à significação dentro de um contexto situacional. Como exemplo, citamos o uso de expressões de caráter discursivo como “mas bah!”, associada ao gaúcho, e “orra, meu”, associada ao paulista, constituindo variantes regionais. Geralmente, esses marcadores discursivos são chamados de *vícios de linguagem* nas gramáticas normativas.

Já em relação à dimensão externa da língua (variação externa da língua), podemos ter os seguintes tipos de variação⁵:

- **Variação regional**: também chamada de geográfica ou diatópica, dela fazem parte os itens lexicais particulares, o padrão de entonação e os traços fonológicos. Essas são marcas linguísticas que caracterizam a fala de uma região. Falantes de uma localidade apresentam dialetos diferentes. O estudo da variação regional pode ser feito comparando unidades espaciais como a variação entre países diferentes, entre regiões de um mesmo país, cidades do mesmo estado, bairro de uma mesma cidade, zona urbana e zona rural. Como exemplo, podemos citar o uso da palavra “menino”, utilizada em várias regiões do Brasil, e “guri”, mais comum no sul do país. Podemos citar também formas de pronúncia como a variante africada [tʃ] (como em [tʃ]ia) em oposição à não africada [t] (como em [t]ia), entre muitas outras ocorrências;

- **Variação social ou diastrática**: geralmente, esses condicionadores são o grau de escolaridade em que se percebe o uso das variedades cultas da língua pelos mais escolarizados; o nível socioeconômico (os estudos labovianos apontam que os mais privilegiados socialmente optam pela variante padrão, enquanto os menos favorecidos utilizam a variante não padrão); o sexo/gênero (os estudos mostram que as mulheres preferem utilizar variantes mais valorizadas socialmente); e a faixa etária, em que se leva em conta a idade do falante. Como exemplo de variação condicionada pelo grau de escolaridade e nível econômico, podemos citar o uso da

⁵ Idem à nota anterior.

expressão “*nós vamos*” e “*a gente vai*” pelos mais escolarizados e privilegiados economicamente, e “*nós vai*” ou “*a gente vai*” pelos menos escolarizados ou menos privilegiados economicamente, ou então o maior uso da concordância padrão pelos que pertencem ao primeiro grupo, como em “*as meninas*”, em oposição à não realização da concordância pelo segundo grupo, como em “*as menina*”. Um exemplo do condicionador faixa etária é o estudo de Emilio Pagotto (2001) apud Coelho et al (2019) com dados do Varsulque, que trata da utilização, em Florianópolis, da variante africada palatal [tʃ]ia pelos mais novos enquanto os mais velhos preferem a não africada[t]ia;

- **Variação estilística ou diafásica:** pauta sobre a adequação às diferentes situações comunicativas. Pode expressar relações de poder e solidariedade, indicando hierarquia, grau de intimidade/proximidade, como, por exemplo, na relação estabelecida na fala de pai para filho, patrão para empregado, pessoas mais velhas para pessoas mais novas, relação na fala entre amigos, entre irmãos etc. Assim, situações formais pedem uma linguagem mais monitorada (registro formal), enquanto situações informais, uma fala coloquial (registro informal). Um exemplo desse tipo de variação é a fala de uma empregada ao se referir à patroa como “*senhora*” em contraposição a “*você*”, utilizado pela patroa ao se referir à empregada;

- **Variação entre a fala e a escrita ou diamésica:** esse tipo de variação se manifesta em dois códigos diferentes, na fala e na escrita. A fala é mais natural, espontânea e mais propensa a variações. A escrita tende a ser mais monitorada, planejada e, portanto, menos variável. A alternância entre os pronomes *nós* e *a gente* na fala e na escrita é um exemplo desse tipo de variação;

- **Variação histórica:** refere-se aos estágios de desenvolvimento de uma língua ao longo da história. O exemplo clássico é o citado há pouco: “*Vossa Mercê*”, forma cortês com que se tratava o rei de Portugal nos séculos XIV e XV que, segundo Peres (2007), sofreu várias mudanças, originando a palavra “*você*” e, mais recentemente, “*ocê*” e “*cê*”. Silva e Silva (2014) admitem que as transformações por que passam a língua, seja por fatores culturais, geográficos ou de gerações diferentes, dão-se, em sua maioria, em decorrência das variações históricas, o que é mais bem percebido ao fazer a comparação da mesma língua em regiões distintas ou em uma mesma região com pessoas de culturas ou gerações diferentes. Como exemplo, os autores citam o vocábulo “*mulher*”, na variedade padrão, e “*muyé*”, na variedade não padrão, derivado do latim *muliere*.

Os condicionadores externos não operam independentemente entre si. Há um conjunto de forças atuando juntas e formando a variedade de cada comunidade. A título de exemplo, alguém que resida em zona rural, sem ter frequentado a escola, com mais idade, tende a utilizar por exemplo “prantei” (no lugar de “plantei”), “artura” (no lugar de “altura”, “foia” (no lugar de “folha). No entanto, isso não é uma regra. Outros condicionadores podem agir e quebrar essa expectativa. A convivência com pessoas mais escolarizadas, por exemplo, pode influenciar na escolha da variedade utilizada, assim como a vontade de pertencer a um outro grupo socioeconômico, entre outros fatores.

Os estudos de Labov também mostraram que os condicionadores extralinguísticos influenciam na relação entre língua e identidade (Coelho et al, 2019). Em nosso trabalho, exploraremos, principalmente, a partir das crônicas, os diferentes tipos de variações extralinguísticas (obviamente, os fenômenos linguísticos ligados a esses tipos de variações também serão explorados).

Cabe ressaltar que, segundo Bortoni-Ricardo (2005), independentemente do tamanho da comunidade de fala, há sempre variação linguística. Essa variação pode ser de gênero, grupos etários, status socioeconômico, escolarização, mercado de trabalho, rede social, fala e escrita, estilo, entre outros.

2.2 PROPOSTA DOS CONTÍNUOS PARA O PB DE BORTONI-RICARDO (2004, 2005)

Como aponta Bortoni-Ricardo (2005), outra motivação para se trabalhar as várias diferenças sociolinguísticas no ambiente escolar (além de a variação linguística ser uma característica/fato da língua) se deve à abertura da escola para todas as classes sociais. A sociedade brasileira, a partir da década de 1970, mudou rapidamente, como afirmam Mollica et al (2008, p.64):

Durante três décadas, um processo migratório rápido e amplo ocorreu no Brasil a tal ponto que inverteu demograficamente o percentual da população no campo versus cidade. Nos idos de 60 tínhamos 70% de brasileiros no campo e 30% na cidade. Hoje contamos com o inverso: a população do campo se reduziu a menos de 30% e as cidades sofreram um grande crescimento, de modo que concentram mais de 70% dos habitantes. (MOLLICA et al, 2008, p.64)

Essas mudanças, motivadas, principalmente, a partir do processo migratório, também foram observadas na escola. Enquanto muitos chegavam às cidades, era necessário, também, oferecer-lhes a possibilidade de frequentarem as escolas. Entretanto, os modelos tradicionais

vigentes de ensino de língua não atendiam à nova demanda escolar. O novo público escolar era formado por alunos de famílias, geralmente, oriundas do meio rural, que, em busca de condições melhores de vida e emprego, povoavam as periferias dos centros urbanos e possuíam modos de falar diferentes do urbano.

Passadas algumas décadas, infelizmente ainda encontramos semelhantes encaminhamentos tradicionais em relação ao ensino de língua, que pouco (ou nada) considera essa diversidade linguística presente na própria escola. Como destacam Marine e Barbosa (2017), ainda encontramos um ensino pautado na gramática normativa, tratando a língua como homogênea, estratificada e consolidada e não como o que a língua realmente é, heterogênea, viva, dinâmica e múltipla de possibilidades e variedades.

Marine e Barbosa (2017) argumentam também que uma das razões para esse ensino continuar tradicional está na formação inicial e continuada de muitos professores de língua portuguesa. Sem saber como lidar com a variação em sala de aula, permeados por crenças falsas sobre a língua, acabam voltando-se para o ensino da língua normativa, argumentando que “a gramática normativa ele — o professor — conhece bem e que na sua época todos aprendiam assim!” (p.205). Essas condutas tradicionais estão presentes na escola participante da pesquisa, tanto na fala dos colegas de outras disciplinas como nas dos que ministram as aulas de língua portuguesa. Em uma análise reflexiva da minha própria práxis como professora, pude perceber esses eventos na minha prática docente anterior a esta pesquisa (por exemplo, a correção imediata do falar de um aluno, sem respeitá-lo na sua individualidade e, principalmente, perdendo a oportunidade de ensiná-lo — e aos outros — sobre as variedades da língua portuguesa, ou mesmo na aplicação de atividades que esbarravam no preconceito linguístico).

A insegurança do professor justifica-se pela pouca produção de materiais didáticos nessa área: “O resultado disso é que a variação linguística ou fica em segundo plano na prática docente ou é abordada de maneira, insuficiente, superficial quando não distorcida” (Bagno, 2007, p.29).

Como já destacamos, nessa perspectiva sociolinguística, o trabalho com a variação linguística em sala de aula não consiste em privilegiar uma variante em detrimento de outra, mas em superar os estigmas que se criam em seu entorno e reconhecer esse fenômeno em todos os seus níveis de ocorrência. O professor precisa primeiramente compreender o fenômeno da variação linguística, para posteriormente interferir na aprendizagem de seus alunos.

Para auxiliar na compreensão desse fenômeno no PB, além de saber as motivações internas e externas à língua que levam à variação (vistas na subseção anterior), Bortoni-Ricardo (2004) distribui a variação no português em três contínuos: “contínuo da urbanização”;

“contínuo da oralidade/letramento”; “contínuo da monitoração estilística”. Trata-se de três linhas imaginárias:

1. contínuo de urbanização — em uma ponta da linha está o falar rural, que é mais isolado devido às dificuldades geográficas de acesso (como rios e montanhas), à falta de meios de comunicação, à ausência de industrialização e comércio, como também da menor escolarização. Já na outra ponta está o falar urbano, que, pelo maior contato com os meios de comunicação, industrialização, comércio e escolas, aproxima-se do padrão correto de escrita e pronúncia. Não há rigidez que separe o falar rural do urbano, sendo que qualquer falante brasileiro pode ser situado em algum ponto desse contínuo. A autora classifica ainda alguns traços da fala brasileira que foram descontinuados nas áreas urbanas, mas estão presentes nas áreas rurais. São os traços descontínuos. Esses são os que possuem uma avaliação mais negativa nas áreas urbanas. No entanto, há traços que estão presentes na fala de todo contínuo. São os traços graduais. A autora denomina ainda como falar rururbano a fala utilizada em comunidades urbanas de periferia, onde há forte influência rural na cultura e na língua;

2 contínuo de oralidade-letramento — em uma ponta estão os chamados eventos de oralidade (língua falada), e na outra, os chamados eventos de letramento (língua escrita). Aqui também não há fronteiras rígidas entre uma e outra ponta. Em uma sala de aula, por exemplo, acontecem eventos de oralidade e eventos de letramento;

3 contínuo de monitoração estilística — em uma ponta há menos monitoração, ou seja, aí estão as interações espontâneas, e na outra ponta, as que são planejadas, exigindo do falante uma preparação anterior.

A autora define também competência linguística e competência comunicativa e ensina que o sujeito, ao chegar à escola, já possui competência linguística, ou seja, já é capaz de formar sentenças inteligíveis. Cabe à escola lapidar o conhecimento do aluno, de modo que ele seja capaz de aprender a utilizar recursos comunicativos adequados a cada gênero textual, a cada situação de interação. Em outras palavras, a função da escola é fazer com que o aluno aprenda recursos comunicativos necessários para desenvolver sua competência comunicativa nas mais diversas situações de interação social, nos mais diversos contextos. Ensinar a língua materna de forma que o aprendiz saiba empregar a linguagem mais adequada a cada situação comunicativa.

2.3 ENSINO DE LÍNGUA E COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO: O PAPEL DA SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA

Para discutir o papel da sociolinguística na sala de aula, atentamos às definições de Faraco (2008) sobre os conceitos de norma culta, norma curta, norma padrão e norma gramatical.

A norma culta, também chamada de comum ou *standard*, é “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (Faraco, 2008, p.73). A ela é atribuído um valor social positivo, de prestígio. No imaginário dos falantes, ela se tornou uma variedade superior.

A norma gramatical é a descrição e a consolidação dos instrumentos normativos. É importante frisar a flexibilização das prescrições, em especial a partir da segunda metade do século XX. Como a língua é heterogênea e dinâmica, ela precede esses instrumentos e, portanto, estes devem ser consonantes a ela.

A norma padrão não é uma variedade da língua e sim uma ideia abstrata, um “construto sócio-histórico”, como destacado por Bagno (2007), que serve de modelo para instaurar um processo de padronização linguística.

A norma curta, chamada por Faraco (2008) de “a miséria da gramática”, é um conjunto de normas impositivas e estreitas que não se apoiam nos bons instrumentos normativos nem em fatos, mas que dificulta o ensino da norma culta porque se ampara na cultura do erro. É também utilizada como justificativa para constranger as pessoas.

Independentemente de classe social, região, ou qualquer outro fator, pode-se dizer que toda criança já nasce com capacidade de aprender naturalmente sua língua materna. Ela assimila e desenvolve as regras de gramática da língua que ouve. Por isso, a linguagem do cotidiano já está internalizada quando o aluno chega à escola. Assim, o professor deve se preocupar em expor o aluno ao maior número de variedades possível e compará-las à norma culta, estabelecendo diálogos para que o discente a utilize nas situações em que seja essa a norma mais adequada.

É preciso ter cuidado com o modo de tratar a variação na sala de aula. Desqualificar a fala de um aluno e, por consequência, a da sua comunidade, faz com que o aprendizado da norma culta seja prejudicado. Sem preconceitos e gradativamente: é assim que deve ser ensinada a variedade de prestígio (Coelho et al, 2019). É nos estudos da Sociolinguística que a prática pedagógica deve ser embasada para tornar-se mais consciente e reflexiva, para entender o preconceito linguístico e combatê-lo.

Sobre isso, Bagno, em seu livro *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, afirma que há uma expectativa de que as pessoas falem de uma determinada maneira. O preconceito surge quando há uma quebra dessa expectativa. No Brasil, as elites socioeconômicas, que historicamente tiveram maior acesso à escolarização e aos bens culturais, falam de forma diferente do restante da população, o que as distancia dos demais. Há um interesse na manutenção dessa distância, o que lhes confere um status privilegiado, e é a linguagem o meio pelo qual essa distância é garantida. É como se a linguagem funcionasse como um arame farpado, de forma a proteger o território dos mais abastados.

O preconceito linguístico existe assim como o preconceito racial, de gênero, a homofobia, entre outros. No entanto, o enraizamento desse tipo de preconceito é tão forte que se tornou invisível, não havendo movimentos que denunciem a discriminação pela linguagem. Esse enraizamento se deve principalmente à formação histórica do Brasil e, mais tarde, ao fato de a qualidade da educação não ter acompanhado a massificação do ensino.

Faraco (2008) lembra que, com a chegada da família real ao Brasil, houve a tentativa de impor uma norma padrão no país, ou seja, a norma que era utilizada por escritores românticos da época. No entanto, a língua imposta não era aquela utilizada pela maioria da população, o que causou muita polêmica. Esse distanciamento deixa nítida a discriminação com a variedade das camadas populares. Assim, o preconceito linguístico surge de um conservadorismo exagerado e do desejo de separação entre as classes sociais por parte da camada detentora do poder. A língua foi se impondo e, aos poucos, incorporando outras palavras, conforme chegavam os estrangeiros aqui. Africanos, europeus, asiáticos contribuíram em muito para a ampliação do nosso vocabulário, tanto no local em que se estabeleciam como no português em geral. A língua continua em transformação através do uso e do crescente contato com a cultura estrangeira e por isso temos tantas palavras emprestadas de outras línguas no nosso cotidiano, os chamados “estrangeirismos” (Ormundo, 2018). Todas as línguas passam por transformações, e não foi diferente com Portugal. Pela influência de outras culturas, o português de Portugal não é o mesmo da época da colonização do Brasil, e, assim, temos duas variedades distintas do português. Dessa forma, fica claro que “certo” e “errado” são definidos por ideologia ou política. O “certo” é meramente convenção realizada pelo grupo que detém o poder.

Além do fator histórico, outro fator que contribui para o enraizamento do preconceito linguístico advém do fato de a qualidade da educação não ter acompanhado a massificação do ensino quando a escola passou a atender, além dos brasileiros que moravam nas cidades, também os do campo. Estes, na época, como vimos na seção anterior, em maior número que aqueles. A presença de muitos alunos na sala, com realidades diversas, e um ensino feito para

poucos prejudicaram em muito a qualidade da educação. Assim, o modelo tradicional de ensino não alcançava os que falavam de modo diferente do modo de falar urbano, gerando estranhamento, segregação e o preconceito que temos até os dias atuais. Esse problema tem sido alvo da discussão de linguistas e das instâncias oficiais de educação no Brasil, e os documentos norteadores da educação brasileira passaram a se preocupar com as questões relacionadas à variação da língua na sala de aula, bem como com o respeito à diversidade e o combate ao preconceito linguístico.

O que se tem presenciado também é que a mídia, os jornais de grande circulação, os revisores de editoras, os elaboradores de questões de concurso ou vestibulares ainda têm como referência uma norma estreita, rígida e sem fundamento, chamada por Faraco de norma curta. A norma curta é um conjunto de regras que não encontram apoio nos bons instrumentos normativos, nem em fatos, no entanto se sustentam na cultura do erro e contribuem para a disseminação do preconceito.

Conforme Faraco (2008), hoje a variedade que exerce a maior força de atração sobre as demais é a falada pela população urbana, com renda de média para alta, com bons níveis de escolaridade e que detém acesso aos bens da cultura escrita. Ela é a variedade que domina os meios de comunicação em nossa sociedade, seja num estilo menos monitorado, como nas novelas, ou mais monitorado, como nos noticiários. Segundo alguns estudiosos, trata-se do chamado português popular brasileiro. Esse alcance faz com que as pessoas considerem essa como a variante de prestígio. É a variedade escolhida pelos falantes ditos “cultos”. Pode-se dizer, portanto, que a norma culta não difere em muito da linguagem urbana comum quando mais monitorada (Faraco, 2008).

Ainda assim, algumas características peculiares da linguagem urbana comum são classificadas por conservadores como “erros” comuns da fala brasileira. Tudo que não está previsto pela norma padrão (artificial) é considerado como “erro”.

Em consonância a essas ideias, Bagno (2007) declara que o “erro” na fala, para a sociolinguística, é uma questão de quebra de expectativa, ou seja, espera-se que alguém que exerce um determinado papel na sociedade fale de determinada forma. Às vezes, essa expectativa é rompida. O “erro” seria uma variedade que ocorre simultaneamente a outra variedade e concorre com ela. Portanto, seria uma inadequação ao uso da língua.

Já o “erro” na escrita é uma transgressão às convenções ortográficas existentes. Nessa modalidade, há dois tipos de erro: os motivados pela oralidade, ou seja, pelo modo como o aluno pronuncia as palavras, e os motivados pela transgressão às regras de convenção ortográfica.

Sobre o preconceito linguístico, Bagno expõe que, em algumas sociedades que possuem mais de uma língua, existe sempre o preconceito com uma delas. No Brasil, entretanto, devido à existência de uma única língua para um território bastante extenso, são as variedades linguísticas que sofrem preconceito. Assim, a forma de falar do Nordeste é considerada engraçada, feia ou errada, assim como as falas das camadas sociais com menos instrução formal, e assim por diante. O simples fato de não conhecer uma forma linguística é usado como justificativa para a discriminação, como se esse fato pudesse medir a competência intelectual ou profissional de alguém. Um agravante é quando a discriminação pela linguagem acontece no local em que ela deveria ser repudiada: a escola.

Além disso, a persistência de um ensino baseado na gramática tradicional, aquela com uma concepção muito estreita, concebendo como certa apenas uma forma de manifestação da linguagem (a dos grandes escritores literários) e considerando todas as demais formas de se expressar como incorretas, leva à elaboração de livros didáticos baseados nessa concepção — o que tende a reforçá-la, criando um círculo vicioso que contribui para o quadro de discriminação existente (Bagno, 2007). Essa exclusão pela marca linguística que caracteriza a origem do aluno provoca a evasão, o sentimento de que a escola não é lugar para ele.

Faraco (2008) ensina que a norma culta não é pré-requisito para o seu domínio e sim, ao contrário, a experiência com a imersão na cultura letrada é que garante o acesso à norma culta.

A concepção tradicional de ensino ilude os aprendizes de que a mera correção de um ou outro fenômeno é suficiente para garantir o acesso à expressão culta e ao seu domínio: trabalha-se sob o signo da fragmentação, não indo além do nível da sentença. Não se consolidou uma concepção pedagógica de que o domínio da expressão culta é subproduto da imersão do aluno na cultura letrada e não o seu pré-requisito. É na imersão, nas experiências, que se tem acesso à cultura letrada (Faraco, 2008).

Faraco (2008, p.42) aponta que “norma designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade”. Um falante não participa apenas de uma única comunidade. E uma comunidade possui várias normas linguísticas, então pode-se dizer que é impossível que um falante fale conforme uma única norma. O usuário da língua participa de várias interações sociais, em uma aula de música, nas atividades esportivas, na comunicação em casa, com mais velhos, com os amigos, com o chefe, com os filhos etc. Assim, podemos dizer que a norma é composta pelas formas linguísticas acrescidas dos seus valores sociais.

Entender a variação linguística implica desmistificar uma crença solidificada de que há uma língua melhor que a outra, de que há uma variedade mais certa que a outra. Mais próximo da industrialização, do comércio, das escolas, da imprensa, o falar urbano sofre a influência da codificação linguística e, portanto, aproxima-se mais das convenções ortográficas e gramaticais. Essa variedade mais próxima ao padrão é utilizada pelos grupos sociais detentores do poder econômico e/ou cultural, ganhando maior prestígio. Assim, quem não domina a variedade (chamada norma culta) falada por esses grupos sofre preconceito linguístico (Scherre, 2008).

As situações são diversas, e é preciso adequação ao uso linguístico em cada uma delas. Ensinar a escolher que variedade utilizar em cada uma das situações comunicativas é o papel do professor da língua materna. Para isso é preciso despertar a consciência para a variação linguística, para que os estudantes percebam o que distancia a sua variedade das variedades cultas, tanto faladas quanto escritas, e possam vivenciar experiências de imersão nessas variedades para aprendê-las.

Por fim, Faraco (2008) afirma que o Brasil ainda está longe da democratização da norma culta, principalmente da escrita, porque a educação não é oferecida de forma universal nem possui boa qualidade. Tampouco aceitamos com clareza a norma culta, além de se fazer dela, ainda hoje, jogos de poder através da tradição consolidada. O “erro de português” ainda é o grande trunfo que os pseudopuristas utilizam para se esquivar das grandes questões ideológicas.

Está claro que a construção da escrita não é um processo mecânico. O processo de desenvolvimento de uma escrita adequada envolve várias funções cognitivas com base em concepções, hipóteses, erros, conflitos, assimilações adequadas ou não de informações.

Os estudantes devem ser convidados a refletir sobre a norma culta tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita e suas possibilidades. Os processos cognitivos se fortalecem à medida que o aprendiz é capaz de pensar sobre seu próprio conhecimento. Nessa perspectiva, se faz necessária a valorização das características socioculturais e a consideração da diversidade dos alunos para que obtenham êxito na longa experiência de aquisição da norma culta. É de extrema importância que, nas nossas práticas, propiciemos um ambiente acolhedor, favorável ao desenvolvimento da aprendizagem, e não de bloqueio, com a imposição da norma padrão.

Em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1997) já orientavam sobre a necessidade do ensino das variedades linguísticas, assim como também discorriam sobre o combate ao preconceito que recai sobre os que utilizam a variedade de menor prestígio.

São também orientações do mesmo documento oportunizar o desenvolvimento do aluno de modo que saiba ler e escrever conforme suas necessidades e atendendo às demandas sociais. Isso implica desenvolver no aluno habilidades orais e escritas de forma que aprenda a adequar o seu uso linguístico a cada situação comunicativa. Aplica-se aqui a necessidade de ensinar a variedade culta da língua. Se é preciso adequar-se a cada situação, é preciso aprender as variedades que não são do seu domínio. Isso só é possível a partir da reflexão sobre a língua, seus usos, seus fenômenos. Para refletir sobre a língua, é preciso conhecê-la e, conhecendo-a, respeitá-la em toda a sua diversidade.

Além da valorização da temática da variação linguística que os PCN trouxeram, bem como a discussão a respeito da diversidade e do combate ao preconceito, o documento mais recente que norteia o currículo da educação básica fundamental, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já mostra em suas páginas iniciais a preocupação com a discriminação e o respeito às diversidades.

A Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto — considerando-os como sujeitos de aprendizagem — e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades. (BRASIL, 2018, p.14)

Mais adiante, a BNCC enfatiza a importância da variação linguística no ensino de língua portuguesa, oferecendo a ela um lugar de destaque. Em seu texto, traz dez competências para o ensino de língua portuguesa, sendo que três delas tratam da variação linguística. A primeira corresponde à compreensão da ideia de língua como identidade do usuário e de sua comunidade, como verificado nos trabalhos de Labov. Além disso, faz referência ao seu caráter cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso (Brasil, 2018). A segunda competência relacionada à variação linguística na BNCC orienta o respeito às variedades linguísticas e o combate ao preconceito linguístico. Já a terceira e última competência busca desenvolver a noção de adequação e inadequação linguística às diversas situações de interação, seja em relação ao interlocutor, seja em relação ao gênero discursivo ou textual.

Além disso, a BNCC amplia a importância da variação linguística, incorporando-a em um campo dentro dos seus quatro eixos, o eixo da Análise Linguística/Semiótica. Assim, em

meio aos blocos de Fono-ortografia, Morfossintaxe, Sintaxe, Semântica e Elementos Notacionais da Escrita está também a variação linguística. Trata-se de um grande avanço na forma de se enxergar a língua portuguesa. No campo específico da Variação Linguística, temos as seguintes habilidades: “Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos” e “Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica” (Brasil, 2018, p.83).

Ademais, A BNCC representa um avanço em relação aos PCN, principalmente no que se refere ao trabalho com uma gama maior de textos, ao levar em consideração os formatos e gêneros que ganharam relevância com o acesso cada vez maior à internet. Os gêneros digitais mais frequentes nas práticas sociais dos jovens — vídeos, *ciberpoema*, *e-zine*, *playlists* comentadas, memes, trailer honesto, *fanfics*, detonado, *remix* etc. — passam a ter importância nas aulas de língua portuguesa, garantindo assim a exploração de múltiplas linguagens.

No entanto, tanto o professor como os livros didáticos parecem não incluir como bagagem sociocultural a linguagem trazida pelo estudante. Basta uma palavra dita no dialeto de origem do aluno para que surjam correções imediatas pelo professor e pelos colegas de classe. A base do preconceito linguístico, então, está instaurada e tem início justamente no local em que deveria ser repudiada: na escola, lugar em que a variedade culta é privilegiada. A partir daí o preconceito linguístico se alastra por toda a comunidade. A variação linguística, fenômeno que ocorre em todas as línguas e resume-se às maneiras diferentes de pronunciar de cada sujeito, é vista como algo errado, feio e não raro torna o sujeito motivo de chacota. Nasce, assim, a vergonha de questionar, de aprender, de se comunicar.

Assim, as concepções de variação linguística dos documentos orientadores do ensino de língua portuguesa buscam:

- O desenvolvimento da habilidade de refletir sobre a língua como fenômeno heterogêneo e propenso à variação e mudança;
- a valorização das variedades linguísticas e da diversidade;
- a compreensão do valor social que é atribuído às variedades;
- a adequação das variedades às situações de interação;
- o combate ao preconceito.

Mais que combater o preconceito, é preciso incutir na sociedade o princípio do respeito linguístico. Scherre (2020) define respeito linguístico como:

a convivência harmoniosa entre as diferentes formas de falar, seja no plano das diferenças entre as línguas, seja no plano das diferenças entre as variedades no interior de uma mesma língua. As diferenças linguísticas, em qualquer plano, incluindo o social, caracterizam grupos de falantes e são mecanismos identitários.

Para Scherre (2013, p.58), é preciso aprender a ler e a escrever de forma proficiente e crítica, porém ainda mais importante é o respeito e a vivência linguística democrática. Para a autora, “saber reconhecer, aceitar, respeitar e vivenciar as diferenças é dar um salto para a cidadania, para relações verdadeiramente humanas”. Se o preconceito se tornou enraizado em nossa sociedade desde o início da história brasileira, também podemos iniciar um processo inverso, ensinando o respeito linguístico desde a base escolar. Para isso, é necessário que o aluno compreenda que a língua é heterogênea e sofre variação.

Como demonstraremos neste trabalho, principalmente por meio da nossa proposta de intervenção, uma das formas de abordar os diferentes tipos de variação linguística concretamente, partindo do texto e de situações contextualizadas, é a partir do gênero crônica. Há, nesse gênero, uma elaboração linguística por parte do escritor, que procura se valer tanto das características da modalidade escrita como da fala. O gênero em questão também contribui para desenvolver as habilidades linguísticas dos educandos, principalmente porque, por meio da análise das falas dos personagens, pode-se mostrar como as variações de estilo, a variedade regional, a variação diacrônica e a variação de modalidade (falada/escrita) estão presentes nos textos literários e no cotidiano dos falantes, e o mais importante: que a variação linguística não é utilizada aleatoriamente, mas tem uma razão de ser, ou seja, a escolha de uma variante vai depender de diferentes fatores, tais como a situação de fala, o contexto, o grau de intimidade entre os interlocutores, dentre outros.

3 O GÊNERO CRÔNICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Como já mencionado, nossa intenção é explorar a variação linguística a partir do gênero discursivo-textual crônica. Para isso, nesta seção, sucintamente teceremos alguns comentários e definições sobre gênero, diferenciando-o de tipologia textual, além de refletirmos sobre algumas características da crônica e sua abordagem em documentos norteadores do ensino de língua portuguesa no Brasil.

Em relação ao gênero e sua aplicabilidade no ambiente escolar, conforme denuncia Santos (2009, p.1), a escola ainda não realiza uma abordagem produtiva com os gêneros. Segundo a autora, os professores ainda demonstram dificuldades em propor atividades com os gêneros contextualizando-os em situações reais de interação e partindo de conhecimentos prévios do aluno. Além disso, geralmente os gêneros contemplados em sala de aula são usados como pretexto para o tratamento unicamente de questões gramaticais. Os manuais didáticos, comumente usados pelo professor como única fonte de referência, são insuficientes em muitos aspectos, sobretudo porque em muitos deles, até mesmo naqueles aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), há incoerências teóricas e conceituais. Assim,

mesmo quando há pluralidade de textos, de domínios discursivos diversos, nem sempre a abordagem dos gêneros se caracteriza por uma sistematização coerente e uma reflexão sobre os papéis dos interlocutores, os objetivos dos textos e as estratégias necessárias para lê-lo/ produzi-lo. (SANTOS, 2009, p.2)

Outro fator apontado pela autora que explica essa baixa eficiência no trabalho de gêneros na escola está relacionado à formação inicial e continuada do professor de língua portuguesa, que, na maioria das vezes, “não conhece teorias como Linguística Textual e Análise do Discurso, que se apropriam das ideias de Bakhtin (1997) sobre os gêneros e embasam os PCN” (Santos, 2009, p.02).

Ao nos referirmos ao estudo do gênero discursivo-textual, queremos dizer que pretendemos explorar o texto levando em conta o discurso, ou seja, considerando as situações comunicativas, o contexto em que está inserido, as entrelinhas, a relação entre um texto e outro, o diálogo entre os textos. Para Rojo (2005, p.199),

aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor — isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivos —, e, a partir desta análise, buscarão as marcas linguísticas (formas do texto/enunciado e da língua — composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação.

Assim, neste trabalho, por considerarmos as características textuais e discursivas, ou seja, por entender que o texto é algo que vai além do que está escrito, faz alusões a outros discursos, refere-se a contextos específicos, a determinadas situações, utilizaremos o termo “gênero discursivo-textual”.

Cabe, então, retomarmos sucintamente, os conceitos de gênero discursivo (Bakhtin, 1997) e gênero textual (Marcuschi, 2008).

Para Bakhtin (1997), os gêneros discursivos circulam nas diversas esferas socioculturais, são infinitos e atendem a funções específicas, além de serem heterogêneos e de natureza dialógica. O autor define o gênero discursivo como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 1997, p.279). Ou seja, para Bakhtin, os gêneros são determinados por fatores socioculturais, históricos e interacionais (constituem-se na interação). Podemos ainda inferir que, seguindo essa perspectiva, as intenções comunicativas geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos. Dessa forma, é possível reconhecer os gêneros que circulam na sociedade. É o caso, por exemplo, de quando nos deparamos com um texto que se inicia pela expressão “era uma vez”: não temos dúvida de que se trata de um conto de fadas.

Bakhtin também estabelece uma diferenciação entre gêneros primários e secundários. Segundo o autor, são primários (simples) os textos que surgem em situações comunicativas espontâneas, do dia a dia, enquanto os gêneros secundários (complexos) constituem-se em situações culturais complexas e de elaboração mais refinada. São exemplos de gêneros secundários: romance, contos, crônicas, textos teatrais, científicos, jornal, carta, entre outros. Bakhtin situa a crônica como gênero secundário pois nela estão elementos dos gêneros primários — a oralidade, as situações espontâneas do cotidiano — somados à complexidade do texto escrito, perdendo sua relação imediata com a realidade existente e expressando um fenômeno da vida literária-artística.

Como podemos verificar, o gênero do discurso está centrado, principalmente, em situações de produções dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos. Marcuschi (2008) apresentou uma proposta acerca da noção de tipo textual, gênero textual e domínio discursivo. Como o autor pondera, tais “definições aqui trazidas de gênero, tipo, domínio discursivo são mais operacionais do que formais e seguem de perto a posição bakhtiniana” (Marcuschi, 2008, p.158), além de tentarem traduzir a noção bakhtiniana para o ensino.

Na visão de Marcuschi, o gênero textual está centrado na descrição da composição e materialidade textual. De acordo com o linguista, a expressão gênero textual é utilizada a fim de indicar textos materializados em situações comunicativas recorrentes encontrados em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Ou seja, para Marcuschi (2008, p.30): “os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”. Nessa perspectiva, o gênero textual se caracteriza pela materialização dos textos em situações comunicativas, variando de acordo com a sua funcionalidade. Diferentemente dos tipos textuais, os gêneros textuais são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, piada e assim por diante.

Já a expressão tipo textual, para Marcuschi (2008), é utilizada para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais relações lógicas, estilo). Os tipos textuais abrangem as categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. De modo geral, podemos dizer que o conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem vistas a aumentar. Quando em um determinado texto predominar, prevalecer alguma tipologia, podemos afirmar tal texto é argumentativo ou narrativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo.

Segundo Marcuschi, os gêneros textuais são atividades socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variáveis tipos de controle social, inclusive ao exercício de poder. O linguista aponta ainda que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia a dia (Marcuschi, 2008 p.161).

Já a expressão “domínio discursivo”, ainda conforme Marcuschi (2008, p.155), designa uma esfera da atividade humana (e não um princípio de classificação de textos) e indica instâncias discursivas, como por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc. Não abrange um gênero em particular, mas origina vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas. A dialogia com Mikhail Bakhtin torna-se visível e se

efetiva nas escolhas lexicais, de estilo, composição, atividade humana, presentes nas definições acima.

É importante ressaltar que não há, segundo Marcuschi (2008), uma dicotomia entre gênero e tipo. Trata-se de uma relação de complementariedade, porque ambos coexistem e não são dicotômicos. Todos os textos realizam um gênero e todos os gêneros realizam sequências tipológicas diversificadas. Assim sendo, os gêneros são em geral tipologicamente heterogêneos. O autor exemplifica com o caso do telefonema, como gênero textual, na modalidade falada, definido em suas usualidades, identificável pela maior parte dos indivíduos que vivem em culturas em que a prática de telefonar é habitual. Do ponto de vista de tipo textual, pode envolver argumentação, narração e descrições, isto é, ele é heterogêneo.

É por essas características do gênero que Marcuschi (2008) defende o seu uso em sala de aula. Como vimos, a denominação gênero recobre uma gama de possibilidades — carta, crônica, poema, artigo científico, bula de remédio, entre muitos outros — e favorece o ensino de língua materna preconizado pelos documentos norteadores, distanciando-se das decorebas gramaticais e partindo do texto para discutir os conteúdos.

Se os gêneros textuais são a forma como a língua se organiza para se manifestar nas mais diversas situações de comunicação, cada gênero possui seu próprio estilo e estrutura, possibilitando, assim, que seja identificado por meio de suas características. Como podemos observar, a abordagem de um gênero específico, como, por exemplo, a crônica, pode conduzir uma abordagem reflexiva da língua, incluindo a variacionista. As questões recentes do ENEM são um exemplo do trabalho conjunto entre “gênero e variação”, já que os itens devem sempre partir de um texto-base (um gênero). E, mais importante que isso, os itens dessa prova, visando a atender à habilidade de número 25 da matriz do ENEM, ao associarem “gênero e variação”, buscam verificar se o aluno desenvolveu a capacidade de identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.

O gênero discursivo-textual crônica, como se sabe, objeto de nossa pesquisa, ocupa um lugar de destaque nos jornais, nas diversas mídias e em livros, despertando o interesse do leitor pela temática, que geralmente trata de assuntos da atualidade com uma linguagem leve, mas não menos elaborada, utilizando-se muitas das vezes do humor crítico para discutir a realidade socioeconômica do país, questionar comportamentos, mexer com a emoção do leitor, dentre outros efeitos. Por meio de uma aparente brincadeira e numa “quase conversa”, o cronista reflete e convida o leitor a refletir também sobre questões maiores a partir de uma situação do cotidiano.

3.1 O GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL CRÔNICA: CARACTERÍSTICAS

A palavra “crônica” vem do grego *khronos* ou do latim *chronos* e significa “tempo”. O termo *chronicas* se referia ao registro de acontecimentos históricos, reais, um relato cronológico dos fatos, sem a manifestação de uma opinião sobre eles ou qualquer tipo de interpretação. Nos países europeus era esse o sentido expresso pela crônica.

No Brasil, a crônica ganhou estilo próprio e tomou outros caminhos até chegar no formato atual. No final do século XIX e início do século XX, devido à inexistência da indústria do livro no Brasil, era o jornal o veículo pelo qual a atividade literária era difundida. Os periódicos, de publicação diária ou semanal, apresentavam um espaço para a literatura. O cronista surge, então, dessas páginas de jornal.

A crônica nasceu nos jornais quando esses já eram populares, com grandes tiragens. Mas, antes disso, foi folhetim. O folhetim não tinha o formato da crônica atual. Era um espaço destinado a vários tipos de texto. Uma espécie de “artigo de rodapé”, com a função de comentar as notícias do dia, como relata Antônio Candido (1998, p.15):

Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de roda-pé sobre as questões do dia — políticas, sociais, artísticas e literárias. Assim eram os da secção “Ao correr da Pena”, título significativo à cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Aos poucos o folhetim foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje.

O fato de o escritor depender das produções para o seu sustento, somado ao tempo escasso para publicação nos jornais, além da limitação que o texto deve ter para caber no espaço reservado a ele no jornal, tem sido a justificativa para que a crônica seja considerada como um gênero menor, visto por muitos estudiosos da literatura como efêmero por tratar-se de narrativas de fatos restritas ao tempo, ou seja, com data de validade. Entretanto, o que se tem notado nas crônicas publicadas em jornais na atualidade é que o assunto tratado é, na maioria das vezes, um tema polêmico, universal e atemporal. Além disso, a forma como são tratados esses temas, muitas vezes por meio de narrativas de ficção, é da ordem da literatura.

Mas a crônica vem a incorporar-se aos hábitos da nossa imprensa quando se deu o desenvolvimento da imprensa, com a sua modernização, quando se adotam as ilustrações a pena e os clichês fotográficos, quando se aumenta o número das edições. Dispondo de maior espaço, o jornal se enriquece de atrativos e com o noticiário, o grave artigo de fundo e as seções ordinárias, transforma a crônica em matéria cotidiana, como recreio do espírito, amável e brilhante cintilação da inteligência. (COUTINHO, 2001, p.559)

Assim, podemos afirmar que a crônica foi impulsionada pela imprensa, que acabou construindo um arquivo de crônicas publicadas dia após dia. Aos poucos, o gênero vai perdendo a função de comentar, informar, abandonando a linguagem da argumentação e ganhando um tom humorístico, com a função de divertir os leitores. Na citação, Coutinho (2001), refere-se a essa nova função da crônica de entreter o leitor, tornando o conteúdo diário do jornal agradável a todos, tratando de forma banal e descompromissada os assuntos sérios, conferindo leveza à densidade da vida, de forma simples e despretensiosa, cativando os leitores.

A carta de Pero Vaz de Caminha, segundo Sá (1985) é a primeira crônica brasileira e foi escrita a partir da observação e do registro do que foi visto nas terras brasileiras: a paisagem, os índios e seus costumes. Essa característica de partir da observação dos fatos faz dos acontecimentos triviais algo muito próximo da realidade, da vida dos leitores. Assim, para Jorge de Sá, a condição essencial da crônica é a de registrar o circunstancial.

De acordo com Coutinho (2001), Francisco de Almeida Rosa foi o primeiro cronista brasileiro, tendo publicado suas crônicas no *Jornal do Commercio* e no *Correio Mercantil*, de 1852 a 1854, logo mais seguido por José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis. Embora haja rumores de que este último tenha começado a atrelar acontecimentos comuns à narrativa ficcional, e por isso a crônica já não estaria mais ligada ao noticiário de cada dia, Sá (1985) dá como marco desse feito as inspirações trazidas da rua por João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto (1881-1921). Ele teria antecedido uma nova leva de cronistas na época, buscando na vida diária vários temas que são transformados em conteúdo literário. Para Sá, Rubem Alves viria a enriquecer essa roupagem literária mais tarde. Rubem Braga e sua essência narrativa e, por vezes, memorialista, também foi um dos marcos de rompimento da função informativa original da crônica.

Embora haja controvérsias em relação às origens, à literariedade ou não da crônica e suas características, em sua dissertação, Ferreira (2005) analisa um *corpus* composto por crônicas de diferentes épocas e autores e, a partir de análise teórica e quantitativa, lista uma série de características que parecem consensuais entre os autores:

- a) relato ou comentário de acontecimentos cotidianos (caráter contemporâneo);
- b) brevidade temporal ou pequeno enredo;
- c) tom lírico, pessoal, subjetivo; ou, pelo menos, mescla de objetividade e subjetividade;
- d) identificação entre narrador e autor (autor-narrador);
- e) linguagem informal e direta (conversa cotidiana);

- f) dialogismo entre autor e leitor (conversa cotidiana);
- g) humor e sensibilidade;
- i) flexibilidade de gênero, diferente da rigidez de outros textos em prosa;
- j) relação entre ficção e História;
- l) relação com jornalismo.

Segundo Candido (1998), a crônica pretende discutir problemas sérios do cotidiano, no entanto se utiliza de uma forma leve, como em uma conversa informal, falseando a discussão, uma espécie de crítica velada. Essa conversa informal é conseguida pela utilização de uma linguagem simples, pelo uso da oralidade na modalidade escrita, pela brevidade e pelo tom humorístico conferido às crônicas. É também característica da crônica a proximidade entre autor e leitor, mas também a presença, em algumas delas, de monólogos. Nas palavras de Candido:

Parece às vezes que escrever crônica obriga a uma certa comunhão, produz um ar de família que aproxima os autores acima de sua singularidade e das diferenças. É que a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo. (CANDIDO, 1998, p.13)

Dessa citação também abstraímos a presença da ironia nas crônicas como forma de fazer o interlocutor refletir sobre os acontecimentos casuais.

O hibridismo presente na crônica, isto é, o fato de possuir características tanto do jornalismo como da literatura, facilitou um intercâmbio de textos em sua composição, ou seja, o aparecimento de um gênero (crônica) utilizado por outro (carta), como no caso da carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel de Portugal, relatando de forma literária a visão que tiveram do Brasil.

Em relação à linguagem na construção da crônica, podemos perceber que os escritores, sobretudo os contemporâneos, têm mostrado um grande interesse em se valer das características da modalidade falada, assim como da variação linguística, nos seus diferentes aspectos, o que pode ser visto na fala dos personagens e também no nível do narrador, pois como nos diz Uchôa (2002, p.95):

(...) O objetivo precípua do texto literário, como se viu, é de ordem estética, por isso mesmo o escritor tem a liberdade de poder valer-se, mesmo na fala do narrador, da utilização da língua em suas diversas variedades (lembremo-nos, na atualidade, de muitas crônicas de um Veríssimo ou de muitos contos de um Rubem Fonseca). Há, nesses textos, uma elaboração linguística intensa por parte do escritor, que por

conhecer bem a linguagem, procura se valer tanto das características da língua escrita como também das possibilidades de registros que a fluidez da fala oferece.

Assim, a crônica, como já apontado, também contribui para desenvolver as habilidades linguísticas dos alunos, principalmente porque, por meio da análise das falas dos personagens, podemos explorar diferentes tipos de variações, tais como de estilo (graus de formalidade), de monitoramento, regional, de modalidade (falada/escrita) etc. Por meio da crônica, podemos chamar a atenção dos alunos sobre o fato de a variação linguística não ser explorada pelo autor ingenuamente, pois ela tem uma razão de ser, ou seja, a escolha de uma variedade vai depender de diferentes fatores, tais como a situação de fala, o contexto, o grau de intimidade entre os interlocutores, dentre outros.

3.2 O GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL CRÔNICA NO CONTEXTO ESCOLAR

O aspecto de leitura simples aliada ao tema comum a todos os estudantes torna a crônica objeto de interesse do mais disperso aprendiz. Esse gênero traz textos que fazem parte da realidade desses leitores, transmite a forma de pensar do autor sobre um assunto cotidiano, como em uma conversa entre amigos. Essa possibilidade de informalidade aproxima a linguagem utilizada na crônica ao real uso da linguagem em diversos contextos sociais. Candido (1998) sugere que no trabalho com a crônica há uma “humanização” da leitura porque ela traz para a escrita elementos da oralidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta a necessidade de se empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual. A crônica apresenta as mais diversas situações cotidianas e, portanto, é adequada ao currículo proposto pela BNCC. Através dela e de suas várias formas de apresentação, é possível estudar a variação linguística, quando se observa a época em que foi escrita, a descrição dos personagens dotados de características que os identificam, bem como os ambientes que frequentam; analisar o jogo de poder proporcionado pela linguagem e evidenciado na escolha do vocabulário rico em clichês e jargões; ponderar sobre o preconceito linguístico presente nos estereótipos criados pelo cronista ou pelas empresas ao transpor o gênero para as mídias televisivas e, por fim, a adequação da linguagem às diversas situações comunicativas.

À escola cabe o dever de propor atividades em que se reflita sobre as questões aqui enunciadas. Para isso, é necessário que o discente entre em contato com a vasta gama discursiva existente e as situações reais de uso da língua que a crônica e seus intertextos são capazes de

propiciar, expandindo sua competência comunicativa, ampliando seu repertório cultural e desenvolvendo seu senso crítico.

Em seu eixo de produção de textos, a BNCC cita a crônica como prática de linguagem relacionada à interação:

Compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos como, por exemplo, (...) narrar fatos cotidianos, de forma crítica, lírica ou bem-humorada em uma crônica. (BRASIL, 2018, p.76)

A opção por trabalhar múltiplos gêneros associados ao gênero principal, a crônica, advém da necessidade de introduzir um assunto a ser estudado pela crônica ou contextualizá-lo, além de atender aos propósitos comunicativos a que a linguagem se destina e não à pura e simples estruturação dos gêneros. Assim, além da crônica, temos outros gêneros presentes nas oficinas, como alguns gêneros digitais (memes, comentários de rede social), bem como gêneros informativos (reportagens, mapa), anúncios, artigos, tirinha, poema, letra de música, quadrinhos, desenho animado, vídeos explicativos, entre outros. Para este trabalho, importa mais o conteúdo que a forma. Trabalhar os diferentes gêneros justifica-se devido ao objetivo principal de aumentar o repertório cultural e desenvolver um senso crítico mais apurado no aluno. Quanto maior a diversidade de gêneros, maior o contato com as situações reais de uso da linguagem.

No componente Língua Portuguesa, amplia-se o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências (Brasil, 2018).

3.3 EXPLORANDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM/DO GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL CRÔNICA

Como é possível tratar a variação linguística em sala de aula de forma que sejam atendidas as necessidades dos estudantes em relação à variação linguística sem feri-los nas suas diversidades, respeitando sua cultura e modos de falar, levando em consideração suas vivências e interesses?

O trabalho com os gêneros discursivo-textuais aparentemente é uma alternativa bastante eficiente. Marcuschi (2010) afirma que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por um gênero textual. Gênero textual pode ser considerado como um agrupamento de textos

utilizados na sociedade com as mesmas características sociocomunicativas que atendem a um determinado propósito.

Usamos a expressão gênero textual para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (Marcuschi, 2010).

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam (Brasil, 1998).

Assim, a ampliação do repertório linguístico-cultural dos estudantes, bem como sua capacidade de compreensão textual e o desenvolvimento de um senso crítico mais apurado, dependem do trabalho que é realizado com os gêneros discursivos.

Koch e Elias (2018, p.39-46), em seu livro *Ler e compreender os sentidos do texto*, afirmam que “para o processamento textual, recorremos a três grandes sistemas de conhecimento: conhecimento linguístico, enciclopédico e interacional”. Este último engloba, entre outros, o conhecimento comunicacional, que diz respeito tanto à adequação do gênero textual à situação comunicativa quanto à escolha da variante linguística adequada a cada situação de interação.

A crônica é um gênero híbrido, o que significa que ela pode assumir a forma de um outro gênero, dependendo da intenção comunicativa. Um exemplo é a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel de Portugal, contando de forma literária as paisagens e a cultura indígena encontradas pelos portugueses aqui no Brasil. É uma carta, mas também pode ser considerada crônica, já que tem a finalidade de registrar — e de modo literário — os acontecimentos locais. “A hibridização ou a intertextualidade intergêneros é o fenômeno segundo o qual um gênero pode assumir a forma de um outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação” (Koch; Elias, 2018, p.114).

Os tipos de texto, segundo as autoras, são os narrativos, descritivos, argumentativos, expositivos ou injuntivos. No entanto, Marcuschi (2002) apud Koch; Elias 2018 ressalta que os gêneros podem ser constituídos por dois ou mais tipos, fenômeno denominado heterogeneidade tipológica.

Abordando uma temática leve, do dia a dia, as crônicas apresentam o propósito inicial não de ensinar ou informar algo, mas o da leitura para deleite que, de maneira despretensiosa, pode entrar na vida do estudante e capturá-lo para as questões mais sérias; no caso das crônicas argumentativas, fazê-lo refletir sobre os acontecimentos de forma crítica.

Koch e Elias (2018) orientam que o uso da linguagem se dá na forma de textos e que esses textos buscam uma interação entre os sujeitos, os quais tentam influenciar seus interlocutores por meio de argumentos. Pode-se importar daí que a crônica argumentativa também possui a característica de tentar modificar um comportamento utilizando-se de argumentos. Isso exigirá que, para sua produção, exista:

- i) uma proposta que provoque em alguém um questionamento, quanto a sua legitimidade;
- ii) um sujeito que desenvolva um raciocínio para demonstrar a aceitabilidade ou legitimidade quanto a essa proposta;
- iii) um outro sujeito que se constitua alvo da argumentação. Trata-se da pessoa a quem se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de conduzi-la a compartilhar da mesma convicção, sabendo que ela pode aceitar (ficar a favor) ou refutar (ficar contra) a argumentação.

Neste trabalho, visamos a verificar se a crônica é um gênero pelo qual é possível se estudar todas as variantes linguísticas conhecidas. Partindo do princípio de que a crônica retrata o cotidiano, a vida comum, certamente as marcas da oralidade estarão presentes nesse gênero. A linguagem, muito próxima à da fala, pode evidenciar costumes, comportamentos, gírias, modos de falar, características inerentes a um determinado local, marcando assim o regionalismo. As diferentes situações mais ou menos formais, mais monitoradas ou menos monitoradas, vivenciadas no cotidiano de cada personagem retratado, podem ser utilizadas no estudo da variação estilística ou diafásica. O nível socioeconômico dos personagens também pode ser revelado pela forma como são descritos os personagens, pelo relato do modo de vida, pela forma como falam no texto. Também o momento histórico pode ser determinado pela crônica. As gírias, por exemplo, mudam de uma época para outra. Assim como objetos presentes em um texto de determinada época não aparecerão em textos de outro tempo histórico.

Pela crônica é possível observar a adaptação da linguagem para cada situação vivenciada pelos personagens na sua vida diária, ou seja, nas situações reais de uso. Com um estilo mais formal para algumas situações e mais informal para outras, a crônica é capaz de ressaltar exatamente essa dicotomia entre fala e escrita, as variações que decorrem dela e a adequação à situação comunicativa. Anteriormente feita para circular nos jornais e revistas, hoje ela ocupa lugar nos livros, *sites* e *blogs*. Muitas tornaram-se curtas-metragens, outras ganharam formato de histórias em quadrinhos, outras ainda surgiram adaptadas na televisão e, mais recentemente, provocando risos ao serem transportadas para o gênero *stand up comedy* nos palcos e na internet.

Portando em um só gênero elementos como a ironia, o humor e a crítica, dotada de palavras, gírias e expressões de um ou outro tempo, próprios de determinadas regiões, pressupõe-se que a crônica materialize um texto em que seja possível abordar e trabalhar nas aulas de língua portuguesa os diferentes tipos de variações linguísticas. No entanto, este projeto não tem a intenção de enaltecer a crônica em detrimento dos outros gêneros textuais. Ao contrário, pretende-se, a partir da crônica, desenvolver recursos comunicativos capazes de facilitar a compreensão de textos de qualquer gênero, ampliando os horizontes dos discentes, alargando seu repertório cultural e polindo seu senso crítico.

Um exemplo de como a crônica pode auxiliar no ensino de variação linguística é a proposta de Roman (2016), que sugere a leitura de duas crônicas de Luis Fernando Verissimo, intituladas “Aí, galera” e “Pronomes”. A autora salienta que as crônicas, por tratarem de assuntos cotidianos e serem espirituosas, tornam a leitura prazerosa, e que a escolha levou em consideração a variedade linguística e os fatores sociais presentes nelas. A crônica “Aí, galera” provoca risos ao mostrar o inesperado: um jogador de futebol que fala de forma desinibida e com palavras rebuscadas. Na crônica, fica clara a crítica ao estereótipo criado pela sociedade em torno da figura dos jogadores de futebol, de que não possuiriam habilidades com a linguagem, marcada principalmente por falas monossilábicas e repletas de gírias. O uso de expressões cultas pelo jogador é visto como algo estranho à situação comunicativa, uma inadequação linguística, já que o que se espera é uma fala grotesca. Na crônica “Pronomes”, o modo de falar culto do personagem Carlinhos incomoda a namorada Carolina, que o corrige e pede para que não fale “certo demais”, porque ele a envergonharia frente aos seus amigos, já que a situação comunicativa pediria uma linguagem menos formal. A autora afirma que ocorre, nesse caso, “um preconceito às avessas”, porque ocorre na forma assertiva de falar. Para Roman (2016), a forma como Carlinhos fala também deve ser respeitada, já que essa é a sua variedade linguística e *todas* as variedades devem ser respeitadas.

Tomando por base o exemplo acima e as oficinas realizadas em 2019 em uma escola pública de Aguaí, SP, como preparação para as Olimpíadas de Língua Portuguesa, percebemos que é possível pensar um material que abranja um conteúdo pouco abordado pelos livros didáticos — a variação linguística — em uma metodologia já existente e que tem obtido bons resultados no ensino da língua materna — as oficinas.

As Olimpíadas de Língua Portuguesa são, grosso modo, um concurso de redação de iniciativa da Fundação Itaú Social e coordenado pelo CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária). Como preparação para o concurso, são disponibilizadas aos professores oficinas que devem ser trabalhadas em sala de aula. Cada ano

escolar é avaliado em um gênero pré-determinado. O 9º ano recebe as orientações para o trabalho com o gênero crônica. A escola analisada nesta pesquisa participa há alguns anos desse projeto, e a aplicação das oficinas tem obtido grande aceitação pelo alunado; por isso a opção deste trabalho com a mesma metodologia.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E *CORPUS*

Optamos, para o desenvolvimento desta pesquisa, pelo método de pesquisa-ação. Entendemos por pesquisa-ação um instrumento pelo qual o pesquisador detecta um problema e participa de sua solução. Para Barros e Lehfeld (2014), a pesquisa-ação parte de um problema coletivo, e os pesquisadores e participantes do problema envolvem-se de modo cooperativo ou participativo. Assim, verificamos a necessidade do aprimoramento do ensino e aprendizagem da variação linguística nas aulas de língua portuguesa e decidimos pela elaboração e aplicação de oficinas que abordem os diferentes tipos de variação linguística por meio de crônicas para solucionar a deficiência averiguada.

De natureza qualitativa e com interpretação e observação de dados coletados a partir da elaboração e aplicação de oficinas de variação linguística fazendo uso de crônicas, este trabalho visou a explorar o uso das variações linguísticas por meio desse gênero discursivo-textual, de forma a ampliar o repertório cultural e desenvolver um senso crítico mais apurado no aluno.

A investigação foi realizada, inicialmente, partindo de uma pesquisa bibliográfica de embasamento teórico com abordagem de aspectos relevantes, tais como a variação linguística na sala de aula, os documentos norteadores da educação e o gênero discursivo-textual crônica.

Programamos para o início do ano de 2020, durante a reunião de pais do início do ano letivo, a ciência dos pais para a realização das oficinas, através dos termos de esclarecimento e consentimento disponíveis no apêndice deste trabalho. Infelizmente, devido à paralisação das aulas presenciais pela prevenção à COVID-19, em março de 2020, essa programação foi adiada, tanto para a ciência dos pais quanto para a aplicação das atividades propostas. Os documentos são compostos por um termo de esclarecimento e um termo de consentimento livre após esclarecimento e cientificam que a participação do aluno na pesquisa não é obrigatória; as atividades foram aplicadas a todos os estudantes matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental.

Durante o ano de 2019, aplicamos as oficinas de crônicas propostas no caderno das Olimpíadas de Língua Portuguesa para o 9º ano do Ensino Fundamental. Como obtivemos bons resultados, pensamos sobre a possibilidade de utilizar a mesma metodologia de oficinas de crônicas para o ensino da variação linguística, conteúdo pouco explorado nesse nível de escolarização.

Para o desenvolvimento da proposta de intervenção, foi necessário realizar uma pesquisa documental, analisando-se o material didático utilizado no Ensino Fundamental no que diz respeito à abordagem da variação linguística e a necessidade de complementação.

A partir das etapas anteriores, organizamos o *e-book* de oficinas (que foi organizado como um exemplar à parte desta dissertação) com as atividades que contemplam os objetivos propostos neste projeto, com base no gênero discursivo-textual crônica. Essa proposta de intervenção foi aplicada em quatro turmas de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada na cidade de Aguaí, SP.

Ao todo foram criadas dez oficinas, disponibilizadas em um *e-book*, cada uma delas enfatizando um tema sobre variação linguística ou preconceito linguístico a partir de crônicas, explorando as suas características. Em cada oficina há o texto principal, uma crônica, acrescida de outros textos satélites pertencentes a diversos gêneros com a mesma temática a fim de contextualizar o assunto, fazer refletir e ativar os conhecimentos prévios dos estudantes.

As oficinas de variação linguística foram, a princípio, pensadas para a aplicação presencial em sala de aula com auxílio do professor. Esse deveria atuar como intermediário, através de explicações a respeito dos conceitos relevantes para a realização das atividades, atentando ao que o aluno já conhece sobre o assunto, explorando as rodas de conversa e debates, incentivando a participação da coletividade na construção do conhecimento e avançando conforme o desempenho dos alunos durante as atividades.

No entanto, devido à pandemia do coronavírus, as atividades tiveram que ser aplicadas em meio digital e, portanto, adaptadas a esse novo contexto de ensino remoto. A escola participante desta pesquisa optou por enviar as atividades de todas as disciplinas aos alunos via *blog*, já que não houve adesão ao ensino remoto com atividades síncronas. Anteriormente à aplicação das oficinas, 82 alunos responderam a um questionário com 26 perguntas, elaborado com auxílio da ferramenta *Google Forms* e enviado virtualmente via *WhatsApp* em grupos de estudo de cada sala de aula, denominados 9ºA, 9ºB, 9ºC e 9ºD. O questionário — constante do apêndice B desta dissertação — visou a, além de promover um conhecimento econômico-social dos estudantes, mensurar quanto os alunos sabiam sobre variação linguística e preconceito linguístico. Os resultados da aplicação desse questionário serão analisados na seção 5.1 deste trabalho. Eles nos ajudaram no planejamento das oficinas, pois foi possível fazer um diagnóstico do conhecimento dos alunos sobre variação linguística e preconceito linguístico.

Além das atividades no *blog*, foram disponibilizadas ainda atividades impressas a cada 15 dias — denominadas “apostila impressa” —, que ficaram disponíveis na escola por um período de uma semana. Foram atividades solicitadas pela coordenadora da escola que serviram

como avaliação do aprendizado. Os estudantes tiveram também 15 dias para responder às atividades e enviá-las de volta à escola, para então serem corrigidas pelos professores. No total foram elaboradas sete apostilas. Devido a essas atividades avaliativas, somadas ao envio das correções das atividades postadas no *blog*, não tivemos tempo hábil para aplicar todas as atividades constantes no *e-book*. Assim, foram enviadas ao *blog* as oficinas de 1 a 5 do *e-book*.

É importante relatar sobre a dificuldade inicial em descobrir como encontrar os alunos de modo virtual e pensar em uma maneira de levar as atividades até eles. A escola participante da pesquisa decidiu, então, criar um *blog* em que os professores de todas as matérias pudessem postar as atividades para os alunos fazerem em casa. Também foram criados grupos das turmas no aplicativo *WhatsApp* para atendimento de dúvidas. Foi também por meio desse aplicativo e da interação com alguns alunos que conseguimos os contatos de outros discentes dos quais não tínhamos o telefone registrado na escola. O acesso à internet pareceu ser o primeiro empecilho encontrado para a aplicação das atividades. Alguns alunos mencionaram não possuir acesso ao *blog*. No entanto, pelo questionário social aplicado, podemos observar que mais de 90% dos discentes responderam que possuem em casa o acesso à internet. É preciso cautela ao analisar esse dado, já que muitos alunos, ao questionarmos o motivo da não devolutiva das atividades respondidas à professora, informaram que não possuíam acesso ao *blog* por não terem internet. Acreditamos, então, que o acesso à internet era limitado e, portanto, insuficiente para inúmeros *downloads* solicitados pelos professores, o que impossibilitou o aluno de realizar algumas atividades do *blog* (como assistir aos vídeos indicados, por exemplo). Outro fator também cabível de menção neste momento é o fato de o aluno possuir acesso ao celular e à internet, porém não possuir conhecimento de como baixar os arquivos das matérias constantes no *blog* ou não possuir programas necessários para os *downloads*, desistindo de tentar realizar a tarefa. Houve ainda o que se chamou de “busca ativa”, realizada pela secretaria da escola, que consistiu na procura pelos alunos que não devolviam as apostilas impressas respondidas, consideradas como avaliações. No entanto, o mesmo não ocorreu para as atividades postadas no *blog* consideradas como tarefas de casa, não sendo, portanto, obrigatórias. Em algumas tentativas de contato, muitas vezes, os alunos não responderam às mensagens enviadas pela professora pesquisadora no *WhatsApp*. Assim, apenas 20 alunos enviaram suas respostas.

Então, conforme acordado com a diretoria e coordenação da escola, as atividades constantes das oficinas foram enviadas quinzenalmente para publicação no *blog* da escola.

Figura 1 - Fotografia da página do 9º ano do *blog* da escola



Fonte: própria.

Na seção 5.2 abordaremos a análise dos livros didáticos utilizados no Ensino Fundamental da escola participante, a fim de verificar como o assunto variação linguística é tratado nesses materiais, seguindo alguns critérios que consideramos cabíveis no ensino do tema, como a presença do assunto nos livros (bem como sua frequência), a abordagem do preconceito linguístico e os gêneros utilizados para o ensino da matéria.

A seguir apresentamos a contextualização da escola parceira e dos participantes da pesquisa.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA E DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA (ALUNOS)

A pesquisa-ação ocorreu em uma escola pública da cidade de Aguaí, em SP. Aguaí é uma cidade localizada no interior do Estado de São Paulo, a 200 km da capital. Com 32.148 habitantes, sendo 29.001 residentes em área urbana e 3.147 em área rural, a cidade tem sua economia voltada para a agricultura de citrus, soja, algodão, milho, feijão, arroz e pecuária de leite e corte. Com topografia plana, é um excelente local para passeios a pé ou de bicicleta ao ar livre. No mapa abaixo, sinalizada em vermelho, fica localizada Aguaí, no Estado de São Paulo:

Municipal, à Câmara Municipal, à rodoviária e ao Parque Interlagos. Situada em um bairro tranquilo próximo ao centro da cidade, a escola recebe alunos de todos os bairros.

O Ensino Fundamental I e II regulares da escola pública de Aguai participante da pesquisa possui 25 salas, com quatro turmas de 9º ano. O trabalho com variação linguística por meio de crônicas foi elaborado para todas as turmas de 9º ano. A escola recebe tanto os alunos da zona urbana quanto os da zona rural do município. Por se tratar de uma escola central, é possível verificar que a demanda escolar, em boa parte, pertence à classe média, na qual os alunos obtêm acompanhamento dos pais. A taxa de alunos participantes do programa Bolsa Família⁶ é de 14,3%. Os pais atuam nas mais variadas profissões: motoristas, professores, caminhoneiros, veterinários, funcionários públicos estaduais e municipais, trabalhadores rurais, donas de casa, entre outros.

Muitos dos alunos participam do Projeto Guri — projeto de ensino de música —, praticam esportes como vôlei ou futebol, estão matriculados em cursos de idiomas ou informática em escolas particulares, sendo constantemente incentivados pelos familiares. A fim de conhecer melhor o público-alvo da pesquisa, também foi aplicado um questionário social. O questionário consta do apêndice B desta dissertação e os resultados da aplicação, na subseção 5.1.

4.2 DETALHAMENTO DA CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: *E-BOOK DE OFICINAS O MESMO MUNDO, UM NOVO OLHAR*

Em 2019, trabalhamos com atividades sobre crônicas propostas no caderno de oficinas das Olimpíadas de Língua Portuguesa com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Depois de alguns estudos sobre o gênero discursivo-textual crônica, foram feitas dramatizações de algumas delas, apresentadas para outras classes. Os ensaios renderam muito aprendizado: primeiro porque foi preciso fazer várias leituras para a escolha de uma crônica que pudesse ser interpretada por eles; depois porque foi aberto espaço para a discussão sobre as várias interpretações possíveis para a crônica escolhida, o que dependeu do compartilhamento de conhecimento de mundo e trocas de experiências entre os alunos; e, por último, o trabalho

⁶ O Programa Bolsa Família, criado pela Lei nº 10.836/04, é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País. Foi utilizado um limite de renda para definir essas duas situações. Assim, podem fazer parte do Programa:

- Todas as famílias com renda por pessoa de até R\$ 89,00 mensais (famílias em situação de extrema pobreza);
- Famílias com renda por pessoa entre R\$ 89,01 e R\$ 178,00 mensais, desde que tenham crianças ou adolescentes de 0 a 17 anos (famílias em situação de pobreza com crianças e adolescentes).”

Fonte: Secretaria do desenvolvimento social.

demandou esforço no sentido de fazer uma atualização das crônicas para os dias atuais, o que possibilitou uma rica comparação entre passado e presente.

A partir dessas experiências e testes pilotos realizados em 2019, criamos as oficinas de variação linguística a partir de crônicas, reunidas no o *e-book O mesmo mundo, um novo olhar*.

Figura 4 - Capa do *e-book* de oficinas.



Fonte: produzido pela autora, utilizando o aplicativo Canva.

A produção conta com um total de dez oficinas, cada uma delas possuindo um tema que versará sobre variação linguística, preconceito linguístico e produção de crônica. Em cada uma há o texto principal, uma crônica, acrescido de outros textos satélites pertencentes a diversos gêneros com a mesma temática a fim de contextualizar o assunto, fazer refletir e ativar os conhecimentos prévios dos estudantes, além de atividades escritas, orais, de dramatização e pesquisa de campo.

As atividades foram, como já apontado, reunidas no *e-book* de oficinas (exemplar à parte, outro produto da nossa pesquisa) destinado para o estudante do 9º ano, visando a contemplar os objetivos propostos neste projeto com base no gênero discursivo textual crônica.

Durante a aplicação das atividades, foram coletados dados (produções orais e escritas) e registros das observações para análise dos resultados.

As oficinas foram postadas da seguinte forma: as Oficinas 1 e 2 no dia 07/09/2020, e as Oficinas 3, 4 e 5 no dia 03/10/2020. Infelizmente, não houve tempo hábil para a aplicação das Oficinas de 6 a 10. As outras semanas foram dedicadas ao envio das correções das atividades ao *blog*.

Além das atividades no *blog*, foram disponibilizadas aos alunos atividades impressas a cada 15 dias — denominadas “apostila impressa” — que ficaram disponíveis na escola por um período de uma semana. Os estudantes tiveram também 15 dias para responder às atividades e enviá-las de volta à escola, para então serem corrigidas pelos professores. No total foram elaboradas sete apostilas. Na apostila impressa número 6, as perguntas constantes do questionário aplicado anteriormente às oficinas foram reformuladas com a intenção de avaliar, pelo menos parcialmente, os resultados alcançados pelos alunos através das oficinas que foram aplicadas.

Acreditamos que o ensino de variação linguística não deva ser realizado apenas em um capítulo de livro didático ou em apenas algumas aulas. O tema deve estar presente sempre que houver oportunidade. Por isso, a proposta apresentada é bastante flexível e traz possibilidades de adequação a outros gêneros textuais, a outros contextos; assim, as oficinas podem ser trabalhadas separadamente.

5 RESULTADOS DAS ANÁLISES

Na seção 5.1, apresentamos os resultados gerais de um questionário aplicado aos alunos participantes da pesquisa (alunos do 9º ano escolar de uma escola pública de Aguaí). Com a intenção de obter informações econômico-sociais dos estudantes e fazer um diagnóstico do quanto eles sabiam sobre variação linguística e preconceito linguístico para auxiliar no planejamento das oficinas, 82 alunos responderam a um questionário composto por 26 questões elaboradas no *Google Forms*. O link que direciona ao questionário foi enviado via *WhatsApp* nos grupos de estudo de cada sala de aula.

Na seção 5.2, descrevemos a análise dos materiais didáticos adotados na escola parceira de pesquisa a fim de verificar como o assunto variação linguística é tratado nesses materiais, seguindo alguns critérios que consideramos cabíveis no ensino do tema, como a presença do assunto nos livros, bem como sua frequência, a abordagem do preconceito linguístico e os gêneros utilizados para o ensino da matéria.

5.1 RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Nesta seção, estão transcritas algumas respostas enviadas pelos alunos. Foram escolhidas as respostas mais relevantes para este trabalho, as que mostraram a forma como o aluno pensa a própria língua e que foram determinantes para a elaboração do *e-book*. Escolhemos, então, para análise, as seguintes questões: “Você acha que fala bem seu próprio idioma?”, “O que você imagina ser variação linguística?” e “O que você imagina ser preconceito linguístico?”

Para fins de esclarecimento, é relevante informar que foram atribuídas letras aos alunos em substituição aos nomes. Essas letras não correspondem sempre aos mesmos alunos.

Em relação à pergunta “Você acha que fala bem seu próprio idioma?”, como exemplos de respostas, encontramos:

Fragmentos 1: Você acha que fala bem seu próprio idioma?

Aluno A: “Acho que não, porque as⁷ vezes a gente erra na hora de falar.”

Aluno B: “Um pouco. Aprendemos todo dia uma nova maneira de falar.”

Aluno C: “Sim, não uso gírias.”

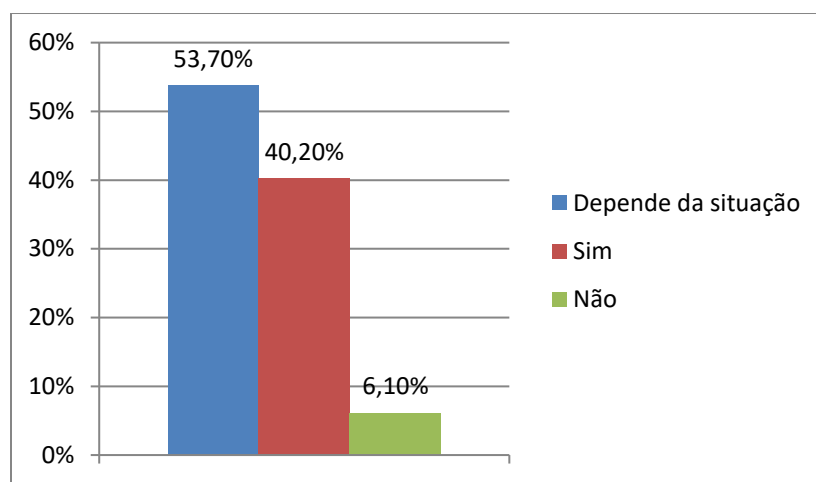
⁷ As respostas dos alunos aparecem exatamente como foram grafadas.

Aluno D: “Não, pois falo várias palavras erradas.”

Aluno E: “Sim. Pois sempre treino para não errar.”

Em relação à pergunta “Você acha que existe certo ou errado na Língua Portuguesa?”, quantitativamente obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 1 - Você acha que existe certo ou errado na língua portuguesa?



Fonte: produção da autora.

Como podemos observar nos Fragmentos 1 e no Gráfico 1, a maioria dos alunos acredita que existe certo ou errado na língua portuguesa dependendo da situação comunicativa. No entanto, ao analisar esses resultados, fica evidente o quanto está impregnada a cultura do “erro” em nossa sociedade, quando os alunos pensam não saber o idioma porque não dominam a variedade culta da língua. Além disso, muitos acreditam que o fato de utilizar gírias é característico de quem não sabe o próprio idioma.

Já em relação ao questionamento “O que você imagina ser variação linguística?”, encontramos como exemplos de respostas dos alunos:

Fragmentos 2: O que você imagina ser variação linguística?

Aluno A: “Vários tipos de língua.”

Aluno B: “É a mistura de palavras de diferentes lugares.”

Aluno C: “As diferentes formas, sotaques de falar alguma coisa, por exemplo, em alguns lugares falam leite puxando o E no final da palavra, aqui falamos leite puxando o a letra I”.

É interessante e válida a forma pela qual os estudantes buscaram definir “variação linguística”, fazendo associações entre as palavras. Podemos perceber nas afirmações dos fragmentos que, embora não compreendam com exatidão o conceito, eles levantaram hipóteses a ser consideradas, inclusive com exemplos, como no caso do aluno C, que podem muito bem ser explorados pelo professor em ocasiões presenciais ou em atividades remotas síncronas. Muito comum, a confusão entre língua e variedade linguística pode ser observada na resposta do aluno A. A resposta do aluno B, ao incluir “diferentes lugares”, mostra, mesmo que de forma inconsciente, a compreensão de que a língua varia conforme a localidade.

Por fim, em relação à pergunta “O que você imagina ser preconceito linguístico?”, verificamos respostas como as dos Fragmentos 3:

Fragmentos 3: O que você imagina ser preconceito linguístico?

Aluno A: “Preconceito linguístico = preconceito entre as línguas.”

Aluno B: “Quando você tem um preconceito no português da outra pessoa?”

Aluno C: “Acho que é preconceito com alguém que fala diferente do que estamos acostumados.”

Aluno D: “Acredito que o preconceito linguístico seja como um deboche de alguém que fala de uma maneira errada, tem um sotaque diferente etc.”

Como podemos observar nos exemplos de respostas dos alunos (Fragmentos 3), o aluno A faz novamente uma relação entre as duas palavras da questão “preconceito” e “linguístico”, associando esta última à palavra “língua”. O aluno B responde com uma pergunta, o que deixa claro que não está certo da sua suposição, embora esteja no caminho certo. O aluno C faz uma proposição correta, embora não tenha oferecido maiores detalhes.

O aluno D traz uma resposta bastante interessante e que traduz o pensamento da maioria dos estudantes. Ele sabe que existe o preconceito e que ele se baseia em caçoar da fala de alguém. No entanto, afirma que existe uma maneira errada de falar e que caçoar dessa maneira errada é que configura o preconceito linguístico.

5.2 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Para o trabalho com a variação linguística, analisamos as atividades propostas nos materiais didáticos utilizados no Ensino Fundamental da escola participante da pesquisa.

Para isso, elaboramos três questões norteadoras da análise do material, ou seja, observamos os seguintes pontos no material adotado pela escola:

- a) A presença do tema variação linguística e sua constância ao longo dos capítulos;
- b) Se há preconceito linguístico nas atividades propostas sobre variação linguística;
- c) Quais os gêneros textuais utilizados para o estudo da variação linguística e se esses representam situações reais de uso da língua.

É importante mencionar que, além dos livros didáticos que serão citados nesta seção, a escola ainda utiliza a *Apostila Sesi*; no entanto, nesse material, não há menção à variação linguística em nenhum dos anos escolares.

Seguem as análises dos materiais didáticos utilizados na escola parceira da pesquisa para 9º ano.

5.2.1 O livro didático *Singular e plural* (autoras Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart, anos 6º ao 9º, PNLD 2016 — atende aos anos 2017, 2018, 2019 e 2020)

A coleção traz o assunto variação linguística apenas no livro destinado ao 6º ano. Não há menção ao termo nos outros anos do Ensino Fundamental II (7º, 8º e 9º). Portanto, as características abaixo relacionadas se referem ao livro do 6º ano por não haver atividades relacionadas aos outros anos.

Com relação ao item (a), das questões norteadoras da análise do livro didático, observamos que não houve menção ao termo “variação linguística” no material dedicado ao 7º, 8º e 9º anos. No livro destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental, verificamos uma subdivisão em três partes. A primeira intitulada “Leitura e Produção”; a segunda, “Práticas de Literatura” e a última “Estudos de Língua e Linguagem”. Nesta última encontramos um único capítulo dentro de uma unidade destinado à variação linguística.

Já em relação ao item (b), das questões norteadoras da análise do livro didático, encontramos duas (das quatro atividades a partir de tirinhas) sobre o preconceito linguístico-social. Observe:

Figura 5 - Recorte de seção de livro didático 1.



Fonte: livro *Singular e plural*, 6º ano, p.213.

Como podemos verificar na Figura 5, há preconceito linguístico porque, segundo o autor, o fato de a tia morar em um sítio muito longe da cidade a impossibilitaria de conhecer o significado da palavra “fartura”, o que não é uma realidade.

Agora, vejamos esta outra tirinha da Figura 6:

Figura 6 - Recorte de seção de livro didático 2.

Atividades

▼ Leia esta tira da Turma do Xaxado. Depois, responda às questões de 1 a 4.

TURMA DO XAXADO

1. A história dessa tirinha se passa no campo ou na cidade? Por quê?
2. Note que Gatunildo não fala a língua portuguesa da mesma maneira que o outro homem (o de chapéu e colete). Um exemplo disso é a palavra *roubar*, que aparece de modo diferente na fala de cada um.
 - a) Se o autor da tira quisesse indicar que Gatunildo fala português da mesma maneira que o outro homem, como seria a fala dele?
 - b) O que a diferença na maneira de falar pode indicar sobre a condição social dessas duas personagens?
 - c) As roupas que as duas personagens usam confirma ou contradiz essa diferença na condição social? Explique.

Fonte: livro *Singular e plural*, 6º ano, p.222.

Nesta outra atividade, da Figura 6, o homem representado por chapéu e colete apresenta uma variedade caipira que pode ser percebida pelo uso das palavras: “dotô”, “arguma”, “roubá”. O risco de focar as atividades na variedade caipira é o da estereotipação, de modo que o aluno pode internalizar que os moradores da zona rural sempre falam utilizando essa variedade, sempre se vestem de determinada maneira — nota-se que, na tirinha, os moradores da zona rural usam roupas mais humildes — ou têm o mesmo tipo de comportamento — na tirinha, representado pelo deputado malandro. Perdeu-se aqui a oportunidade de trabalhar a norma culta — e não a padrão — na fala do deputado, que utiliza o pronome oblíquo “se” no início da sua fala, o que é inadmissível pela norma padrão, mas marca um evento comum na norma culta.

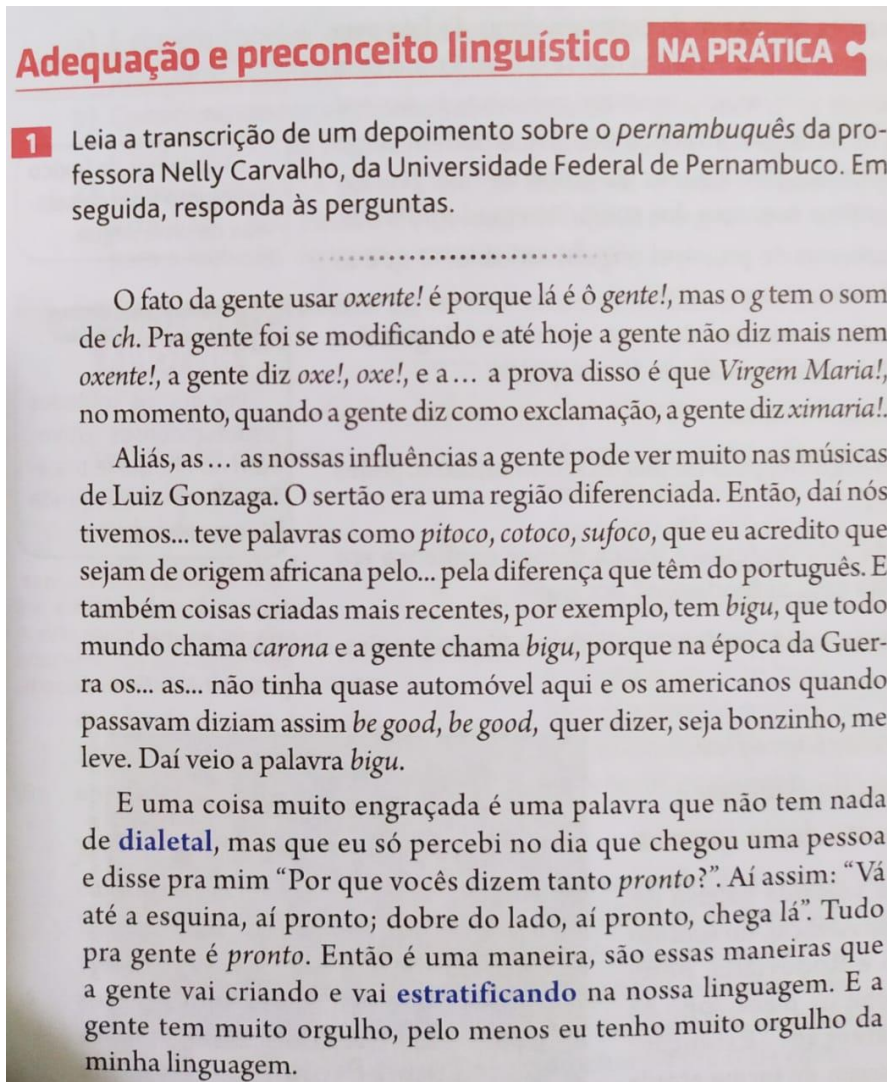
Por fim, em relação à questão (c) norteadora da análise do livro didático, identificamos que há o predomínio de atividades de variação linguística a partir de tirinhas. Foram utilizadas quatro tirinhas, um poema e um dicionário de expressões gaúchas. As atividades não representam as diversas situações de uso da língua, com poucos exemplos de cada variação e um foco maior na variedade caipira. Mais que isso, reforçam o estereótipo caipira. Há necessidade de adequação e complementação nos anos posteriores, o que não é observado pelas autoras, já que não foi dada continuidade ao assunto nos livros direcionados ao 7º, 8º e 9º anos. Também não foi retratado o estrangeirismo em nossa língua, um fator desencadeador de mudanças linguísticas.

5.2.2 O livro didático *Se liga na língua* (autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, 9º ano, PNLD 2020 — atende aos anos de 2020, 2021, 2022 e 2023).

Nesse outro livro didático, organizado para quatro anos a partir de 2020, identificamos que, após a última avaliação do PNLD, dos oito capítulos, dois deles passaram a abordar o assunto variação linguística. Assim, em relação à questão norteadora de análise do material didático “(a) a presença do tema variação linguística e sua constância ao longo dos capítulos”, verificamos que o tema variação linguística passa a ser abordado, nesse livro, a partir do ano de 2020. O capítulo 1 traz “Variedades Linguísticas”, na p.30; “O Português Brasileiro”, na p.31; “Por que a língua sofre variações”, na p.33 e “Estrangeirismo”, na p.40. O capítulo 2 traz “Adequação e preconceito linguístico”, na p.69.

Já em relação ao item (b), nesse livro encontramos um único exercício em que é abordado o preconceito linguístico de forma reflexiva.

Figura 57 - Recorte de seção de livro didático 3.



Fonte: livro *Se liga na língua*, 9º ano, p.73.

Figura 68 - Recorte de seção de livro didático 4.

- a) O uso de *oxe!* é uma das marcas mais características da fala pernambucana e também de outros estados nordestinos. Como essa forma surgiu? *Trata-se de uma redução de oxente!, que surgiu de ô gente!.*
- b) A fala da professora mostra que diferenças no léxico podem surgir em função das experiências particulares do grupo de falantes. Explique essa ideia usando o exemplo dos soldados estadunidenses.
- c) A professora citou palavras de provável origem africana. O que as torna semelhantes? *A sonoridade.*
- d) Segundo a professora, as marcas de uma variedade linguística regional devem ser evitadas? Justifique sua resposta.
- e) Releia o último período do texto.
- “E a gente tem muito orgulho, pelo menos eu tenho muito orgulho da minha linguagem.”
- Que expressão usada pela professora indica menor confiança em relação àquilo que ela está defendendo? Por quê?

Fonte: livro *Se liga na língua*, p.74.

O exercício trata de apenas uma variedade, apostando nas marcas características da fala nordestina como suficiente para abordar toda a questão sobre preconceito linguístico. É preciso redobrar a atenção ao tratar, na última questão (letra e), da fala da professora Nelly, que contém preconceito quando utiliza a expressão “pelo menos”, fazendo uma ressalva ao que foi dito anteriormente e abrindo espaço para que as pessoas pensem que outros nordestinos podem não possuir orgulho da própria linguagem. É importante que exercícios como esses sejam comentados cautelosamente pelo professor, ou poderão reforçar ainda mais o que se deseja eliminar.

Os demais textos encontrados apenas sinalizam a questão do preconceito de forma a evitá-lo.

Por fim, sobre o item “(c) Quais os gêneros textuais utilizados para o estudo da variação linguística e se esses representam situações reais de uso da língua”, evidenciamos que as atividades partem de vários gêneros e fazem a reflexão sobre os diversos tipos de variação linguística. Dessa forma, identificamos que foram utilizados os seguintes gêneros, representando situações reais de uso da língua : charge (regionalismo), meme (gíria), anúncio antigo (variação histórica), receita (variação regional), tirinha (gíria), artigo de revista (estrangeirismo), anúncio (estrangeirismo), meme (estrangeirismo), tirinha (adequação linguística), placa informativa (desvio ortográfico), poema (variação histórica, social e regional), artigo de revista (formalidade x informalidade), narração de futebol (jargões e

variação na fala e na escrita), depoimento (preconceito linguístico), meme (formalidade e informalidade). Não identificamos nenhuma crônica no estudo da variação linguística. Na figura abaixo, observa-se um exemplo de atividade de variação linguística regional em que é possível verificar uma situação de uso real da língua — uma receita de bolo.

Figura 79 - Recorte de seção de livro didático 5.

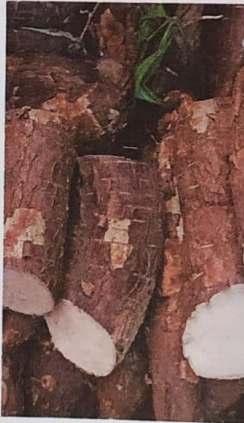
2 Veja esta lista de ingredientes para a preparação de um bolo.

Bolo de macaxeira – mandioca ou aipim

Ingredientes

- 1 kg de macaxeira (mandioca, aipim)
- 2 xícaras (chá) de leite de coco
- ½ xícara (chá) de água
- 2 ½ xícaras (chá) de açúcar (se gostar desse bolo bem docinho use até 3 xícaras)
- 1 colher (sopa) de manteiga derretida
- 2 ovos

Disponível em: <<http://gshow.globo.com/receitas-gshow/receita/bolo-de-macaxeira-mandioca-ou-aipim-5068acd64d3885095d000045.html>>.
Acesso em: 6 set. 2018.



a) A precisão é uma das características do gênero textual *receita culinária*. Como ela aparece no texto?

b) É correto afirmar que essa receita do bolo de macaxeira também serve para produzir bolos feitos de outros dois alimentos, a mandioca e o aipim? Justifique sua resposta.

c) Explique por que o *site* que divulgou a receita mostrou boa compreensão do fenômeno da variação linguística.

Fonte: livro *Se liga na língua*, 9º ano, p.36.

A atividade poderia ainda ser complementada com pesquisas a respeito de outras palavras que também são faladas de modo diferente em outras regiões do país.

Como podemos observar, após a análise dos materiais didáticos adotados na escola parceira da pesquisa, podemos concluir que até 2019 não havia livro didático direcionado ao 9º ano que abordasse o tema variação linguística — mesmo com a indicação do conteúdo no PNLD de 2016 (válido para os anos de 2017 a 2020), sendo o tema abordado no livro do 6º ano em apenas um capítulo e contendo preconceito linguístico-social.

Com a obrigatoriedade do ensino da variação linguística imposta pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e pelo Plano Nacional do Livro Didático de 2020 (válido para os anos de 2021 a 2024), percebemos um significativo aprimoramento do material, que passou a trazer esse conteúdo para o 9º ano (bem como para outros anos), ainda que de forma tímida, com dois capítulos reservados para o assunto e sem a presença de preconceito linguístico, o que mostra um grande avanço em relação aos anos anteriores. O tema da variação linguística não é tratado em todo o livro didático, no entanto as atividades foram bem selecionadas, com caixas de texto explicativas e textos que representam situações reais de uso da língua.

Vivemos novos tempos, em que há a necessidade da compreensão da língua como algo flexível e do respeito às suas diversidades culturais, regionais e sociais. Essas menções à variação linguística estão por todo o texto da BNCC, o que evidencia a importância do assunto na escola, não só em língua portuguesa, mas em todas as áreas do conhecimento. Assim, a tendência é que se elaborem livros didáticos em que se abordem as questões referentes às variações da linguagem de uma forma renovada, reflexiva, mais ampla e menos preconceituosa.

Alinhado à nova Base, o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de Língua Portuguesa de 2016 teve como requisito para a escolha dos próximos livros a inserção da heterogeneidade linguística, evidenciando a necessidade de um trabalho mais efetivo nessa área pela escola.

[...] o ensino de língua portuguesa, nos quatro últimos anos do Ensino Fundamental de 9 anos, deve organizar-se de forma a garantir ao estudante [...] o desenvolvimento da compreensão da variação linguística e no convívio democrático com a diversidade dialetal, de forma a evitar o preconceito e valorizar as diferentes possibilidades e expressão linguística [...]. (BRASIL, 2016, p.18)

Assim, nossa proposta de intervenção vem complementar o trabalho com a variação linguística no 9º ano do Ensino Fundamental apresentado no livro didático mais recente, de maneira a atender a essa nova demanda de compreensão da língua, com atividades reflexivas que respeitem a diversidade linguística e valorizem inúmeras possibilidades de expressão.

6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: E-BOOK DE OFICINAS

Nesta seção, apresentamos o *e-book* de oficinas intitulado *O mesmo mundo, um novo olhar: Oficinas de Variação Linguística*, elaborado para os alunos de 9º ano do Ensino Fundamental II, a descrição de suas partes e a aplicação em sala de aula. Nosso *e-book* poderá ser utilizado pelo professor de língua portuguesa na íntegra ou adaptado segundo as necessidades do professor e adequações em sala de aula.

6.1 DESCRIÇÃO DO E-BOOK DE OFICINAS

O *e-book* de Oficinas *O mesmo mundo, um novo olhar*, elaborado para os alunos de 9º ano do Ensino Fundamental II, é composto por dez oficinas. Em cada oficina há indicação dos objetivos, material e previsão da duração de aulas.

Em cada oficina há a leitura de, pelo menos, uma crônica. Para o desenvolvimento das oficinas, outros gêneros também foram utilizados, todos eles com elementos que podem estar presentes na crônica a ser produzida, como as figuras de linguagem, os efeitos de humor, o jogo de palavras e os sentidos produzidos. Na última oficina, é proposta a produção de uma crônica na modalidade escrita, que será corrigida e devolvida para reescrita, se necessário, e posteriormente publicada em um livro de crônicas da turma.

Todas as oficinas possuem um texto introdutório que se refere ao tema de cada uma delas e que pode pertencer a gêneros variados, como vídeos, músicas, desenhos animados, imagens, peças teatrais, entre outros, com a finalidade de contextualizar o assunto, de fazer refletir sobre ele de uma forma leve e prazerosa.

A seguir, descrevemos cada uma das oficinas.

6.1.1 Oficina 1 – Reconhecendo a variação linguística

A Oficina 1 trata da introdução ao assunto variação linguística oferecendo aos estudantes a oportunidade do primeiro contato com o assunto e de detectar o conhecimento preexistente com relação ao tema. As atividades objetivam que o aluno possa adquirir consciência da diversidade linguística intimamente ligada à situação comunicativa. Além disso, é importante comparar as normas utilizadas em cada contexto e conscientizar-se de que há a variedade falada pela própria comunidade e as variedades que se distanciam dela. Outro objetivo da Oficina 1 é refletir sobre o funcionamento da concordância entre o verbo e o sujeito em diferentes situações de uso (Vieira, 2017). É nesse momento que sugerimos uma introdução

aos conceitos de norma culta e norma padrão como embasamento das próximas oficinas. Como o objetivo dessa oficina é introduzir conceitos sobre variação linguística, o gênero crônica ainda não foi apresentado.

6.1.2 Oficina 2 – Reconstruindo “certo” e “errado” na língua

Nessa oficina são discutidas as origens do português brasileiro, as influências externas, as mudanças, discussões sobre “certo” e “errado”, as polêmicas em torno da língua, com o objetivo de mostrar que a variação é algo natural da língua. O mapa introdutório mostra duas palavras que concorrem no significado de um mesmo produto alimentício em várias regiões do Brasil: “biscoito” e “bolacha”. Trata-se de uma curiosidade para despertar o interesse do aluno para o assunto da aula.

É importante salientar aos alunos que algumas palavras possuem uma conotação pejorativa. São palavras cujo uso contribui para aumentar o preconceito. É o que acontece com a palavra “negrinho”, ao se referir a “brigadeiro”, em alguns lugares da região sul do Brasil. A atividade 1 dessa oficina é um convite à pesquisa sobre outras palavras utilizadas na língua portuguesa que remetem ao preconceito social e que devem ser evitadas.

A crônica escolhida para essa oficina, “Pronomes”, de Luis Fernando Verissimo, revela que são as situações comunicativas que devem definir a variedade utilizada na interação humana, e não a imposição de uma única norma a todas as situações, até porque isso poderia acarretar consequências desagradáveis. Ainda através da crônica “Pronomes”, será observado o uso de figuras de linguagem, muito comuns no gênero crônica, sempre com foco no efeito de sentido produzido no texto.

Foram apresentados *links* de vídeos que auxiliam no objetivo de tornar o aluno consciente das variedades existentes no Brasil e apto a fazer comparações entre as variedades das diversas regiões, inclusive a sua. A leitura dos comentários sobre os vídeos traz uma rica discussão sobre a variedade linguística de determinadas regiões. Através dessa leitura poderão ser identificados alguns preconceitos entre os próprios falantes de uma mesma região. É possível ainda verificar que em uma mesma região há controvérsias a respeito da variedade falada no local, o que pode ser ocasionado pelo grau de escolaridade, idade, zona urbana, zona rural, entre outros condicionadores. Coelho et al (2019) dizem que a escolha dos falantes por uma ou outra variante é buscada por fatores condicionadores.

Há uma combinação dos fatores que condicionam a forma como falamos. (...) os condicionadores extralinguísticos – aqueles que, como o nome sugere, encontram-se fora da estrutura da língua. Os condicionadores extralinguísticos estão estreitamente relacionados aos tipos de variação; estes são decorrentes do controle desses condicionadores. (COELHO et al, 2019, p.37-38)

6.1.3 Oficina 3 – Desvendando o preconceito linguístico

A Oficina 3 trata do preconceito linguístico. Para Bagno (2007), o que é mais importante na língua portuguesa é o que se diz, para quem diz, como se diz e por que se diz. Para tal autor, não existe o erro de português. O que existe são as variedades do português e uma elite que supõe saber mais a língua que analfabetos, pobres e excluídos, os quais se sentem inferiorizados, com receio de falar a própria língua. O saber gramatical tem sido usado como instrumento de dominação pela população culta.

Dessa forma, essa oficina traz o foco para a discussão sobre “certo” e “errado”, “adequado” e “inadequado” na língua portuguesa, de forma a combater o preconceito. A crônica presente nessa oficina busca mostrar que há situações em que não é necessário utilizar a norma culta da língua. Existem muitas situações comunicativas em que outras normas da língua são mais adequadas, embora a norma culta seja conhecida pelo falante. Aqui cabe uma importante reflexão sobre norma culta, norma padrão e norma curta, sobre “saber falar português” e o preconceito linguístico existente até mesmo entre quem não conhece a norma padrão e ainda assim a exige dos outros.

Para isso, será realizado um debate acerca do tema preconceito linguístico, através de uma notícia sobre a distribuição pelo MEC de um livro didático que ensinaria português “errado”.

A crônica “Preconceito na Balada”, de Sérgio Rodrigues, pretende averiguar se o aluno entendeu as considerações do professor sobre “certo” e “errado” na língua falada, se compreendeu que não há quem não saiba falar a própria língua, se foi internalizado o conceito de norma culta e se a crítica presente na crônica, o preconceito linguístico, foi assimilada em sua totalidade.

Também será realizada a transcrição da fala para a escrita, em que será possível estabelecer comparações entre uma e outra modalidade. Deverá ficar evidente a estereotipação dos personagens em cenas de novelas brasileiras, ato comum na mídia televisiva. Bagno (2007) diz que as telenovelas brasileiras retratam a fala nordestina de forma preconceituosa, geralmente associada a um personagem de menor valor social, grotesco, atrasado e que provoca riso.

Na cena apresentada aos alunos, Cassiano e Candinho são dois personagens que nasceram na mesma comunidade, em uma região localizada no Rio Grande do Norte. No entanto, a diferença de sotaque entre eles é gritante. Cassiano, o protagonista, herói da história, não possui nenhuma característica do falar regional do Nordeste, enquanto Candinho apresenta, de forma bastante caricata, não só o sotaque marcado pelo que se acredita ser o falar do nordestino, como também é apresentado como pobre, “bobo” e com capacidade cognitiva reduzida. Esses personagens nos permitem discutir em sala de aula os estereótipos sociais.

Além disso, a partir das falas dos personagens, podemos promover a discussão de variantes regionais, como sobre as vogais “e” e “o” na posição pretônica que são pronunciadas como vogais médias baixas (“abertas”) em determinadas regiões do Nordeste e como médias altas (“fechadas”) em alguns locais da região Sul e Sudeste.

6.1.4 Oficina 4 – A língua como instrumento de poder

A Oficina 4 pretende estudar a língua como instrumento de poder. Todo discurso é proferido por alguém, com alguma intenção, de uma certa forma, para um determinado interlocutor. Assim, quem fala ou escreve quer transmitir o seu ponto de vista sobre algo e, para ser entendido ou alcançar seu objetivo, utiliza recursos para que atinja o seu público-alvo. Para Bagno (2003, p.16), “de todos os instrumentos de controle e coerção social, a linguagem talvez seja o mais complexo e sutil”.

Aqui deve ficar evidente que o falante/escritor utiliza recursos linguísticos para convencer seu interlocutor. Muitas vezes, o interlocutor não tem o que dizer mas precisa falar, porque é isso que os ouvintes/leitores esperam dele ou, para fugir de questionamentos, pressões públicas, utiliza de meios para que seu discurso passe despercebido. Deixar a linguagem obscura com excesso de formalismos é um truque para conseguir aplausos sem que alguém tenha entendido seu discurso. Como a norma culta possui prestígio social, o interlocutor finge que a usa corretamente, utilizando palavras desconhecidas e descabidas ao proferir seu discurso, com a intenção de mostrar inteligência. Trata-se da complexidade vazia. Assim, o desenho animado apresentado nessa oficina reflete como a linguagem é utilizada como instrumento de poder, sendo um poderoso recurso de competição social e dominação. Espera-se que o estudante possa refletir sobre essa linguagem e relacioná-la aos discursos políticos, religiosos, intelectuais etc. que existem na sociedade e visam a influenciar um grande número de pessoas.

A crônica presente na oficina faz referência a uma norma abstrata e que não representa nenhuma variedade do PB: a norma padrão (Faraco, 2008). O personagem passa o discurso todo

pensando em como concordar o verbo para dizer corretamente uma expressão. Como não se recorda da regra gramatical, desconversa e não fala o termo em questão. Acaba não produzindo sentido em seu discurso; no entanto, é aplaudido. Assim, os objetivos a ser alcançados com os exercícios propostos para a crônica são:

- a) Compreensão da ideia principal do texto: crônica baseada na angústia do personagem por não lembrar uma regra de convenção da norma gramatical de concordância verbal;
- b) Crenças linguísticas: evidenciar as crenças que a sociedade possui sobre o que é “esperado do falar de um deputado”. Temos uma situação de discurso político monitorada, marcada pela preocupação com a norma gramatical e a norma padrão. O fato de o deputado não saber determinada regra de convenção da língua portuguesa gerou uma grande angústia pelo medo de ser julgado pelo público;
- c) Compreensão dos usos linguísticos escolhidos pelo personagem: o personagem utiliza uma linguagem prolixa e vazia de sentido antes do desfecho como forma de ganhar tempo e, logo após, finaliza sem dizer o que pretendia, por não ter se lembrado da regra da norma padrão;
- d) Compreensão das outras formas/usos linguísticos que o personagem poderia ter escolhido: o deputado poderia escolher qualquer uma das formas para terminar o discurso, sem que essa escolha afetasse seu discurso, no entanto preferiu não correr o risco de “manchar sua imagem”, já que não sabia que qualquer uma das formas poderia ser utilizada na norma culta, considerada de prestígio pela sociedade;
- e) Reflexão linguística de "Não sou daqueles que recusa" e de "Não sou daqueles que recusam": levar o aluno a refletir e entender que o verbo recusar concorda, no singular, com o pronome "eu", sujeito oculto nessa oração, chamando a atenção para o pronome, evidenciando que se trata de uma só pessoa. Portanto, se a intenção é destacar essa única pessoa, a melhor opção é utilizar o verbo no singular. Já em "Não sou daqueles que recusam", a atenção se volta para o plural. Assim, "recusam" concorda com "daqueles". É importante deixar claro que o complemento do verbo importa dependendo do que se quer deixar em evidência.

Sobre o item (e), cabe lembrar o que prescreve a gramática normativa: de acordo com Celso Cunha (2017, p.516), depois de um dos que (= um daqueles que), o verbo vai normalmente para a 3ª pessoa do plural: "Naqueles dias a meninada do colégio interessava-se vivamente pelos concursos e eu era um dos que não perdiam o bate-boca das arguições (M.

BANDEIRA)". Portanto, pela gramática normativa, o deputado deveria dizer: "Não sou daqueles (= um daqueles) que recusam [...]".

Já para Bagno (2011, p.656), iniciar a sentença matriz com um dos que (um daqueles que) permite ao falante/escrivente selecionar o elemento com que vai fazer concordar o verbo, dando ênfase ou destaque a esse elemento. De acordo com essa linha de raciocínio, o deputado poderia dizer:

"Não sou daqueles que recusa [...]"

ou

"Não sou daqueles que recusam [...]"

A escolha de uma estrutura ou outra dependerá do termo que ele quer enfatizar e da intenção do usuário da língua.

A partir da Oficina 5 serão estudados os tipos de variação propostos no livro *Para Conhecer Sociolinguística*. É importante destacar que a divisão em tipos não significa que eles sejam independentes, nem que ocorram separadamente, muito pelo contrário: a língua é viva, dinâmica, e o seu uso deve ser adequado às diferentes situações comunicativas.

6.1.5 Oficina 5 – Variação regional ou diatópica

Essa oficina seguiu a premissa de que, segundo Coelho et al (2019, p.39), a variação regional

pode ser estudada ao se oporem diferentes tipos de unidades espaciais: podemos dizer que existem variação regional entre Brasil e Portugal (dois países), entre o Nordeste e o Sul do Brasil (duas regiões de um mesmo país), entre Paraná e Santa Catarina (dois estados de uma mesma região), entre Chapecó e Florianópolis (duas cidades de um mesmo estado) e mesmo entre falantes do centro de Florianópolis e falantes do Ribeirão da Ilha (dois bairros de uma mesma cidade). É comum também que se analise variação regional entre zonas urbanas e zonas rurais ou do interior.

Assim, seguindo tais observações, iniciamos a Oficina 5 com a audição da música “Dengo”, de Ana Clara Caetano (2015), interpretada pela dupla que leva o nome de Anavitória, e a reportagem sobre as cantoras, com a finalidade de fazer com que o aluno reflita sobre o fenômeno variável da concordância verbal com pronome da segunda pessoa do discurso. Ainda que a gramática tradicional oriente, em sua regra geral, que o verbo deve concordar com o sujeito em número e pessoa, é possível verificar que, na música, isso não acontece em relação ao pronome de 2ª pessoa e o verbo conjugado na 3ª pessoa. A reportagem deixa evidente a

naturalidade das compositoras da letra da música — Araguaína (TO), local em que são muito comuns construções com esse tipo de concordância.

O “tu”, pronome pessoal do caso reto, usado para representar a 2ª pessoa gramatical, foi substituído por “você” em quase todo o território brasileiro e é empregado como forma de intimidade, com o verbo na 3ª pessoa do singular. Porém, há regiões em que o “tu” é o pronome usado em situações informais e, nesses casos, o verbo também é empregado na 3ª pessoa do singular. Para Menon (1995, p.97), a causa disso é que o português brasileiro passou a simplificar as flexões. Para a autora, a forma verbal com morfema Ø é interiorizada pelos falantes como marca de segunda pessoa, e a escolha recai sobre qual pronome utilizar: “tu” ou “você”. Assim, “tu” não só representa um traço regional, como também uma tendência do nosso português em “marcar o sujeito em função da perda dos traços de segunda pessoa do verbo” (Menon, 1995, p.97).

Podemos dizer, portanto, que a língua varia conforme os usos que fazemos dela. De acordo com Bagno (2011), é necessário que se permita que os aprendizes acessem o maior número possível de modalidades faladas e escritas de sua língua, o que acontece por meio da utilização dos gêneros textuais. A localidade é levada em conta como variável extralinguística. “O emprego do índice pessoal ‘tu’ está restrito a determinadas variedades regionais e/ou sociais. Em variedades urbanas de prestígio, ‘tu’ ocorre com formas verbais correspondentes a ‘você’: tu fala, tu falou, tu falava, tu falasse etc.” (Bagno, 2011, p.750).

Através da crônica “Pechada”, de Luis Fernando Verissimo, é possível perceber algumas variantes regionais da nossa língua. A história é bastante comum no ambiente escolar: um novo aluno na sala de aula possui um modo de falar diferente dos outros colegas, o que gera burburinho entre eles. Trata-se de uma boa oportunidade para aprender sobre variações regionais e preconceito linguístico.

O quadrinho do Chico Bento busca identificar a intencionalidade da concordância ou não concordância verbal e refletir sobre esse fenômeno, que pode variar de acordo com o indivíduo ou a necessidade. Essa atividade pretende que o aluno perceba o trocadilho que existe entre as palavras “perfeito” e “prefeito”. E que esse jogo com as palavras só foi possível porque o personagem não utiliza, durante todo o texto, as regras de concordância previstas na gramática normativa.

É necessário que o aluno se conscientize sobre como e quando utilizar a concordância ou a não concordância, de modo que possa reconhecê-las e optar pela melhor forma ao construir sentidos na produção de texto oral ou escrito. Se a regra geral, pela gramática normativa, propõe que o verbo concorde com número e pessoa do sujeito, os linguistas preferem garantir o sentido.

Neves (2003, p.94) adverte que “a variação está a serviço da linguagem”. Nenhuma variedade linguística pode ser ignorada, e cada variante, por suas especificidades e funções sociais, tem de ser cultivada nas instâncias apropriadas.

6.1.6 Oficina 6 – Variação social ou diastrática e variação diacrônica

A variação social ou diastrática é aquela que reflete as diversas características sociais do falante. Aqui se estudam as variações relacionadas à faixa etária, grau de escolaridade, nível socioeconômico e sexo/gênero (Coelho et al, 2019).

Através dos poemas introdutórios dessa oficina, pretende-se mostrar aos estudantes a variação referente ao grau de escolaridade e ao nível socioeconômico. Já as crônicas: “Tentando escrever uma crônica em 2017”, de Antônio Prata, e “Ser Brotinho”, de Paulo Mendes Campos, trazem marcas da escrita e da fala de duas épocas diferentes, enfatizando a variação diacrônica.

A primeira, escrita em 2017, em São Paulo, traz uma linguagem mesclada de oralidade, bastante informal, marcada pelo internetês e revelando atitudes de alguns tipos sociais mais jovens na atualidade. A segunda, escrita em 1959, no Rio de Janeiro, apresenta palavras representando atividades e objetos utilizados na época de sua escrita.

O trecho da carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel de Portugal é utilizado na oficina com três finalidades. A primeira é apresentar a primeira crônica brasileira e sua característica voltada mais à informação, porém de forma literária. Depois, há um convite à análise da linguagem quanto ao grau de formalidade, ao léxico, à situação de comunicação, à época. A terceira finalidade trata sobre o encontro não tão bem-sucedido da língua portuguesa de Portugal com a língua dos nativos.

A crônica “Palavras Emprestadas”, de Ivan Lins, aborda a questão dos estrangeirismos presentes em nossa língua e a polêmica que eles causam. É uma boa oportunidade para explorar outra característica bem acentuada em crônicas: a argumentatividade e seu poder de convencimento.

O objetivo principal do trabalho com as crônicas é a percepção de que as palavras e expressões podem passar por modificações ao longo do tempo (que pode nem ser tão longo assim) de acordo com a necessidade do falante. A atividade de pesquisa/entrevista faz com que o aluno tenha contato com as palavras e expressões de uma outra época através de pessoas próximas, conhecidas, e não apenas de forma distante como em vídeos ou mídias televisivas. Os exercícios dessa oficina serão utilizados para a construção de um texto do gênero crônica mais adiante.

Além disso, buscamos estabelecer uma comparação entre os recursos linguísticos característicos da modalidade falada e da modalidade escrita, o que é bastante representativo da primeira crônica. Também pode ser explorado o recurso da ironia, muito presente em crônicas argumentativas.

6.1.7 Oficina 7 – Variação estilística ou diafásica

Os diversos papéis sociais que as pessoas exercem nas diferentes situações comunicativas resultam na variação estilística ou diafásica (Coelho et al, 2019). É a variação nas palavras, nas expressões, no modo de dizer, dependendo da situação comunicativa, das características das pessoas com quem conversamos e do ambiente em que estamos. Essas diferenças podem mostrar autoridade, afinidade, grau de intimidade, modos de ser, classes sociais, grau de escolaridade, grupos a que o indivíduo pertence, profissão que exerce etc. Entram aqui os jargões profissionais e as gírias.

O vídeo intitulado “Todas as gírias que aprendi no Brasil/Olhar gringo” é muito interessante para introduzir a Oficina 7. Primeiro porque o autor do canal é nativo norte-americano e se propõe a ensinar inglês aos brasileiros; segundo porque, tendo viajado para muitos estados brasileiros, pôde ter uma visão bastante ampla das variações linguísticas do nosso país, principalmente no que se diz respeito às gírias. Assim, a visão de um estrangeiro sobre a variação linguística em nosso país destaca alguns pontos que para nós, nativos, podem passar despercebidos.

A crônica “Povo”, de Luis Fernando Verissimo, traz uma brilhante e irônica crítica à sociedade preconceituosa. Para isso, o autor utiliza, dentre outros recursos, a variação na linguagem da patroa e da empregada. Uma crítica aos que dizem não ter preconceito, mas que o revelam ao menor discurso. Espera-se que, com a leitura e o entendimento da crônica, o aluno consiga perceber a sutileza do autor ao retratar o preconceito racial e social (e que ele o faz através da linguagem, na forma de tratamento entre os personagens). Para isso, o autor lançou mão da variação estilística.

Por meio do texto “Jargões”, de Luis Fernando Verissimo, o trabalho com a variação é pautado pelos termos técnicos utilizados nas diferentes áreas de atuação da sociedade. Há palavras e expressões que são próprias de determinados grupos. Para trazer à tona essa discussão, foram pensados, além do estudo da crônica, exercícios de busca a jargões e termos técnicos, os locais onde eles são utilizados e de que forma são encontrados nas crônicas. É

proposto ainda um jogo em que o professor pode avaliar, de forma lúdica, se o conteúdo da oficina foi apreendido.

6.1.8 Oficina 8 – Variação na fala e na escrita ou variação diamésica

A variação diamésica é aquela relacionada às características de dois códigos distintos: a fala e a escrita. Pretende-se, nessa oficina, a observação das diferenças entre os dois meios: a fala, que é mais espontânea, menos monitorada, improvisada e mais suscetível à variação; e a escrita, que é mais planejada, monitorada, menos espontânea e com menor variação devido às regras normativas (Coelho et al, 2019, p.48).

O vídeo do anúncio publicitário da Volkswagen mostra um técnico alemão que utiliza um bordão popular nos grandes centros brasileiros: “É nós”, deixando muito claro quando é mais adequada, e até mesmo útil em atos de persuasão, como em anúncios publicitários, a utilização da língua de modo mais informal ou mais formal. “É nós” aproxima as pessoas, visto que se trata de uma expressão muito utilizada na modalidade falada. Quando a expressão é utilizada por um estrangeiro, que possui o status de qualidade (visto que, no Brasil, é comum a valorização do que é proveniente do exterior), o anúncio pretende mostrar que o objeto desejado é bom e acessível a todos. O importante nesse exercício é a diferenciação entre norma culta, norma padrão e variedade linguística estigmatizada. Embora os estudos direcionem para uma maior flexibilização de concordância na fala, a não realização da concordância é alvo de preconceito linguístico, como é demonstrado pelo colega que corrige o técnico alemão.

É necessário também que o aluno perceba que o personagem que o corrige, mesmo que utilize a norma culta da linguagem, termina sua colocação com a palavra “nós”, deixando evidente que, mesmo na norma culta, há traços da variedade popular, estigmatizada. Fica evidente que o técnico alemão utiliza a gíria “É nós” para se aproximar do público para quem a campanha publicitária é direcionada: os mais jovens. É importante destacar que o técnico alemão, conhecido pela qualidade na fabricação de carros, não sofre preconceito linguístico. Ele é visto como um estrangeiro competente e “descolado”, que tenta se aproximar dos jovens falando como eles.

Para Bagno (2011), as variedades linguísticas dos que vivem nas periferias das grandes cidades mas conservam traços culturais da zona rural são rejeitadas, estigmatizadas pelos falantes de outras variedades. Mesmo assim, é comum sujeitos letrados apresentarem traços dessa variedade estigmatizada em situações menos monitoradas, em interações faladas ou escritas

O trabalho com a crônica “Zona Norte, Zona Sul”, de Luis Fernando Verissimo, bem como sua transposição para a mídia televisiva, buscou demonstrar as diferenças entre a modalidade escrita e a modalidade falada, as adaptações necessárias com relação à época, aos personagens, aos conceitos de determinados grupos etc.

A crônica “Os moralistas”, de Luis Fernando Verissimo, revela alguns recursos dos quais o autor pode lançar mão para transferir a fala para a escrita, como os sinais de pontuação, por exemplo.

6.1.9 Oficina 9 – A crônica

A Oficina 9 visa a levar o aluno a refletir sobre o que é a crônica, qual sua estrutura e, mais que isso, suas características, suas peculiaridades. Para isso, retomamos as crônicas lidas nas oficinas anteriores e reconhecemos os recursos utilizados pelos autores na produção dos textos, como as figuras de linguagem, por exemplo, e o efeito causado por esses recursos.

Nossa intenção com as atividades propostas nessa oficina é que o aluno diferencie a crônica dos demais gêneros textuais e observe como ela é um campo amplo para o estudo das variações linguísticas, já que é escrita com base no cotidiano do autor. Assim, autores contam histórias específicas do seu tempo, do seu estilo de linguagem, da sua região, com as expressões de que dispõem de acordo com suas características pessoais.

6.1.10 Oficina 10 – A escrita da crônica

Na Oficina 10, inicialmente pensamos na produção escrita de uma crônica e da dramatização do texto elaborado pelos alunos.

Entretanto, devido ao contexto de atividade remota no ano de 2020, a etapa de “dramatização”⁸ foi excluída. Focalizamos, então, na Oficina 10, na preparação e elaboração de uma crônica. Aqui é sugerido ao aluno o recolhimento de materiais que sirvam de apoio para a escrita do texto, como por exemplo fotografias, áudios, observações decorrentes de visitas a diversas situações comunicativas. A reportagem escolhida para a introdução da oficina

⁸ Na etapa de dramatização, os alunos poderiam ter a oportunidade de representar uma crônica escolhida por eles dentre as da oficina ou a dramatização de uma crônica elaborada por eles. O objetivo era estimular outras linguagens, como a presente nas artes teatrais, a capacidade de interpretação da ideia principal da crônica, a crítica mascarada em forma de texto. Além disso, a variação linguística deve estar presente, evitando o preconceito linguístico. Para isso, eles deveriam estar atentos aos detalhes da linguagem de cada personagem, bem como a sua caracterização. A época em que se passam os acontecimentos pode ser alterada com as devidas adaptações necessárias na transposição para a atualidade ou para o passado.

apresenta particularidades no modo de falar de uma cidade vizinha e será utilizada como meio de despertar curiosidade para a pesquisa na própria cidade.

Depois de recolhido o material, o aluno nessa etapa deve seguir alguns passos para a construção do próprio texto. Ao final desse percurso, a crônica deve ser corrigida seguindo os critérios que a caracterizam, e devolvida para reescrita, se necessário. Depois poderão ser publicadas em um livro de crônicas da sala, que ficará exposto na biblioteca da escola para apreciação. Também há a possibilidade de publicação em um *blog* da escola.

6.2 DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DAS OFICINAS NAS TURMAS DE 9º ANO DO EF

Nesta seção, descrevemos a aplicação de algumas atividades elaboradas e que estão presentes em nosso *e-book* de oficinas. Como já mencionado, as atividades das oficinas foram inicialmente planejadas para a aplicação presencial em sala de aula com auxílio do professor, que deveria conduzir presencialmente as atividades e mediar as reflexões sobre a temática da variação linguística e outros temas relacionados a ela (como preconceito, tipos de variação, estigmas sociais etc.), priorizando as rodas de conversa e debates, incentivando a participação da coletividade na construção do conhecimento e avançando conforme o desempenho dos alunos durante as atividades.

No entanto, devido à pandemia do coronavírus, à interrupção das aulas presenciais em março de 2020 e ao início de atividades remotas no final do mesmo mês, as atividades propostas tiveram que ser aplicadas em meio digital e adaptadas a esse contexto. Também, como já descrito, a escola participante desta pesquisa optou por enviar as atividades de todas as disciplinas aos alunos via *blog*. Assim, conforme acordado com a diretoria e coordenação da escola, as atividades do *e-book* foram enviadas quinzenalmente para publicação no *blog* da escola.

Desse modo, as atividades foram aplicadas a 82 alunos do 9º ano de uma escola pública de Aguaí. Desse total, foi frequente a participação nas atividades de aproximadamente 20 alunos, predominantemente do sexo feminino, com aproximadamente 14 anos de idade, alguns com mais acesso à internet e outros com maiores dificuldades.

O *e-book* de oficinas intitulado *O mesmo mundo, um novo olhar: Oficinas de Variação Linguística* possui, como já descrito na seção anterior, dez oficinas que foram postadas no *blog* no ano de 2020. Infelizmente, devidos aos contratempos ocasionados pela pandemia e pelo período de adaptação ao contexto remoto, não houve tempo hábil para a aplicação das atividades previstas nas Oficinas de 6 a 10. Entretanto as atividades aplicadas nos ajudaram a

(re)pensar essa parte do *e-book* que não pôde ser executada junto aos alunos. Assim, foram aplicadas as atividades das Oficinas de 1 a 4, postadas da seguinte forma: as Oficinas 1 e 2 no dia 07/09/2020 e as Oficinas 3, 4 e 5 no dia 03/10/2020.

Com a aplicação das Oficinas 1 e 2, a partir das respostas das primeiras atividades aplicadas a distância, percebemos a necessidade de conceituar norma padrão, norma culta, graus de formalidade e o fenômeno da concordância verbal de uma forma mais simples e por meio de exemplos.

Em relação à forma pela qual recolhemos as respostas, orientamos os alunos a responderem às atividades usando papel, lápis, caneta e, em seguida, fotografar as respostas para posteriormente enviá-las à professora-pesquisadora via *WhatsApp*. Houve grande dificuldade na devolutiva das atividades, já que grande parte dos alunos não possui acesso à internet ou assinam planos limitados, o que impossibilitou vários deles de assistir aos vídeos propostos através de *links*.

A seguir, apresentamos todas as atividades propostas, ou seja, as oficinas numeradas de 1 a 10, as respostas de alunos e uma breve análise dessas respostas até a Oficina 5 (oficinas efetivamente aplicadas). Por terem sido escritas a lápis, as respostas dos alunos foram transcritas neste trabalho. Os nomes dos estudantes não são revelados. A distinção entre eles será realizada por meio de letras do alfabeto, sendo que uma letra nem sempre corresponderá ao mesmo aluno em outro exercício.

6.2.1 Aplicação da Oficina 1 – Definições e conceitos

O objetivo principal das duas atividades dessa oficina é levar o aluno a desenvolver a consciência da diversidade linguística intimamente ligada à situação comunicativa. Além disso, é importante que sejam realizadas comparações entre as diferentes normas utilizadas em cada contexto comunicativo. Como fenômeno gramatical, é abordado o funcionamento da concordância entre o verbo e o sujeito em diferentes situações de uso (Vieira, 2017).

Na oficina, após um quadro que define norma culta e norma padrão, solicita-se ao aluno:

Quadro 2 - Atividade 1 da Oficina 1.

- a) Grave, em áudio, conversas espontâneas na sua família, no supermercado ou em algum lugar que você frequente.
- b) Agora, ouça os áudios. Escreva no caderno algumas frases que você ouviu e observe como o verbo se comporta em relação a quem pratica a ação nos discursos, ou seja, os verbos estão no singular ou plural? E as pessoas a quem os verbos se referem estão no singular ou plural?
- c) Agora, transcreva alguns trechos em que houve a concordância na norma culta da língua portuguesa e trechos em que não houve essa concordância.

Fonte: E-book de oficinas intitulado *O mesmo mundo, um novo olhar: Oficinas de Variação Linguística*.

Entre as respostas, temos a do aluno A, referente à questão c:

Fragmentos 4:

Aluno A: “Norma culta:

- Nós vamos tentar;
- Encontra-se aposentado

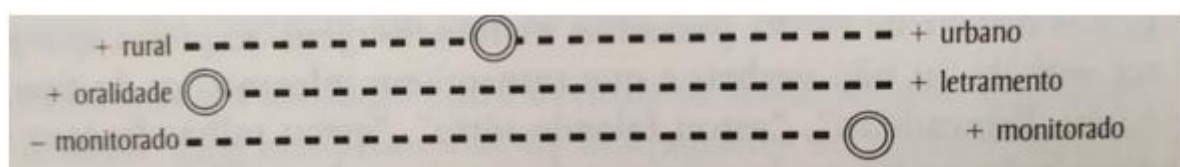
Não houve concordância:

- Pra tá ajudando
- Deis que eu entrei”

Diante da resposta, podemos perceber que o aluno A não sabe exatamente o que significa concordância. Embora relacione o termo “nós vamos” à norma culta, assim como “encontra-se”, devido ao uso da próclise em início de oração, faz confusão ao pensar que a concordância esteja relacionada ao grau de formalidade/informalidade e desvios ortográficos.

Assim, optei por adicionar à Oficina 1 a proposta de Bortoni-Ricardo (2004) dos três contínuos para o Português Brasileiro (PB):

Figura 810 - Propostas de contínuos de Bortoni-Ricardo (2004).



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p.64).

A primeira linha foi chamada de **Contínuo de urbanização**, em cuja ponta está o falar rural, mais isolado devido às dificuldades geográficas de acesso (rios e montanhas), à falta de meios de comunicação, à ausência de industrialização e comércio, como também a menor escolarização. Já na outra ponta está o falar urbano, que, pelo maior contato com os meios de comunicação, industrialização, comércio e escolas, aproxima-se do que é considerado como o padrão correto de escrita e pronúncia. Não há rigidez que separe o falar rural do urbano, sendo que qualquer falante brasileiro pode ser situado em algum ponto desse contínuo.

Na segunda linha está o **Contínuo de oralidade-letramento**, em que em uma ponta estão os chamados eventos de oralidade (língua falada) e na outra, os chamados eventos de letramento (língua escrita). Aqui também não há fronteiras rígidas entre uma e outra ponta. Em uma sala de aula, por exemplo, acontecem eventos de oralidade e eventos de letramento.

E, por fim, na terceira linha temos a proposta **Contínuo de monitoração estilística**, em que em uma ponta há menos monitoração, ou seja, as interações espontâneas, e na outra ponta, as que são planejadas, exigindo do falante uma preparação anterior.

Após mostrarmos essas explicações aos alunos, observamos respostas como a do aluno B:

Fragmentos 5: Aluno B:

a) “- O Felipe já chegou;

- Hoje ela saiu mais cedo;

- O que o Diogo tá fazendo?

O verbo está no singular e as pessoas também estão no singular.

b) Concordância na norma culta:

- Hoje ela saiu mais cedo;

- Ele veio comigo;

Não- Concordância:

- O que o Diogo tá fazendo?

- Cê tá pronta?”

Essas respostas continuam evidenciando que o aluno ainda confunde o fenômeno da concordância verbal e o reconhecimento dos diferentes graus de monitoramento (formalidade). Muitas vezes, verificamos que o aluno faz confusão com a nomenclatura ou com o que é esperado dele. Atividades que contêm mais de uma questão em um mesmo enunciado tiveram algumas das questões ignoradas. Geralmente, o aluno responde à primeira questão e se esquece das demais. O professor, portanto, deve estar atento e reforçar a importância da atenção ao enunciado todo. Assim, um dos pontos que observamos é a necessidade de elaborar questões com pouco subitens, pois isso facilita o entendimento da atividade como um todo.

Ainda para as atividades do Quadro 1, temos as respostas do aluno C:

Fragmentos 6:

Aluno C:

“ Não concordância:

- Nós vai no mercado?
- Pega as chave do carro pra mim.

Concordância;

- Nossa compra ficou muito cara.

Como podemos observar, o aluno C já apresenta noção do significado funcional do fenômeno da concordância verbal e reconhece os diferentes graus de monitoramento (formalidade). O exercício 1 foi especialmente importante para auxiliar no diagnóstico dos alunos, com relação aos conceitos que ainda estavam ausentes na aprendizagem e que precisavam de maior atenção. Vejamos agora a atividade 2 da Oficina 1:

Quadro 3 - Atividade 2 da Oficina 1.

1) O link a seguir leva a uma simulação de audiência trabalhista. Entre no link a seguir e observe a linguagem utilizada nesta situação. <https://www.youtube.com/watch?v=7fUyORgvKLE>.

(Observação: Em uma aula presencial pode-se levar os alunos a uma audiência pública no Fórum da cidade a fim de que se presencie a formalidade da situação comunicativa.)

- a) Transcreva alguns trechos da audiência em que houve a concordância do verbo de acordo com a norma culta e trechos em que não houve a concordância do verbo

na norma culta.

b) Compare as atividades 1 e 2. Em que locais a concordância do verbo na norma culta é mais frequente? Por que isso ocorre?

Fonte: E-book de oficinas intitulado *O mesmo mundo, um novo olhar: Oficinas de Variação Linguística*.

Para essa atividade 2, encontramos como respostas, por exemplo:

Fragmentos 7:

Aluno A:

Resposta para item a) “Norma culta: eu devo informá-los que nesta audiência nós vamos tentar uma resolução pacífica. Não culta: então né, desde que eu entrei na empresa eu dirijo o caminhão né.”

Aluno B:

Resposta para item b): “Na atividade 2 porque dependendo do local devemos manter sempre a norma culta como respeito.”

Como podemos visualizar, na resposta para o item (a), o aluno demonstra o início de uma assimilação do conteúdo abordado, já que faz uma diferenciação entre norma culta e norma não culta. Já na resposta para o item (b), é interessante observar na prática como a norma culta é privilegiada pela sociedade. Na atividade, pedimos para o aluno comparar uma situação de fala cotidiana em sua vida em casa, no supermercado ou qualquer lugar que costuma frequentar (atividade 1) com a fala utilizada em uma audiência jurídica. Na resposta acima, do aluno B, fica evidente que o senso comum considera a norma culta como a norma que merece respeito, enquanto as outras são estigmatizadas.

Conclusão da Oficina 1: as atividades foram importantes no sentido de fazer um diagnóstico do que os alunos conheciam a respeito de variação linguística, normas, concordância. Através delas os alunos tiveram acesso a definições conceituais e puderam recordar e refletir sobre o funcionamento da concordância entre o verbo e o sujeito em diferentes situações de uso, além de fazer comparações entre as normas utilizadas em cada contexto. As atividades também mostraram o que os estudantes pensam sobre a língua materna e os valores que atribuem às suas variedades.

6.2.2 Aplicação da Oficina 2 – Que língua falamos?

Os objetivos dessa oficina, com sete atividades, foram os de: (i) oportunizar o contato com a variação linguística e a conscientização dessa característica inerente às línguas; (ii) levar os alunos a conhecer um pouco da história do Português Brasileiro e as influências externas e (iii) chamar a atenção dos alunos sobre os conceitos de certo e errado na língua.

Na primeira atividade dessa oficina foi solicitado, como atividade 1, que os alunos analisassem um mapa e as diferentes formas (biscoito/bolacha) de se referir a “um alimento doce feito de farinha de trigo”. Foi solicitado também que lessem a reportagem intitulada “O certo é ‘biscoito’ ou ‘bolacha’?”. Em seguida, foram conduzidos a responder as atividades 1, 2 e 3 abaixo transcritas:

Figura 911 - Distribuição das variantes “bolacha” e “biscoito” no Brasil.



Fonte: Disponível em: [<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-certo-e-biscoito-ou-bolacha/>] Acesso em 09 abr. 2021

Quadro 4 - Atividades 2 e 3 da Oficina 2.

2) Também podemos destacar a palavra “cacetinho”, no Rio Grande do Sul, para designar o “pão francês”, e “negrinho” para nomear o nosso “brigadeiro”. Você conhece outras palavras ou expressões que concorrem para significar uma palavra ou expressão? Você vê algum problema na utilização da palavra “negrinho” para designar o nosso conhecido “brigadeiro”? Pesquise outras palavras utilizadas na língua portuguesa que remetem ao preconceito racial e que devem ser evitadas.⁹

⁹ As duas últimas questões da atividade 2 “Você vê algum problema na utilização da palavra “negrinho” para designar o nosso conhecido “brigadeiro”? e “Pesquise outras palavras utilizadas na língua portuguesa que remetem ao preconceito racial e que devem ser evitadas.” foram incluídas após defesa da dissertação por sugestão da banca examinadora. Assim, não há análise das respostas dos alunos para essas atividades.

3) Na sua opinião, há certo ou errado na forma de falar a língua portuguesa?

Fonte: E-book de oficinas intitulado *O mesmo mundo, um novo olhar: Oficinas de Variação Linguística*.

Vejamos algumas respostas dos alunos:

Fragmentos 8:

Aluno A:

Questão 2: “Sim. Geladinho = gelinho = sacolé; lacinho = elástico = gominha; lombada = quebra mola”

Aluno B:

Questão 2: “Sim. Aipim, guria, rebuçado, entre outras.”

Questão 3: “Não, cada região tem seu costume e suas variações linguísticas.”

Aluno C:

Questão 2: “Em Minas, pão de queijo é biscoitinho de queijo.”

Questão 3: “Sim, em alguns momentos não é adequado usar linguagem popular.”

Aluno D:

Questão 2: “Conheço, por exemplo, no Rio fala tangerina, São Paulo fala mexerica e o no Sul fala bergamota e também tem lugares que chamam a tapioca de biju.”

Questão 3: “Não, pois são costumes diferentes.”

Aluno E:

Questão 2: “Tem geladinho, mas podem chamar de sacolé, gelinho, dimdim, chope ou chupchup.”

Questão 3: “Não, cada pessoa aprende de um jeito, então não há errado.”

Analizando as respostas dos alunos, verificamos que eles percebem a língua como “variável” e que existem variações regionais no território brasileiro (ver respostas do exercício 2 /Oficina 2), pois citam Estados diferentes e formas diferentes de falar. No entanto, a opinião

ainda se divide quanto a acreditar que existe certo ou errado na fala da língua materna. O aluno A, apesar de achar “legal” as variedades linguísticas, acredita que há certo e errado; o aluno B pensa que não há certo e errado porque cada região tem seus costumes, assim como o aluno D. O aluno C acha que existe certo e errado e explica que em algumas situações não é adequado utilizar a variedade popular. O aluno E associa o certo e o errado na língua à forma como aprendeu o idioma, então não haveria certo e errado.

Tais exercícios 2 e 3 da Oficina 2 foram importantes no sentido de fazer refletir sobre a língua. Alguns exemplos fornecidos pelos alunos são os mesmos que encontramos como se fossem novidade nos livros didáticos. A forma como responderam às questões mostrou que houve uma reflexão crítica sobre elas e que, embora seja necessário aparar arestas quanto à confusão com a nomenclatura, o conteúdo já pode ser aprofundado.

Ainda nessa oficina, após as atividades 1, 2 e 3, apresentamos, como atividade 4, alguns textos e explicações que visavam a ilustrar os motivos que levam as línguas a variar. Além disso, focalizando na língua portuguesa, chamamos a atenção dos alunos para o fato de o português ser falado em outras localidades do mundo (foi mostrado também um mapa do CPLP). Após essas reflexões, pedimos para os alunos lerem a crônica “Pronomes”, de Luis Fernando Verissimo, e responderem à atividade 5, abaixo sistematizada. Vejamos algumas respostas dos alunos:

Quadro 5 - Atividade sobre a crônica “Pronomes” da Oficina 2.

ITEM	ENUNCIADO DA ATIVIDADE	RESPOSTAS DOS ALUNOS
(a)	Carolina pede ao namorado Carlinhos para “não falar tão certo”. O que ela quis dizer com isso?	Aluno A: “Ela quis dizer pra ele usar mais gírias, falar mais informalmente.” Aluno B: “Carolina quis dizer para Carlinhos usar palavras de forma íntima, porque a forma que ele usa pode parecer arrogante.” Aluno C: “Que ele não precisava falar com tanta formalidade perto dos amigos dela porque os amigos estranhariam a formalidade dele.” Aluno D: “Não falar tão formalmente.”

(b)	Por que Carolina fez esse pedido ao namorado? Ele atendeu seu pedido?	Aluno A: “Porque a forma que ele usa poderia parecer que ele era arrogante, metido, diferente dos amigos dela. Sim, ele atendeu o pedido dela.” Aluno B: “Porque formalidade demais é estranho. Ele ficou chateado e ficou quieto.” Aluno C: “Pois acabava ficando irritante com ele usando tantas palavras complexas e que poderiam ser substituídas por palavras mais simples, mais utilizadas no cotidiano.”
(c) e (d)	O autor utilizou uma figura de linguagem chamada “sinestesia” para terminar a crônica e referir-se à voz da namorada de Carlinhos. Observe: “Aquela voz de cobertura de caramelo”. [Nesse momento, é apresentada na oficina uma definição e um exemplo de sinestesia.] O que pode significar “voz de cobertura de caramelo” na última linha do texto?	Aluno A: “Voz doce e meiga” Aluno B: “Voz suave e delicada” Aluno C: “Voz doce, calma, gostosa de se ouvir” Aluno D: “Um jeito que o casal fala entre eles, mais íntimo”
(e) e (f)	(e) Observe o trecho abaixo e responda: “— Olha aí, ‘soberba’. Se você falar ‘soberba’ ninguém vai saber o que é. Não fala ‘soberba’. Nem ‘todavia’. Nem ‘outrossim’. E cuidado com os pronomes. (f) Carolina usou o recurso da repetição ao falar “Usar eles. Usar eles?”. Analisando o contexto da crônica e o quadro acima, responda: Qual efeito de sentido esse recurso provoca no texto? Você conhece outras formas de dizer o mesmo, mas com outras palavras? Quem fala dessa outra forma?	Aluno A: “O efeito de sentido provoca que ele deveria utilizar o “usar ele”. Sim, eu conheço. Minha irmã utiliza ‘usá-los” Aluno B: “Que o que ele deve falar é ‘usar eles’ em vez de ‘usá-los”. Aluno C: “Ela respondeu isso porque seu namorado falou: “Os pronomes? Não posso usá-los corretamente?” e tinha uma forma mais simples de falar isso que é “usar eles”.

Fonte: própria.

Na atividade (a), os alunos demonstraram o entendimento de adequação e inadequação linguística de acordo com a situação comunicativa. Uma ampliação dessa reflexão pode ser iniciada pelo professor sobre o respeito à variedade do Carlinhos, de modo que o pedido da namorada acarretou constrangimento ao namorado, que ficou mudo perto dos amigos por não saber como falar. Nesse caso, caberia o respeito à forma como Carlinhos fala e não o pedido da namorada para que ele falasse menos formalmente. No entanto, se Carlinhos conseguisse adequar sua fala à situação comunicativa, poderia se aproximar dos amigos da namorada.

Nas respostas da atividade (b), verificamos que os alunos refletem sobre formalidade e informalidade, adequação e inadequação linguística, com base no que estudaram até o momento e em suas opiniões, mas não levaram em conta o ponto de vista do outro. Embora Carlinhos possa parecer “arrogante, metido e diferente dos amigos dela”, como descrito pelo aluno A, é importante frisar que a decisão de utilizar uma variedade mais ou menos formal é dele. A imposição da namorada faz com que haja um preconceito com a variedade do Carlinhos e isso é revelado pela forma como ele se comportou diante do pedido, como descrito pelo aluno B: “ele ficou chateado e ficou quieto”. Isso não foi abordado pelos estudantes, o que não é uma surpresa, porque não estudaram preconceito linguístico até o momento. No entanto, trata-se de um conceito importante e de uma reflexão necessária.

As respostas dadas para (c) e (d) são bastante parecidas e se complementam. A maioria dos estudantes resolveram a questão sobre a figura de linguagem sinestesia utilizando uma metáfora (voz de cobertura de camelo = voz doce). Explorar as diversas respostas dos alunos pode ampliar os conhecimentos sobre figuras de linguagem, tão necessárias na elaboração das crônicas ao final das oficinas.

Já nas respostas para os itens (e) e (f), os alunos demonstram que conseguiram compreender que há várias formas de falar alguma coisa e que a escolha da variedade utilizada pelo falante acarreta juízo de valor por parte do interlocutor. Fazer com que reflitam sobre as várias maneiras de expressar algo é fornecer ferramentas de comunicação para as mais variadas situações.

A repetição da expressão “usar eles” é utilizada para reforçar como a namorada queria que o namorado falasse, ou seja, sem o uso da colocação pronominal de acordo com as regras da gramática. Outra forma de dizer “usar eles” é dizer “usá-los”. Essa forma é utilizada em situações mais formais tanto da fala como da escrita. O professor, durante a correção, poderá citar como exemplo o uso dessa forma em gêneros textuais em que sejam necessárias variedades mais cultas da língua, em audiências, nas aulas, em palestras, entre outras situações mais monitoradas.

Ainda nessa oficina, como atividade 6, havíamos pensado em uma roda de conversa entre professor e alunos para manifestação de opinião, para constatações, colaboração coletiva com o compartilhamento de experiências pessoais do uso da língua. A atividade pode ser aplicada no ensino remoto síncrono, no entanto, devido à opção da escola participante pela postagem em *blog*, as questões foram colocadas no *e-book* como reflexões pessoais.

Quadro 6 - Atividade 6 da Oficina 2.

- a) Todas as pessoas falam da mesma forma?
- b) Os colegas de classe falam da mesma forma? Reconhecem diferenças?
- c) Os pais, os avós, os tios falam de forma diferente?
- d) Você já conversou com alguém de outro país? Como foi a experiência?
- e) Conhece alguém da zona rural? Em que pontos há semelhanças e diferenças com a sua fala?
- f) A fala de pessoas mais velhas é igual a sua?

Fonte: *E-book* de oficinas intitulado *O mesmo mundo, um novo olhar: Oficinas de Variação Linguística*.

Vejamos algumas respostas dos alunos:

Fragmentos 9:

Aluno A:

- “a) Não, cada um tem um sotaque, jeito diferente.
- b) Não falam da mesma forma, mas também não tem muita diferença, são umas palavras ou outras diferentes.
- c) Não, pois nascemos no mesmo lugar, no mesmo estado.
- d) Não, nunca.
- e) Sim. As palavras são iguais, são mais o jeito que elas são faladas, por exemplo, palha/paia.
- f) Não, pois eles não usam muito as gírias de hoje em dia.”

Como podemos observar, a forma como a questão foi apresentada limitou as respostas dos alunos. Na maioria das vezes, responderam apenas “SIM” ou “NÃO”. O aluno A respondeu um pouco além de “sim” ou “não”, ainda assim pode-se perceber que as respostas poderiam ser mais completas se houvesse uma discussão sobre as questões. Assim, o que era para ser uma

espécie de debate para troca de experiências ficou perdido em meio às outras questões da apostila. Em uma aula presencial ou no ensino remoto com atividades síncronas, com a interação dos alunos, haveria uma dinâmica mais produtiva e a intermediação mais eficaz por parte do professor, que faria outras questões para evitar a limitação das respostas.

A atividade seguinte (7) indicou dois vídeos (“50 frases que só gaúcho entende” e “Dialeto Nordestino”) para que os alunos assistissem. Em seguida, foi solicitado que discutissem as formas de falar das diversas regiões do Brasil (a pergunta norteadora sugerida foi: “Você conhece alguma palavra ou expressão utilizada nos vídeos? Quais? Algumas delas também são utilizadas pela sua comunidade?”). Para essa atividade 7, os alunos responderam, por exemplo:

Fragmentos 10:

Aluno A: “Sim. Capaz, juntar os trapo, pila, chorando as pitangas”. Sim, todas.

Aluno B: “Sim. Bah!, rapaz, cupincha, pila, eu te sento o pau, chorando as pitangas, etc. Sim”

Nesses fragmentos, fica evidente que os alunos foram capazes de fazer comparações entre as peculiaridades da fala da região Sul e da sua própria região. Assim, conseguiram selecionar alguns exemplos do que é comum nas duas regiões.

Para dar continuidade a essa atividade 7, foi sugerido que os alunos assistissem ao vídeo “Sotaques e expressões do Brasil – Como se fala em Minas Gerais” e lessem comentários a respeito desse vídeo disponíveis na página de publicação do vídeo, no *YouTube*. Em seguida, perguntamos aos alunos: (a) “Se o vídeo e os comentários giram em torno do modo mineiro de falar e a maioria dos comentários foram escritos por mineiros, por que há divergências nos comentários do vídeo?” e (b) “Nos próprios comentários é possível notar que muitas vezes a fala é retratada na escrita. Identifique onde isso acontece nos comentários”. Seguem algumas respostas para (a):

Fragmentos 11

Aluno A: “Pode ser que pessoas nascidas em outros estados foram morar em Minas, então o jeito de falar é diferente.”

Aluno B: “Porque nem todo mundo aceita que tem sotaque.”

Aluno C: “Acredito que seja por morarem em cidades diferentes.”

Aluno D: “Por conta do lugar e idade que as pessoas tem.”

A partir dessas respostas, verificamos que o aluno A levantou a hipótese de que algumas pessoas que comentaram podem ter nascido em outras regiões cuja variedade linguística é diferente da variedade mineira. Já o aluno B mencionou, sabiamente, o fato de que algumas pessoas não aceitam que possuem sotaque de determinado lugar, o que remete ao preconceito linguístico que o próprio indivíduo possui por crer que a variedade de uma região seja melhor ou pior que a de outra. O aluno C demonstrou compreensão de que, mesmo pertencendo à mesma região, as pessoas podem falar de forma diferente pois moram em cidades diferentes. Por fim, o aluno D citou um lugar — sem especificar — e ainda a idade como fatores de variabilidade linguística.

Acreditamos que, mesmo que os comentários tenham sido escritos por moradores do Estado de Minas Gerais, é importante observar que cada cidade/bairro/comunidade fala de uma forma diferente. Minas Gerais não é um Estado pequeno, e a distância entre as cidades faz com que o morador de um município fale de forma diferente do morador de outro. Além disso, outros fatores também contam, como idade, sexo, questões sociais, residência em área rural ou urbana e situação comunicativa.

Em relação à pergunta (b) “Nos próprios comentários é possível notar que muitas vezes a fala é retratada na escrita. Identifique onde isso acontece nos comentários”, alguns alunos responderam:

Fragmentos 12

Aluno A: “Crendeuspai, nós, caus’dquê, zé den’dagua, cadiquê”

Aluno B: “Crendeuspai que nós fala dessa maneira...Deusulivre”; “negóço”

Por fim, essas respostas apontam que os alunos conseguiram identificar traços regionais da fala representados na modalidade escrita.

Conclusão da Oficina 2: Pode-se dizer que os objetivos da Oficina 2 foram alcançados pela maioria dos estudantes. As oficinas oportunizaram os primeiros contatos com a variação linguística; permitiram conhecer as origens do português brasileiro e as influências externas através da leitura de vários gêneros textuais; colaboraram para o conhecimento e identificação de alguns preconceitos linguísticos; foram um meio para observar as semelhanças e diferenças na fala e na escrita; forneceram material para o conhecimento de questões polêmicas e

ferramentas para a discussão de noções sobre o certo e o errado na língua; possibilitaram, por fim, a aquisição de uma consciência linguística, ou seja, fizeram com que os alunos percebessem a existência das variedades linguísticas, permitindo comparações entre elas para que possam adequá-las às situações comunicativas quando precisarem.

6.2.3 Aplicação da Oficina 3 – Preconceito linguístico

A Oficina 3 foi organizada em 4 atividades e visou a levar os alunos a refletir sobre noções equivocadas de “certo” e “errado” na língua e a adequação às diversas situações comunicativas. Também buscou promover o debate sobre estereótipos presentes na mídia, como a construção de alguns personagens em telenovela.

Na atividade 1, foi apresentado um vídeo do *YouTube* que traz uma notícia sobre o livro didático de língua portuguesa *Por uma vida melhor*, distribuído pelo MEC. Em seguida, perguntamos aos alunos “Qual a sua opinião sobre a notícia? Você acha que o livro realmente ensina português errado? Justifique”. Entre as respostas dos alunos, tivemos:

Fragmentos 13

Aluno A: “Eu concordo com a Raquel Dettoni, claro que temos que respeitar o falar popular, mas a forma como falamos não pode ser espelhada na escrita. Usamos muitas gírias que não existem no dicionário. Hoje em dia são pouquíssimas as pessoas que falam de forma correta. A escola tem que nos ensinar a gramática certa, a forma de falar correta e não “acolher” o jeito erradíssimo na qual falamos.”

Aluno B: “Eu achei uma notícia interessante, mas não acho certo eles terem insinuado que estão ensinando o português errado. Eu não acho porque é uma língua que várias pessoas usam e também acho que devemos começar a classificar o jeito como as pessoas falam de ‘adequado’ ou ‘inadequado’, pois não temos realmente um modo correto de falar”.

Como podemos observar, embora já se tenham discutido em oficinas anteriores questões relacionadas ao certo e errado na língua portuguesa, o aluno A ainda classifica a fala como certa ou errada, o que é colocado de forma enfática através das expressões “forma correta”, “gramática certa”, “jeito erradíssimo”. Para esse aluno A, as gírias (ou expressões populares) não podem ser usadas porque não estão dicionarizadas. Parece-nos que, sob essa ótica, não existe outra variedade aceitável que não esteja nos livros e dicionários.

Já o aluno B, embora tenha substituído a palavra “variedade” por “língua”, demonstrou ter compreendido que a língua é dinâmica e aceita variedades, já que não há apenas um modo correto de falar.

As respostas da atividade acima renderiam um ótimo debate para esclarecer alguns pontos da notícia que foram ocultados e discutir a influência da mídia nas informações veiculadas. Talvez seja necessário utilizar outra mídia com opinião diversa para que o aluno compare as informações e também considere outro ponto de vista antes de tomar sua decisão a respeito do assunto.

Em seguida, na atividade 2, solicitamos que os alunos fizessem a leitura de dois fragmentos (Texto 1 – “Preconceito linguístico deveria ser crime”, de Marta Scherre; Texto 2 – “Preconceito linguístico. O que é”, de Marcos Bagno). Depois, pedimos que respondessem:

Quadro 7 - Atividade 2 da Oficina 3.

- a) Levando em consideração o que você leu nos textos e a sua opinião sobre o assunto, pense numa situação que se configure como preconceito linguístico e a escreva abaixo”;
- b) Agora, pense na importância do estudo da gramática na escola. Qual a importância? Você já presenciou uma situação de preconceito linguístico na escola?
- c) Volte na pergunta 1) letra b desta Oficina. Você ainda tem a mesma opinião que tinha antes da leitura dos textos? Justifique com argumentos dos textos lidos.

Fonte: E-book de oficinas intitulado *O mesmo mundo, um novo olhar: Oficinas de Variação Linguística*.

Seguem exemplos de respostas

Fragmentos 14: respostas do item (a)

Aluno A: “Colegas zombando da fala de alunos do sítio.”

Aluno B: “---- Cara, você viu que o Framengo ganhô no jogo onti?”

“---- Hahahaha, cara! É Flamengo, não Framengo. Sabe nem o nome do time hahahahaha!”

Em relação ao item (a), verificamos que o aluno A comentou uma situação recorrente na sala de aula em que alunos da zona rural sofrem preconceito pelos meninos da zona urbana quanto ao seu modo de falar. O aluno B criou uma situação em que um indivíduo corrige a fala do outro durante uma conversa informal. Ambos demonstraram compreensão do conceito de preconceito linguístico, oferecendo exemplos satisfatórios.

Fragmentos 15: respostas do item (b)

Aluno A: “Para ensinar a língua portuguesa que está na gramática. Sim, eu já presenciei um situação de preconceito linguístico.”

Aluno B: “É muito importante o estudo da gramática nas escolas para que os alunos possam aprender a forma adequada de falar e escrever. Sim, uma vez presenciei uma situação dessas.”

Aluno C: “É de grande importância aprender o português correto, as regras gramaticais na escola. É óbvio que não vamos falar e escrever corretamente em todas as ocasiões. Com nossos amigos não vamos ficar falando de forma correta, no whatsapp não vamos escrever corretamente, até porque pode virar motivo de ‘zuação’, mas TEMOS que saber a forma correta.”

Sobre o item (b), observamos, nas respostas, que alguns termos utilizados pelos alunos continham ainda uma noção distorcida de certo e errado, podendo-se depreender que eles sabem que a missão da escola é ensinar a variedade do português que o aluno não domina. O que eles ainda não depreenderam é o nome dessa variedade: variedade culta da língua. Eles sabem também que essa é a variedade de maior prestígio e que, por isso, devem aprendê-la, e que, para isso, é preciso estudar gramática. Demonstram saber também que cada situação comunicativa pede uma variedade adequada.

Fragmentos 16: respostas do item (c)

Aluno A: “Sim, todo mundo tem direito de se expressar sem constrangimento.”

Aluno B: “Sim, porque ao ler o texto 1 desta oficina eu pude perceber que se mudarmos essa ideia que tem o modo correto e o errado de falar, o preconceito linguístico pode acabar.”

Sobre o item (c), fica evidente, ao analisar as respostas, que os alunos compreenderam o conceito de preconceito linguístico abordado na atividade.

Após essa discussão inicial na Oficina 3, pedimos aos alunos que lessem a crônica “Preconceito Linguístico na Balada”, de Sérgio Rodrigues. Em seguida, realizamos 05 questionamentos (a-e). No item (a) foram mostradas aos alunos 4 alternativas¹⁰ para que eles

¹⁰ Alternativas na atividade da Oficina 3:

I- A crônica acima faz uma crítica à garota que não sabe falar português.

II - O rapaz descrito na crônica utiliza a língua culta.

III - A garota se aborrece com o rapaz porque ele se mostrou preconceituoso.

IV - Os dois personagens falam incorretamente.

identificassem qual era a correta. Nossa intenção era não só a “identificação”, mas também que os alunos justificassem suas escolhas, realizando assim reflexões linguísticas.

Fragmentos 17:

Aluno A: “III. Os dois personagens estão numa situação informal, não tem necessidade de ficar corrigindo o português do outro. Ele foi preconceituoso e ela ficou aborrecida.”

Aluno B: “III. O jovem utiliza gírias (“maior pinta...”) e esqueceu de usar o subjuntivo, e a jovem usa uma língua informal. Ou seja, os dois falam do mesmo jeito, mas ele pensa que fala melhor que ela e comete preconceito linguístico.”

Por meio dessa atividade, verificamos que os alunos perceberam que, quando estamos inseridos em uma situação menos monitorada, podemos utilizar recursos da língua pertencentes a uma norma menos formal. O ato de corrigir o outro, por si, já representa o preconceito linguístico e, somado a isso, há o fato de que o próprio personagem que criticou a fala da moça não foi capaz de utilizar uma variedade que contemplasse as regras gramaticais que ele julga como corretas.

Em seguida, no item (b), perguntamos “A crônica é um texto em que há um fato do cotidiano, muitas vezes representado por personagens da vida real, numa história fictícia, com a finalidade de divertir ou fazer uma crítica a alguma situação. Que finalidade teria a crônica acima? Justifique”. Vejamos a amostra de uma resposta.

Fragmentos 18:

Aluno A: “A crônica é uma crítica sobre preconceito linguístico que o jovem estava praticando com a jovem por ela não saber “falar direito”, mas no final, nem ele “falou direito”.

Pela resposta acima do aluno A, fica nítido que ele entendeu a crítica presente na crônica. Trata-se de algo bastante frequente: alguém que não sabe todas as regras de gramática — até porque as regras apresentam inconsistências, discrepâncias — julgando a fala de outras pessoas.

Em seguida, no item (c), perguntamos: “Devido à situação comunicativa presente na crônica acima, é possível identificar a presença de marcas da oralidade. Você pode identificar quais os traços da oralidade presente na crônica? Utilize canetas coloridas para identificar no texto essas marcas”. Seguem exemplos de respostas dos alunos:

Fragmentos 19:

Aluno A: “Né?” , “Tremenda gata”, “a gente estava no maior clima bom”.

Aluno B: “E aí”, “hahaha”, “ufa”, “né”, “ei, epera aí”, “hã”

Nas respostas para o item (c), verificamos que os alunos foram capazes de perceber que, em alguns gêneros textuais, podemos transcrever a fala para a escrita.

Em seguida, em (d), perguntamos: “Há características na fala do rapaz que evidenciam uma linguagem menos monitorada. O que favorece a utilização dessa linguagem?”. Segue exemplo de uma resposta:

Fragmentos 20:

Aluno A: “O lugar que eles estavam”

Nesse item, percebemos o entendimento do aluno de que os personagens estão em uma balada, ou seja, um local informal, em uma situação de comunicação menos monitorada, em que não há a necessidade do uso de uma variedade mais formal da língua portuguesa.

Já em (e), solicitamos que manifestassem suas opiniões, apontando os motivos (ou não) que a garota tinha para ficar tão zangada. Vejamos algumas respostas:

Fragmentos 21:

Aluno A: “Sim. Ela estava em um bar, não era uma ocasião importante para que ela falasse corretamente. O cara que foi um hipócrita.”

Aluno B: “Sim, porque ele foi super preconceituoso”

Por fim, em (e), como o esperado, observamos que os alunos responderam afirmativamente à questão. Na situação comunicativa em que se encontravam os dois jovens, não há necessidade do uso de uma variedade mais formal da língua. O rapaz fez um julgamento da moça partindo de uma fala que ele considera como errada. A crônica mostrou, no final, que ele não entende as regras gramaticais em sua totalidade e, mesmo assim, julgou a garota, que demonstra ter mais entendimento que ele sobre o assunto.

Para finalizar a terceira oficina, na última atividade, pedimos para que os alunos assistissem a um trecho da novela Flor do Caribe, exibida pela rede Globo em 2013. Em seguida foram realizados os seguintes questionamentos:

Quadro 8 - Atividade 4 da Oficina 3.

- a) Observando as falas dos personagens, você julga que eles nasceram no mesmo lugar ou em locais diferentes? Justifique.
- b) De acordo a resposta dada no exercício anterior, você acha que houve preconceito linguístico nas cenas? Por quê?
- c) Cassiano e Candinho são da mesma região. No entanto, o primeiro utiliza uma linguagem mais próxima da norma culta falada, enquanto o segundo possui um sotaque marcado. Você acha que há preconceito linguístico nessas cenas? Explique.
- d) Tomando como base os textos lidos e os vídeos apresentados, responda: a escrita acompanha a fala? Justifique sua resposta.

Fonte: E-book de oficinas intitulado *O mesmo mundo, um novo olhar: Oficinas de Variação Linguística*.

Fragmentos 22: respostas de (a)

Aluno A: “Nasceram em lugares diferentes pela forma de falar, o sotaque...”

Aluno B: “Eu acho que eles podem ter nascido em lugares diferentes pelo jeitinho de falar.”

Embora os personagens tenham nascido no mesmo lugar, a resposta esperada era realmente a que os alunos deram. Os personagens falam de forma diferente, o que nos leva a pensar que nasceram em locais diferentes.

Fragmentos 23: respostas de (b)

Aluno A: “Não. Não houve nenhum momento pelo que percebi.”

Aluno B: “Não porque em nenhum momento o Cassiano foi grosso com eles e nem preconceituoso.”

A resposta dada pelos alunos era esperada. Da forma como o exercício é apresentado, não há como o aluno identificar o preconceito linguístico. Para que haja essa verificação, é necessário um dado que não foi fornecido pela atividade, a informação de que os dois nasceram no mesmo local. Assim, a reflexão se daria em torno do motivo de os dois personagens principais falarem de formas tão diferentes tendo o mesmo berço.

Fragmentos 24: respostas de (c)

Aluno A: “Não sei.”

Aluno B: “Não. Ele apenas aprendeu a falar de outra maneira.”

Aluno C: “Acho que sim porque o Cassiano fala mais formalmente e é rico, o outro personagem, o Candinho, é pobre e fala de um jeito estranho.”

Houve muita dificuldade em entender a questão. Muitos não responderam. O aluno C mostrou compreensão do preconceito linguístico/social ocorrido nas cenas. Cassiano é um homem que viaja muito a negócios e está em constante contato com várias regiões do país. Mesmo tendo nascido no Nordeste, ele não possui o sotaque de sua terra natal. Assim, as cenas mostram que, para ser bem-sucedido, o mocinho da história, o protagonista, não se deve falar como as pessoas nascidas no Nordeste do Brasil. Essas pessoas estão sendo retratadas na cena por meio do personagem Candinho, que é a caracterização do bobo, pobre, atrasado e que carrega um sotaque marcado pelo que se acredita ser o falar do nordestino. Candinho é um estereótipo do nordestino. É isso que caracteriza o preconceito linguístico nas cenas. É importante destacar também que o preconceito, nesse caso, não vem do personagem. Não há uma agressividade verbal ou física, como mencionado pelo aluno B na questão anterior, mas há um preconceito oculto nas entrelinhas da trama, de quem construiu o texto.

Fragmentos 25: respostas de (d)

Aluno A: “Não. Falamos de um jeito mais simples do que o jeito que escrevemos. Para escrever precisa pensar mais e encontrar as palavras mais adequadas e para falar é mais espontâneo.”

Sobre o item (d), verificamos que os alunos ainda acreditam erroneamente que a fala é mais informal e a escrita mais formal. Conforme aponta Marcuschi (2007), existe um contínuo de fala e escrita, em que podemos estar tanto em fala quanto em escrita em situações de maior ou menor monitoramento. Há necessidade de evidenciar isso aos alunos, apontando que as diferenças entre fala e escrita estão apenas nos recursos utilizados (gestos, entoação, alguns itens gramaticais etc.).

Conclusão da Oficina 3: A Oficina 3 possibilitou a reflexão sobre adequação da língua em situações comunicativas mais ou menos monitoradas e apresentou ferramentas para identificar estereótipos na mídia.

6.2.4 Aplicação da Oficina 4 – Língua como instrumento de poder

A Oficina 4 foi organizada em duas atividades e visou a levar os alunos a refletir sobre os recursos linguísticos utilizados pelo autor para convencer o interlocutor e sobre os usos de tais recursos (e suas consequências na sociedade).

Inicialmente, pedimos que os alunos assistissem ao vídeo intitulado “Loco linguagem” e em seguida respondessem “Você já ouviu um discurso como o do personagem Loco? Qual pode ter sido a intenção dessa forma de expressão do personagem?”. Observemos as respostas:

Fragmentos 26

Aluno A: “Não. Para dar respostas mais longas, ‘encher linguiça’.”

Aluno B: “Não. Para mostrar que é inteligente.”

Aluno C: “Sim. Uma vez meu pai fez uma pergunta para o meu tio que se acha inteligente. Ele começou a falar tanto que ninguém entendeu nada do que ele disse. Acho que só sabia enrolar e não sabia responder à pergunta do meu pai.”

Os alunos demonstraram compreensão de que uma linguagem prolixa é difícil de compreender e é utilizada, muitas vezes, com o intuito de enganar alguém, numa tentativa de parecer mais inteligente. A estratégia é falar muito, usar palavras complicadas e não falar claramente o que é realmente necessário. Assim, um discurso para a população, que deveria ser claro e objetivo, é transformado em frases longas, imprecisas e que não transmitem nenhuma mensagem. Um exemplo: alguns políticos costumam utilizar esse recurso de “falar difícil” para “enrolar”, a população, parecendo ser inteligentes e espertos. Com isso, ganham tempo ao responder perguntas em debates ou mudam o foco quando questionados sobre suas condutas.

Ainda sobre o vídeo, foi perguntado “Que consequências o uso desse tipo de fala pode trazer para a sociedade?”. Seguem algumas respostas:

Fragmentos 27

Aluno A: “As pessoas acharem que esse é o jeito certo de falar e acharem que são burras porque não entendem.”

Aluno B: “Pessoas falando de forma demorada”

A atividade foi elaborada na intenção de alertar sobre as consequências da linguagem prolixa a que muitas vezes somos submetidos e não percebemos. Cabe ao professor auxiliar na percepção dessas consequências. Podem ser destacadas, entre outras:

- ✓ Consequência 1: as pessoas se sentirem muito inferiores ao sujeito que utiliza esse tipo de fala e não questionarem suas ações, aceitando-as cegamente e transformando a sociedade em lugar que beneficie apenas algumas pessoas privilegiadas por esse tipo de sujeito;

- ✓ Consequência 2: as pessoas notarem que o sujeito está apenas utilizando um recurso para ganhar poder e decidirem o que fazer para que seja desmascarado.

Após essas primeiras reflexões na Oficina 4, pedimos para que os alunos fizessem a leitura da crônica “Eloquência Singular”, de Fernando Sabino. Como atividades seguintes, com base na leitura, foi solicitado que respondessem a seis questões:

Quadro 9 - Atividade 2 da Oficina 4

- 1) A crônica acima é baseada em uma angústia do personagem que precisa proferir o seu discurso. Qual o fato gerador dessa angústia?
- 2) Que marcas no texto demonstram a ansiedade/nervosismo do personagem?
- 3) Como o orador concluiu seu discurso? Por quê?
- 4) A escolha por uma ou outra forma afetaria o discurso do deputado?
- 5) De que modo o orador poderia completar a fala de seu discurso se quisesse dar ênfase em si mesmo ao utilizar o verbo “recusar”?
- 6) De que modo o orador poderia completar seu discurso se quisesse destacar que outras pessoas fazem a ação de recusar?

Fonte: E-book de oficinas intitulado *O mesmo mundo, um novo olhar: Oficinas de Variação Linguística*.

Sobre o item (1), como exemplo de resposta, temos:

Fragmentos 28: respostas de (1)

Aluno A: “O personagem orador não conseguia terminar o seu discurso porque não sabia se a palavra ‘recusa’ deveria estar no singular ou no plural.”

Os alunos demonstraram ter compreendido o motivo da angústia do personagem, usar uma palavra no singular ou no plural. Cabe ao professor mencionar que essa angústia por não lembrar uma regra de convenção da norma padrão de concordância verbal foi gerada devido ao prestígio que se dá à norma culta da linguagem e à falsa crença de que essa norma deve vir atrelada à gramática prescritiva. O fato de o deputado não saber determinada regra de convenção da língua portuguesa gera uma grande angústia, pelo medo de ser julgado pelo público. É esperado de um deputado, numa situação de discurso político monitorado, uma linguagem pautada pela norma culta, de maior prestígio. No entanto, há muita confusão porque as pessoas acreditam que apenas o que está prescrito nas gramáticas normativas é o correto.

Fragmentos 29: respostas de (2)

Aluno A: “As reticências e quando ele fala com ele mesmo se perguntando em pensamento se a frase ia para o singular ou plural”

Aluno B: “Na parte que diz que tirou o lenço do bolso e enxugou a testa.”

Na crônica de Sabino, podemos observar que o uso das reticências sugere que o personagem permanece o tempo todo tentando “encontrar a palavra certa”, pensando em uma saída. Então, na crônica, o personagem resolveu se utilizar de uma linguagem prolixa e vazia de sentido antes do desfecho, como forma de ganhar tempo. Embora não tenha justificado, o aluno A citou o uso das reticências. O aluno B cita uma cena representativa do nervosismo, o que também é verdadeiro.

Fragmentos 30: respostas de (3)

Aluno A: “Ele parou no meio do discurso. O tempo dele acabou e ele não conseguiu dizer o que pretendia.”

Aluno B: “Acho uma forma de falar sem ter que usar o verbo “recusar” porque não sabia conjugá-lo.”

Em (3), o aluno A compreendeu que o deputado finaliza sem dizer o que pretendia por não ter lembrado da regra da norma padrão. Já o aluno B acredita que o deputado chegou a dizer o que pretendia. Houve uma interpretação equivocada por parte do aluno B. É importante destacar o quanto a pressão social faz com que deixemos de dizer algo importante por medo de errar. É mais um motivo para entender que existem muitas normas cultas e que o preconceito pode trazer consequências bastante negativas.

Fragmentos 31: respostas de (4)

Aluno A: “Não, não mudaria o sentido do que ele queria dizer.”

O deputado poderia escolher qualquer uma das formas para terminar o discurso, sem que essa escolha afetasse seu discurso, no entanto preferiu não correr o risco de manchar sua imagem, já que não sabia que qualquer uma das formas poderia ser utilizada na norma culta, considerada de prestígio pela sociedade.

Fragmentos 32: respostas de (5)

Aluno A: “Eu não sou daqueles que se recusa...”

Na expressão “não sou daqueles que recusa” o verbo recusar concorda, no singular, com o pronome “eu”, sujeito oculto nessa oração, chamando a atenção para o pronome, evidenciando que se trata de uma só pessoa. Portanto, se a intenção é destacar essa única pessoa, a melhor opção é utilizar o verbo no singular.

Fragmentos 33: respostas de (6)

Aluno A: “Eu e outras pessoas não somos daqueles que se recusam...”

Cabe destacar que a discussão desse item está na expressão “não sou daqueles que recusam”, em que a atenção se volta para o plural. Assim, “recusam” concorda com “daqueles”. A maioria dos alunos não respondeu a essas questões, talvez pela complexidade da reflexão linguística que envolve o nível sintático e discursivo. Observamos a necessidade de, em atividades como essa, darmos mais exemplos.

Conclusão da Oficina 4: A Oficina 4 atendeu ao que se propôs na medida em que possibilitou a reflexão sobre os recursos linguísticos utilizados como recurso de influência social devido ao poder de convencimento que possuem. Também mostrou as consequências desastrosas de se escolher uma única norma como sendo a correta na língua portuguesa.

6.2.5 Aplicação da Oficina 5 – Variação regional ou geográfica ou diatópica

A Oficina 5 foi organizada em quatro atividades e visou a colocar o aluno em contato com algumas variedades regionais; levá-lo a perceber os jogos de sentido provocados pela presença da marca de concordância ou pela ausência concordância verbal; promover a conscientização sobre preconceito linguístico.

Inicialmente foi solicitado que os alunos fizessem a leitura de um trecho da música “Dengo”, de Anavitória. Depois, que fizessem a leitura de um trecho da reportagem “Quem é Anavitória, a dupla ‘não sertaneja’ que confundiu Faustão ao vivo...”, sobre as cantoras/compositoras. Como é possível observar, na letra da música, a compositora emprega a 2ª pessoa do singular (tu) para se dirigir ao seu interlocutor. Partindo disso, perguntamos aos alunos:

Quadro 10 - Atividade 2 da Oficina 5

- a) O texto II traz possíveis justificativas para o uso do pronome da 2ª pessoa (tu) na música. Que justificativas seriam essas?
- b) Você também costuma utilizar a 2ª pessoa do discurso (tu)? Em que outras regiões brasileiras essa forma também é utilizada? Que outra(s) forma(s) na 2ª pessoa também poderiam ser utilizadas?
- c) Em relação ao uso do pronome e a sua concordância com o verbo na música, há outras possibilidades de escrita? Quais?

Fonte: E-book de oficinas intitulado *O mesmo mundo, um novo olhar: Oficinas de Variação Linguística*.

Fragmentos 34: respostas de (a)

Aluno A: “O local de nascimento delas”.

Aluno B: “Acho que é porque elas são de Araguaína (GO) e lá eles devem usar muito o ‘tu’”.

Como mencionado pelos dois alunos (A e B), a reportagem deixa evidente a naturalidade das compositoras da música — Araguaína (TO) —, local em que são muito comuns construções com esse tipo de concordância. No entanto, não foi citado pelos alunos que, para representar a 2ª pessoa, nessa região da compositora, usa-se o “tu”, mas, em outras regiões, usa-se o “você”.

Fragmentos 35: respostas de (b)

Aluno A: “Antes não, mas agora peguei a mania de falar ‘tu’ em vez de ‘você’. Em Porto Alegre, ‘tu’ é conjugado na 3ª pessoa. Belém, Santa Catarina, Maranhão também usam mais o ‘tu’.”

Aluno B: “Eu não uso o ‘tu’. É mais utilizado no Sul do país. Eu uso mais o ‘você’ e também o ‘vc’ na internet.”

Na região dos alunos participantes da pesquisa, não é comum o uso do “tu”. No entanto, há alguns grupos de jovens incorporando o “tu”, conjugando-o na terceira pessoa, assim como cita o aluno A em seu exemplo de uma variedade falada em Porto Alegre. Não foram mencionadas formas usadas rotineiramente como “ocê” e “cê”.

Fragmentos 36: respostas de (c)

Aluno A: “Existe o ‘vosmecê’, mas não ficaria tão bom como o ‘tu’.”

Aluno B: “Sim, você é/tu és”

O aluno A não levou em consideração a concordância com o verbo. Respondeu à questão pensando apenas na substituição semântica da palavra ‘tu’ por ‘vosmecê’. Já o aluno B respondeu à questão apenas quanto a um verso e esqueceu-se de analisar o outro. Assim, temos que os versos poderiam ter as seguintes possibilidades em relação à concordância verbal:

Verso Original: “Que tu é o ser mais bonito”

Outras possibilidades: “Que tu és o ser mais bonito” / “Que você é o ser mais bonito.”

Verso original: “Dengo, se tu prometer ficar”

Outras possibilidades: “Dengo, se tu prometeres ficar”/ “Dengo, se você prometer ficar.”

Após essas primeiras reflexões sobre variações regionais, solicitamos a leitura da crônica “O nascer de um apelido”, de Luis Fernando Verissimo. Em seguida, apresentamos as seguintes perguntas:

Quadro 11 - Atividade 3 da Oficina 5.

- | |
|--|
| <p>a) Você acha que apelidos como “Gaúcho, Pechada e “gordo Jorge” causam constrangimento, manifestando preconceito? É saudável apelidar os colegas em relação a sua aparência física ou modo de falar?</p> <p>b) O que os alunos pensam com relação à extensão territorial do Brasil e a sua língua? Você compartilha do mesmo pensamento?</p> <p>c) A professora solicita ao aluno novo que conte para os colegas sobre um acidente de trânsito que ocorreu com sua família. Rodrigo mal iniciara sua fala quando foi interrompido. Essa interrupção é registrada no texto pelo emprego de reticências. Nesse momento, você acredita que houve algum tipo de preconceito linguístico por parte da professora? Justifique.</p> <p>d) Algumas palavras como “sinaleira”, “auto” e “pechar”, próprias à variedade gaúcha, podem parecer estranhas a pessoas de outras regiões. Leia o trecho: “‘Sinaleira’, obviamente, era sinal, semáforo. ‘Auto’ era automóvel, carro. Mas ‘pechar’ o que era? Bater, claro. Mas de onde viera aquela estranha palavra? Só muitos dias depois a professora descobriu que ‘pechar’ vinha do espanhol e queria dizer bater com o peito, e até lá teve que se esforçar para convencer o gordo Jorge de que era mesmo brasileiro o que falava o novato. Que já ganhara outro apelido: Pechada.”. Diante do exposto, você acha que Rodrigo deveria se adaptar à variação linguística utilizada pelos demais colegas da classe? Por quê?</p> <p>e) Se falamos a mesma língua, por que temos diferentes maneiras de nomear certas palavras?</p> |
|--|

Fonte: *E-book* de oficinas intitulado *O mesmo mundo, um novo olhar: Oficinas de Variação Linguística*.

Fragmentos 37: respostas de (a)

Aluno A: “Gaúcho poderia ser um apelido aceitável se o garoto não se importasse e não se sentisse ofendido. Já o apelido ‘Gordo Jorge’ não é um apelido saudável pois o garoto pode se sentir constrangido. Não é saudável apelidar os colegas em relação à aparência física.”

Aluno B: “Claro que causa constrangimento e preconceito. Ninguém tem que apelidar ninguém. Não é à toa que temos nomes.”

Era esperado que os alunos compreendessem que não é saudável apelidar os colegas pela aparência física ou modo de falar e que todos esses apelidos causam constrangimento. O aluno B demonstrou ter compreendido que qualquer apelido deve ser evitado. No entanto, o aluno A não está convencido de que apelidar pelo modo de falar causa constrangimento.

Fragmentos 38: respostas de (b)

Aluno A: “Eles achavam formidável. Sim, acredito que os diferentes sotaques e expressões fazem o português brasileiro lindo”

Era esperado que, ao refletir sobre a grande extensão do Brasil, os alunos chegassem à conclusão de que temos também uma grande variedade de falares. Da mesma forma que os alunos mencionados na crônica entenderam a riqueza da nossa diversidade, o aluno que respondeu à questão também demonstrou apreço por ela.

Fragmentos 39: respostas de (c)

Aluno A: “Eu acho que não chegou a ser um preconceito linguístico. Ela é a professora e ele empregou o verbo de forma errada. Ela tem o direito de corrigi-lo”

Aluno B: “Eu acho que não porque ela corrigiu para ensinar e não para zuar ele”

Enquanto o aluno A demonstra dúvidas de que o fato trata de preconceito linguístico, o aluno B acredita que não houve o preconceito. No entanto, a professora interrompeu o aluno que ia dizendo “nós vinha” e corrigiu-o com “nós vínhamos”. Em uma atitude de respeito à variedade linguística do aluno, a professora deveria ter deixado o aluno terminar de se expressar

e aproveitar a fala do aluno para mostrar outra variedade, a culta, e não o deixar ainda mais constrangido do que já estava.

Fragmentos 40: respostas de (d)

Aluno A: “Não. É um direito dele falar como está acostumado.”

Aluno B: “Ele não deveria se adaptar à variedade dos colegas. Talvez com o tempo ele pegue costume e até fale como os outros.”

Aluno C: “Na minha opinião, não. O Rodrigo podia até ensinar umas palavras da sua região para os colegas.”

As respostas para o item (d) evidenciam que os alunos parecem compreender que cada pessoa tem seu modo de falar, que deve ser valorizado. É direito do aluno aprender na escola as normas cultas da língua para utilizar nos momentos em que houver necessidade, mas o respeito à variedade de cada um deve ser preservado.

Fragmentos 41: respostas de (e)

Aluno A: “Porque as pessoas nascem em lugares diferentes, convivem com pessoas diferentes, tem vários tipos de trabalho, alguns vão para escola e outros não, frequentam lugares diferentes e tudo isso faz as pessoas terem modos de falar diferentes.”

Aluno B: “Por conta da região onde vivemos.”

Embora a maior parte dos alunos cite, na atividade, apenas o local de nascimento como fator da variação linguística, como representado pelo aluno B, pode-se dizer que temos modos diferentes de nomear certas palavras também dependendo das pessoas com quem convivemos, das nossas raízes, da profissão que exercemos, do nível de escolaridade que temos, como descrito pelo aluno A. E ainda mais: da idade, da imagem que queremos transmitir de nós mesmos, entre outros fatores de variação.

Além dessas atividades, apresentamos um quadrinho do Chico Bento aos alunos. Nesse texto, o autor do quadrinho opta por não fazer a marcação do plural, como se pode ver nas falas “As carteira tão tudo quebrada”; “As parede carece de pintura”; “Afinar, nós também

tem vontade di crescê i virá gente lustrosíssima quinem u sinhor perfeito”. Sobre esse fenômeno variável, pedimos para os alunos refletirem: “Se o autor tivesse utilizado a variedade culta da língua portuguesa no quadrinho, ou seja, a concordância prevista na norma gramatical, o efeito de sentido produzido pelo quadrinho seria o mesmo? Explique.”. Vejamos um exemplo de resposta:

Fragmentos 42:

Aluno A: “Não, porque o Chico Bento utiliza a variedade rural e, no lugar de ‘prefeito’ usa ‘perfeito’. Então, se ele usasse ‘prefeito’ o penúltimo quadrinho não teria sentido nenhum”

Essa última atividade da Oficina 5, que partiu dos quadrinhos do Chico Bento, buscou identificar a intencionalidade da concordância ou não concordância verbal e refletir sobre esse fenômeno, que pode variar de acordo com o indivíduo ou a necessidade.

Conclusão da Oficina 5: A Oficina 5 foi especialmente importante para os alunos conhecerem algumas variedades regionais. Eles puderam perceber também que, muitas vezes, a concordância ou não concordância verbal ou nominal pode ser um recurso expressivo da língua portuguesa, evidenciando, assim, que a habilidade no uso da variação linguística pode criar efeitos surpreendentes em um texto. Ainda nessa oficina, puderam refletir um pouco mais sobre preconceito linguístico e *bullying*.

Como já mencionado, as Oficinas 6 a 10 não foram enviadas para os alunos devido à aproximação do final do ano de 2020.

6.3 AVALIAÇÃO DA APLICAÇÃO DAS OFICINAS

Devido ao tempo de 15 dias para os alunos fazerem as atividades de todas as disciplinas, além da necessidade de se elaborar uma avaliação do aprendizado dos alunos e, também, pela obrigatoriedade da postagem da correção das atividades no *blog*, a professora pesquisadora, mestrande do Profletras, foi aconselhada pela coordenadora da escola a reduzir as oficinas, por isso não foram aplicadas todas as atividades elaboradas e apresentadas no relatório de qualificação.

Além das atividades no *blog*, foram disponibilizadas aos alunos atividades impressas — denominadas “apostila impressa” —, que ficaram disponíveis na escola pelo período de uma semana. Os estudantes tiveram também 15 dias para responder às atividades e enviá-las de volta à escola, para serem corrigidas pelos professores. No total, foram elaboradas sete apostilas. Na apostila impressa número 6, as perguntas constantes do questionário aplicado anteriormente às oficinas foram reformuladas com a intenção de avaliar, pelo menos parcialmente, os resultados alcançados pelos alunos após a aplicação das atividades das Oficinas 1 a 5.

A seguir, apresentamos as atividades avaliativas enviadas aos alunos e suas respostas, com comentários da professora. Essas atividades serviram como uma avaliação das oficinas de variação linguística através de crônicas.

Questão 1: Abaixo há uma situação em que há variação linguística. De acordo com o que você estudou no *e-book* de oficinas de variação linguística, enviado através do *blog* nas últimas semanas, descreva uma situação em haja variação linguística. Você pode fazer isso por meio da escrita de um diálogo OU da criação de uma cena de história em quadrinhos.

Figura 1042 - Exemplo de situação de variação linguística em tirinha.



Fonte: Imagem da internet. Disponível em: [http://4.bp.blogspot.com/-HPEWUU_LbW8/VRtHSdIyCYI/AAAAAAAAABLc/7FwSCOntLUY/s1600/jarg%C3%A3o.jpg] Acesso em 09 abr. 2021.

Comentário da professora: A questão 1 intenciona avaliar os conhecimentos adquiridos referentes ao conceito de variação linguística através de exemplos.

Fragmentos 43: respostas dos alunos

Aluno A: “Mãe: Você não acha que você passa muito tempo na internet, filho?

Filho: Ñ, eu acho q vc q acha isso, mãe.”

Aluno B: “- Cláudia, o que você está fazendo?

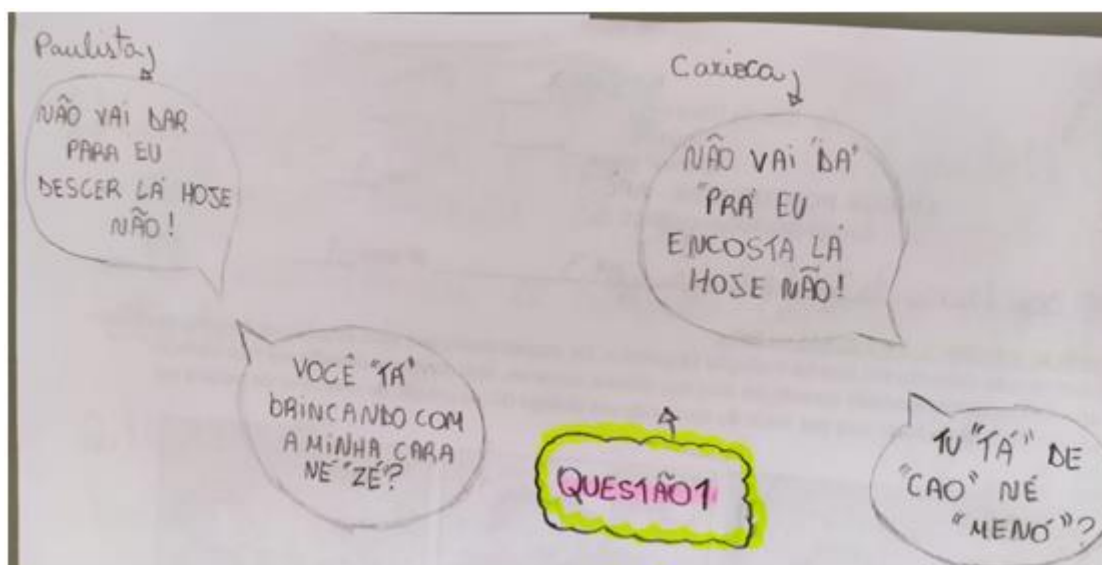
- Estou lendo esse dicionário para saber me comunicar quando for para o Rio Grande do Sul!

- Você não precisa. Lá eles também falam português!

- Ora, Verônica. Preciso sim, olha aqui. Quando eu for comprar pão, tenho que falar ‘Me vê um cacetinho’ ou quando quiser falar que alguém tá triste é só dizer “o menino tá abichornado’.”

Aluno C:

Figura 1143 – Resposta do aluno C.



Fonte: produzido pelo aluno C.

O aluno A evidenciou a variação linguística em uma conversa entre mãe e filho e em tom de ironia. No diálogo, são destacadas duas variedades, uma utilizada pela mãe, um pouco mais monitorada e marcada pela oralidade — dada a repetição da palavra “você” que ela utiliza na modalidade escrita — e outra pelo filho, uma variedade comum em ambientes virtuais, em que imperam as abreviações, como “N”, no lugar de “não”; “Q”, no lugar de “que”; “vc”, no lugar de “você”, transposta para a modalidade escrita.

Depreende-se que o aluno conseguiu exemplificar a variação linguística, evidenciando um aspecto que outros alunos não destacaram: o internetês. No exemplo dado, há uma crítica ao modo como o garoto leva essa variedade para a modalidade escrita fora do contexto virtual.

Isso pode significar que o aluno A depreendeu das oficinas o conceito de adequação e inadequação das variedades linguísticas relacionadas à situação comunicativa.

O aluno B optou por escrever um diálogo bem-humorado apontando a variação regional. No diálogo, o aluno mostra que compreendeu que, mesmo falando a mesma língua, cada região possui seu modo característico de falar. Assim, apresentou as palavras “cacetinho”, utilizada no Rio Grande do Sul, que denomina o “pão francês” na região do aluno, e “abichornado”, representando a palavra “triste”, no Estado de São Paulo.

O aluno C também mostrou seu conhecimento de variação linguística através da diferenciação dos falares regionais, utilizando os modos de falar de paulistas e cariocas. No entanto, ele recorre às gírias faladas por alguns grupos dessas regiões. Nos dois primeiros balões de fala apresentados pelo aluno, que ele denomina uma conversa entre paulistas, as expressões “não vai dar para eu descer lá hoje não” e “tá brincando com a minha cara” representam uma negativa de um indivíduo de ir a algum lugar e a chateação do outro porque o colega não poderá ir ao lugar combinado anteriormente. Para expressar a variedade linguística dos cariocas, o aluno C desenhou outros dois balões de conversa em que a palavra “descer”, utilizada pelo paulista, é substituída pelo correspondente carioca “encostar”. A expressão “tá brincando com a minha cara” corresponde, na variedade utilizada por alguns grupos do Rio de Janeiro, a “tu tá de cao, né, menó”.

Cabe ao professor, para que não haja uma criação de estereótipos, gerando preconceito linguístico, apontar que nem todo paulista fala dessa forma, bem como nem todo carioca. São exemplos válidos, porém representativos de alguns grupos sociais.

Questão 2: Na tirinha a seguir há preconceito linguístico. Explique por que há preconceito linguístico nessa tirinha.

Figura 1214 - Exemplo de situação de preconceito linguístico em tirinha.



Fonte: Imagem da internet. Disponível em: [\[http://2.bp.blogspot.com/-EKHeBxtCQ0s/VU0r3WOhQJI/AAAAAAAAAJNc/DzHOs6y_o7o/s1600/digitalizar0023.jpg\]](http://2.bp.blogspot.com/-EKHeBxtCQ0s/VU0r3WOhQJI/AAAAAAAAAJNc/DzHOs6y_o7o/s1600/digitalizar0023.jpg) Acesso em 09 abr. 2021.

Comentário da professora: A questão 2 intenciona avaliar se o aluno depreendeu o conceito de preconceito linguístico.

Fragmentos 44: respostas dos alunos

Aluno A: “Há preconceito linguístico porque a jovem havia se encantado pelo rapaz, mas assim que ela percebeu que ele falava de forma diferente, ela se desencantou e saiu correndo.”

Aluno B: “Sim, pois quando a mulher viu o homem bonito foi até ele e quando ele falou de uma maneira diferente, ela saiu correndo.”

Aluno C: “A mulher achava o rapaz muito bonito, porém afastou-se dele pois ele não utilizou a forma culta da linguagem.”

Aluno D: “Pelo fato do rapaz ter usado uma linguagem informal e com alguns erros de português como ‘pobrema’ em vez de ‘problema’, a mulher não quis conversar com ele.”

Os alunos A e B responderam à questão de formas muito parecidas. Nas duas respostas há uma mulher que se encanta por um homem, mas que desiste dele assim que o ouve falar de uma forma diferente da dela. Os alunos não mencionaram como é essa diferença, talvez porque esteja subentendido que, mesmo que a palavra “pobrema” não pertença à norma prescrita pela gramática, ela é falada por alguns grupos sociais. O aluno C já menciona o não uso da “forma culta da linguagem”, evidenciando uma diferença entre a variedade culta e a variedade popular.

Na resposta do aluno D, verificamos que, embora haja entendimento do que seja preconceito linguístico, ainda há uma persistência em considerar como “erro de português” o uso de palavras como “pobrema”.

De modo geral, é possível dizer que os alunos compreenderam o conceito de preconceito linguístico.

Questão 3: Crie uma tirinha ou meme representando outra situação em que haja preconceito linguístico.

Fragmentos 45: respostas dos alunos

Figura 1345 - Resposta do aluno A.



Fonte: produzido pelo aluno A.

Transcrição:

1º Quadrinho:

Recursos Humanos: “Nós estamos a procura de alguém capacitado para trabalhar aqui na nossa empresa na área de administração. Quais são suas qualidades, sr. José?”

2º Quadrinho:

Sr. José: “Sou rápido, esperto, proativo, humilde, sei trabalhar em equipe, além de já ter trabalhado com isso!”

3º Quadrinho:

Recursos Humanos: “Perfeito! Era o que a gente precisava, mais alguma coisa?”

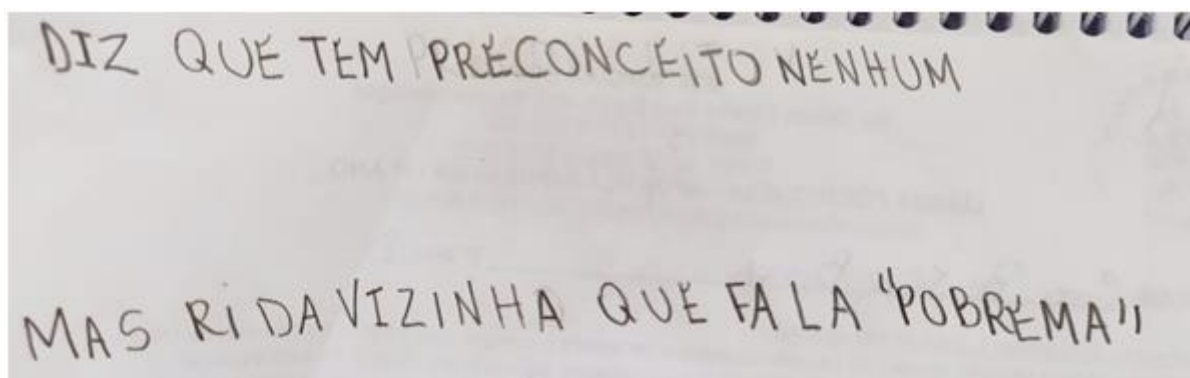
Sr. José: “Aqui nós trabaia duro, sô!”

4º Quadrinho:

Recursos Humanos: “Desculpa, mas a vaga já foi preenchida, muito obrigado!”

O aluno A representou muito bem o preconceito linguístico ao criar uma situação de entrevista de emprego na qual o indivíduo entrevistado possui as características necessárias para assumir um cargo na empresa, mas que são postas em segundo plano quando o entrevistador ouve a variedade linguística utilizada pelo entrevistado. Assim, o aluno demonstrou o preconceito linguístico do entrevistado, o qual dispensou alguém qualificado para o cargo baseando-se no seu modo de falar. O aluno não especificou o cargo vago. Cabe ao professor, nesse momento, fazer uma reflexão com os alunos sobre a necessidade de utilizar uma outra variedade dependendo do cargo que será ocupado pelo aspirante à vaga. Exemplos de questionamentos que poderiam ser feitos são: Que cargo seria esse ofertado pela empresa? Esse cargo realmente exige que o ocupante fale a variedade culta da língua?

Figura 1446 - Resposta do aluno B.



Fonte: produzido pelo aluno B.

Nessa exemplificação, o aluno B utiliza um meme para mostrar o preconceito linguístico.

Figura 1547 - Resposta do aluno C.



Fonte: produzido pelo aluno C.

Transcrição¹¹:

Garoto: “SLS...”*

Garota (pensando): “Nossa, que bonito ele!”

Garoto: “E ae novinha. Bora dá um rolê qualqué dia?”

Garota (pensando): “MDS, acho que ele é nóia.”

Garota (correndo): “Socorro, ladrão.”

Garoto: “Ué, que eu fiz???”

Como podemos observar, o aluno C representou muito bem o estereótipo criado pela sociedade de que quem fala gíria é malandro, bandido, usuário de drogas. Assim, a garota deixou de conhecer o garoto supondo que ele era ladrão ao julgar seu modo de falar.

¹¹ É comum, entre os adolescentes, o uso de SLC, abreviação de “cé é louco”, indicando surpresa, entusiasmo. Provavelmente, o aluno utilizou equivocadamente a abreviação SLS.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito tempo o julgamento do que se acredita ser “certo” ou “errado” na língua vem martirizando estudantes brasileiros que acabam deixando de aprender por medo do constrangimento ao falar a própria língua, a mesma que julgam não saber por não falarem “corretamente”. Se quisermos que o ensino de língua materna deixe de ser um dos objetos de separação das classes sociais pela camada detentora de poder — a mesma que decide que norma devemos utilizar para sermos socialmente aceitos —, precisamos rever a forma como ensinamos.

Partindo do questionamento “como é possível tratar a variação linguística em sala de aula de forma que sejam atendidas as necessidades dos estudantes em relação à variação linguística sem feri-los nas suas diversidades, respeitando sua cultura e modos de falar, levando em consideração suas vivências e interesses?”, procuramos desenvolver esta pesquisa-ação e atividades que levassem os alunos da Educação Básica a uma atitude de respeito linguístico e à compreensão de que a língua não é homogênea e de que o modo como cada pessoa fala espelha sua situação socioeconômica e sociocultural. Visamos a mostrar que compreender a variedade que a pessoa usa permite conhecer a história da sociedade em um determinado momento e, por isso mesmo, respeitar linguisticamente o outro.

Nesse sentido, nossa proposta complementa as atividades docentes de uma escola pública no município de Aguaí/SP, no que diz respeito a variação linguística e preconceito linguístico — pela falta, insuficiência ou inadequação do material didático disponível ao professor —, oferecendo um material que suprisse essa defasagem como também contemplasse as necessidades do ensino remoto e/ou híbrido em tempos de pandemia. O contexto atual exigiu que esse material pudesse ser divulgado eletronicamente, por vias digitais, e por isso o formato *e-book* revelou-se bastante adequado no momento.

Apesar de todos os impasses que a pandemia da COVID-19 trouxe ao ensino, dentre eles o manejo de programas desconhecidos pelos estudantes e os problemas de acesso à internet, bem como a dificuldade inicial em encontrar os alunos, conseguimos adaptar as estratégias e ofertar um ensino de qualidade aos alunos da escola participante da pesquisa.

O *e-book O mesmo mundo, um novo olhar — Oficinas de Variação Linguística em Crônicas*, outro produto de nossa pesquisa, ofereceu subsídios que levaram os alunos a refletir sobre a língua materna de forma científica por meio da leitura de textos variados, da indicação de *links* de vídeos, de sugestões de pesquisas e da aplicação de atividades práticas de maneira lúdica e prazerosa, prezando, a todo momento, por uma postura de respeito à diversidade

linguística do outro, contribuindo, portanto, para um ensino reflexivo e focado na língua em uso.

Além disso, a opção pelo trabalho com os gêneros discursivo-textuais, entre eles a crônica, contribuiu em muito para a ampliação do repertório linguístico, para o reconhecimento da pluralidade linguística e para o desenvolvimento de um senso crítico mais apurado, visto que os discentes puderam analisar as falas dos personagens de acordo com as situações comunicativas do contexto de modo a perceber que a escolha da variedade linguística utilizada pelo autor para cada personagem não é aleatória, ou seja, possui uma intenção que deve ser inferida nas entrelinhas do contexto. Ademais, os alunos puderam também discutir as críticas presentes nas crônicas, atrelando-as aos conteúdos de variação linguística, tornando-se capazes de construir argumentos bem embasados para expressar suas opiniões.

Outrossim, como as atividades mostraram a língua como instrumento de poder e apresentaram ferramentas para identificar estereótipos, os alunos demonstraram ainda a compreensão de que, muitas vezes, a mídia se utiliza de alguns recursos para manipulação da opinião pública, seja reforçando alguns estereótipos ou utilizando uma linguagem prolixa, por exemplo.

Ao longo da aplicação das oficinas, constatamos, ainda, que os alunos reconheceram a variação linguística no PB para além das obras estudadas, encontrando na prática diária exemplos significativos da variação nas mais diversas situações comunicativas.

Por fim, mais do que reconhecer variação e preconceito linguístico em textos, este trabalho permitiu a conscientização dos alunos para a existência de normas mais valorizadas que outras na sociedade e que, por isso, é preciso adequação da variedade linguística às diversas situações comunicativas.

Ressaltamos a necessidade de dar prosseguimento no enfoque à variação linguística, assunto pouco disseminado entre os professores de língua portuguesa e os estudantes de Letras, futuros professores. É preciso que se pensem estratégias para alcançar esse público que será responsável por formar os alunos da Educação Básica, para que desenvolvamos atitudes críticas frente aos estigmas e construamos uma sociedade que respeite a diversidade.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguem na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Versão homologada. Brasília, DF, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: [<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>]. Acesso em: 19 jan. 2020.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): Língua Portuguesa**. Brasília (DF), 1997.
- BRASIL. **PNLD 2017: Língua Portuguesa – Ensino fundamental anos finais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. 2016.
- CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão [prefácio]. In: **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1998.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2019.
- COUTINHO, Antônio. **A Literatura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2001.
- CUNHA, Celso.; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo** [recurso eletrônico] 7. ed., reimpr. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2017. 800 p., recurso digital.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, S.C.S. **A Crônica**: problemáticas em torno de um gênero. 2005. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Linguística - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2005.

FIGUEIREDO, Laura de; BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular & Plural**: leitura, produção e estudos de linguagem. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015. (9º ano do ensino fundamental – língua portuguesa – manual do professor)

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3. ed. brasileira, Martins Fontes, São Paulo: 1991.

KOCH, Ingedore V. e ELIAS, Vanda M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: contexto, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva (Orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão textual**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINE, Talita de Cássia; BARBOSA, Juliana Bertucci. Em busca de um ensino sociolinguístico de Língua Portuguesa no Brasil. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 19, n. 1, p.185-215, jan. 2017. ISSN 2237-4876. Disponível em: [http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/23161] Acesso em: 29 fev. 2020.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. **Letras**, Curitiba, n. 44, p.91-106. 1995. Disponível em: [https://pt.scribd.com/document/387986775/19069-67491-1-PB] Acesso em: jan. 2021.

MOLLICA, Maria Cecília. A formação em linguagem. In. MOLLICA, Maria Cecília (Org.). **Linguagem**: para formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia. São Paulo: Contexto, 2009.

MOLLICA, Maria Cecília.; LOUREIRO, Fernando.; MELO, Luciana.; ALÍPIO, Rodrigo. Comunidades urbanas e conflitos linguísticos. **Revista Gragoatá**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói: EdUFF, n. 25, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua:** leitura, produção de texto e linguagem: manual do professor. São Paulo: Moderna, 2018.

PEREIRA, M. I.; LAGINESTRA, M. A. e col. A ocasião faz o escritor. **Caderno Olimpíada de Língua Portuguesa.** Escrevendo o futuro. São Paulo: Cenpec, 2010.

PERES, E. P. De “vossa mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso. **R. (con) Tex. Ling.** n. 1. Vitória, 2007, p.155-168.

PRATA, Antônio. **Tentando escrever uma crônica em 2017.** Folha de São Paulo, São Paulo, online, 5 mar. 2017. Disponível em: [<https://dokumen.site/download/cronicas-da-folha-antonio-prata-a5b39f0a8d6079>] Acesso em 13 jan. 2021.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros:** teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p.184-207.

ROMAN, Luci Ana Besminoff. Variação linguística no espaço escolar: uma proposta para valorizar as aulas de língua portuguesa. **XII Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação** - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis – 24 a 28 de outubro de 2016. Disponível em [https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos_2017/4368/1704/2099.pdf] Acesso em 09 abr. 2021.

SÁ, Jorge de. **A Crônica.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Leonor Werneckdos. Ensino de gêneros textuais: Contrapontos teóricos e propostas didáticas. In: Congresso Internacional da Abralín, 6, João Pessoa, 2009. **Anais,** João Pessoa: UFPB, 2009, 1 CD –ROM, p.1-8. Disponível em [www.leonorwerneck.com] Acesso em: 20 mai. 2020.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle:** variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2008.

SCHERRE, Maria Mara Pereira. **Respeito Linguístico:** contribuições da Sociolinguística Variacionista. Produção: Abralín ao vivo. Youtube. Disponível em: [<https://youtube.com/watch?v=W4XqhsiB9l0&t=1388s>] Acesso em: 08 jul. 2020.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Verdadeiro respeito pela fala do outro: realidade possível? Linguagem & Preconceito. **Revista Letra.** Rio de Janeiro. p.58, 2013.

SILVA, Aurílio S. da; SILVA, Luisa Helena O. A variação histórica da língua no ensino do português: análise de atividades de livro didático. **Revista Entrelinhas.** Araguaína/TO: 83-101, 2014.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. Texto e Ensino: análise da variação linguística na narrativa literária. Confluência. **Revista do Instituto de Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 24, 83-97, 2002.

VERISSIMO, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VERISSIMO, Luis Fernando. **Ed Mort e outras histórias**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **O melhor das comédias da vida privada**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. Três eixos para o ensino de gramática. In: Vieira, S. R. (Org.) **Gramática, variação e ensino**: diagnose & propostas pedagógicas. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2017.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007.

APÊNDICE A

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO — TCLE PARA PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E/OU ADOLESCENTES COMO PARTICIPANTES DE PESQUISA

TERMO DE ESCLARECIMENTO

A(O) criança (ou adolescente) sob sua responsabilidade está sendo convidada(o) a participar do estudo intitulado Oficinas de Variação Linguística a partir de Crônicas no Ensino Fundamental por ser aluno da Educação Básica em escolas públicas. Os avanços na área do Ensino de Língua Portuguesa ocorrem através de estudos como este, por isso a participação da criança (ou do adolescente) é importante. O principal objetivo é investigar como os diferentes tipos de variação linguística podem ser explorados em aulas de língua portuguesa para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental através do gênero discursivo-textual crônica. Não será feito nenhum procedimento que traga qualquer desconforto ou risco à vida da criança (ou do adolescente). Esperamos, como benefício(s) desta pesquisa, contribuir para melhoria do ensino de língua portuguesa em nossa região, pois será elaborado um conjunto de atividades visando ao aumento do repertório cultural e ao desenvolvimento de um senso crítico mais apurado no aluno. Como riscos, temos consciência de que a técnica utilizada – análise da participação dos alunos, coleta de respostas às atividades, coleta de redações e posterior análise –, às vezes, pode ocasionar desconfortos/incômodos, pois o participante sabe que sua escrita será analisada. Por isso, solicitamos a permissão do responsável legal (respeitando-se o previsto na Resolução 466/12 CNS) e destacamos que os participantes da pesquisa serão tratados como números e o risco de perda de confidencialidade será minimizado. Salientamos que as atividades serão aplicadas a todos os alunos da classe.

Você e a criança (ou o adolescente) sob sua responsabilidade poderão obter todas as informações que quiserem; a criança (ou o adolescente) poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela participação da criança (ou do adolescente) no estudo, você nem a criança (ou o adolescente) receberão qualquer valor em dinheiro, mas haverá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. O nome

da criança (ou do adolescente), como já mencionado, não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois ela (ou ele) será identificada (o) por um número ou por uma letra ou outro código.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: Oficinas de Variação Linguística a partir de Crônicas no Ensino Fundamental

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento ao qual a criança (ou o adolescente) sob minha responsabilidade será submetida(o). A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que eu e a criança (ou o adolescente) sob minha responsabilidade somos livres para interromper a participação dela (ou dele) na pesquisa a qualquer momento, sem justificar a decisão tomada e que isso não afetará o tratamento dela (ou dele). Sei que o nome da criança (ou do adolescente) não será divulgado, que não teremos despesas e não receberemos dinheiro por participar do estudo. Eu concordo com a participação da criança (ou do adolescente) no estudo, desde que ele também concorde. Por isso ela (ou ele) assina (caso seja possível) junto comigo este Termo de Consentimento. Após assinatura, receberei uma via (não fotocópia) deste documento.

Aguaí,.....//.....

Assinatura do responsável legal:

Documento de Identidade:

Assinatura da criança (ou do adolescente):

Documento de Identidade (se possuir): -

Assinatura do pesquisador orientador:

Telefones de contato:

Pesquisador: Juliana Bertucci Barbosa Telefone: (xx) xxxxxxxx

E-mail: julianabertucci@gmail.com

Pesquisador: Naira Cristina Sarturi de Melo Telefone: (xx) xxxxxxxxx

E-mail: professoranairamelo@gmail.com

Em caso de dúvida em relação a este documento, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo Telefone 3318-5776.

APÊNDICE B

Questionário Social

1) Nome:

2) Idade:

3) Turma:

() 9ºA

() 9º B

() 9º C

() 9º D

4) Sexo:

() Feminino

() Masculino

() Outro

5) Cidade onde nasceu:

6) Cidade de nascimento dos pais:

7) Escolaridade do pai:

() Ensino Fundamental Incompleto

() Ensino Fundamental Completo

() Ensino Médio Incompleto

() Ensino Médio Completo

() Ensino Superior Incompleto

() Ensino Superior Completo

() Pós-Graduação

() Analfabeto

8) Profissão do pai:

9) Escolaridade da mãe:

() Ensino Fundamental Incompleto

- () Ensino Fundamental Completo
- () Ensino Médio Incompleto
- () Ensino Médio Completo
- () Ensino Superior Incompleto
- () Ensino Superior Completo
- () Pós-Graduação
- () Analfabeto

10) Profissão da mãe:

11) Onde você tem acesso à internet?

- () Na sua casa
- () Na casa de um parente
- () Outros lugares

12) Você tem o hábito de ler?

- () Sim
- () Não

13) O que você mais gosta de ler?

- () Livros literários
- () Gibis
- () Revistas
- () Outros

14) Você mora ou já morou na zona rural?

15) Você já morou em outra cidade, outro estado ou outro país? Onde?

16) Você pratica esportes? Quais?

17) Você toca algum instrumento? Qual? Participa de algum projeto como o Guri, por exemplo?

18) Você faz algum curso de idiomas fora da escola? Qual?

19) Você faz parte de algum clube ou movimento social, grupos de jovens ou grupos religiosos em sua cidade? Qual?

20) Quais são seus hobbies, ou seja, o que você faz para ocupar o tempo livre?

21) Você costuma usar gírias? Quais?

22) Que tipos de passeios você costuma fazer?

() Parques

() Zoológicos

() Shopping

() Museus

() Não passeio

() Outro

23) Você acha que fala bem o seu próprio idioma? Justifique:

24) Você acha que existe certo ou errado na Língua Portuguesa?

() Sim

() Não

() Depende da situação

25) O que você imagina ser “Variação Linguística”?

26) O que você imagina ser “Preconceito Linguístico”?

APÊNDICE C

Respostas dos alunos ao Questionário aplicado via *Google Forms*

Nome

Idade

Maioria 14 anos, alguns 15 e um aluno com 17 anos

Turma

9ºA 20,7%

9ºB 35,4%

9ºC 24,4%

9ºD 19,5%

Sexo

54,9% pertencem ao sexo feminino

45,1% pertencem ao sexo masculino

Cidade em que nasceu

Aguai 65,8%

Outras cidades: São João da Boa Vista, Mogi Guaçu, Descalvado, Conchal e Campinas

Cidade de nascimento dos pais

A maioria nasceu em Aguai, mas são citadas outras cidades, algumas vizinhas de Aguai, como São João da Boa Vista, Mogi Guaçu, Andradadas, Espírito Santo do Pinhal, Casa Branca; e outras mais distantes pertencentes a outros estados como Paraná, Minas Gerais e Goiás.

Escolaridade do pai

Ensino Fundamental 34,1%

Ensino Fundamental Incompleto 12,2%

Ensino Médio 31,7%

Ensino Médio Incompleto 12,2%

Ensino Superior 8,5%

Pós - Graduação 1,2%

Profissão do pai

A profissão dos pais é bastante variada, tendo como respostas mais frequentes: motorista, agricultor e autônomo.

Escolaridade da mãe

Ensino Fundamental 19,5%

Ensino Fundamental Incompleto 13,4%

Ensino Médio 30,5%

Ensino Médio Incompleto 9,8%

Ensino Superior 13,4%

Pós - Graduação 8,5%

Analfabeta 1,2%

Profissão da mãe

Respostas mais citadas: dona de casa, professora, serviços gerais.

Onde você tem acesso à internet

93,9% em casa (acesso limitado?)

4,9% Na casa de um parente

Você tem o hábito de ler?

Sim 63,4%

Não 36,6%

O que você mais gosta de ler

22% gibis

24,4% livros literários

3,7% revistas

50% outros

Você já morou ou mora na zona rural?

Sim, já morou e não mora mais 14,6%

Sim, já morou e ainda mora 13,4%

Não, nunca morei 72%

Você já morou em outra cidade, estado ou país?

Não 71,9%

Cidades próximas: Casa Branca, São João da Boa Vista, Mogi Guaçu, Santa Cruz das Palmeiras, Campinas e São Paulo

Outros Estados: Paraíba, Ceará, Minas Gerais

Você pratica esportes? Quais?

Não 42,7%

Esportes mais praticados: futebol, caminhada, judô e jiu-jitsu

Você toca algum instrumento? Qual? Participa de algum projeto como o Guri, por exemplo?

Não 73,1%

Instrumentos mais citados: violão, violino, contrabaixo, flauta doce

Você faz algum curso de idiomas fora da escola? Qual?

Não 68,2%

Cursos mais citados: inglês e espanhol

Você faz parte de algum clube ou movimento social, grupos de jovens ou grupos religiosos em sua cidade? Qual?

Não 79,3%

Locais mais citados: grupos religiosos (catequese, grupos de jovens) e Interact

Quais são seus hobbies, ou seja, o que você faz para ocupar o tempo livre?

Atividades mais citadas: jogos de videogame e celular, ver vídeos e filmes, futebol

Você costuma usar gírias? Quais?

Não 39%

Gírias mais comuns: mano, slk, ctz, fio, pdp

Que tipos de passeios você costuma fazer?

Mais citados: Parques e shoppings

Você acha que fala bem o seu próprio idioma? Justifique:

Aqui apresentamos as respostas mais relevantes para este trabalho:

“Não porque eu falo meio errado algumas coisas.”

“Não, pois por causa do convívio.”

“Não, pois falo várias palavras erradas .”

“Não porque eu tenho língua presa.”

“Não, eu não acho que pronuncio o português corretamente por conta das várias abreviações de palavras e gírias que não fazem parte do português original.”

“Sim. Pois sempre treino para não errar.”

“Sim, pois já dominei a língua portuguesa.”

“Não muito, porque creio que ainda tenho muito o que aprender.”

“Acho que sim, me preocupo muito com a maneira que eu falo e escrevo mas tento falar corretamente o máximo possível.”

“Sim, eu acho que apesar de abreviar muito na internet, falo bem o português e sei escrever bem.”

“Sim, não uso gírias.”

“Não, erro muito.”

“Mais ou menos, quando e para alguma prova eu tento falar certinho mas, no meu dia dia quase nunca tenho uma conversa formal.”

“Não pois tem sempre algumas palavras mais complicadas.”

“Creio que sim posso até falar gírias que são consideradas incorretas segundo a língua portuguesa, mas é claro que quando eu vou fazer algo importante ou apresentar um trabalho eu vou falar correto e formalmente. Então acredito que sim.”

“Não, pois falo de forma abreviada e falo gírias.”

Você acha que existe certo ou errado na Língua Portuguesa?

53,7 % depende da situação

40,2% sim

6,1% não

O que você imagina ser "Variação Linguística"?

Apresentamos as respostas mais relevantes para a pesquisa.

“Diferentes modos de linguagem.”

“A variação de expressão.”

“Uma variação de idioma.”

“Variações de interpretação ou sotaque.”

“Acho que tem a ver com a questão regional tipo de outras cidades ou outros estados, outras culturas, e até na maneira em que as pessoas são educadas.”

“Uma variação de línguas e palavras?”

“Variedade de sotaques e gírias.”

“Diferença de palavras.”

“Uma ‘mudança’ no nosso modo de falar.”

“Várias formas de falar como usar uma citação formal em uma conversa informal.”

“Acho que é quando uma palavra tem mais de um significado ou variação.”

“Significa falar diversas palavras com sentido diferente.”

“Vários tipos de modos de falar, tipo o modo de um advogado falar, de uma professora, e entre vários outros tipos de pessoas.”

“Quando você fala várias gírias. Exemplo: no nordeste "tu vai mais eu ?" No sudeste "você vai comigo?"

“Falar certo e errado.”

O que você imagina ser "Preconceito Linguístico"?

“Pessoas com sotaque diferente da outra e faz preconceito por causa do sotaque da outra.”

“É o preconceito que as pessoas têm, com pessoas que falam de uma forma ‘diferente’.”

“Não respeitar a variação linguística de cada região.”

“Pessoas que fazem piadas sobre o sotaque ou o jeito da pessoa falar. Exemplo: Tem muita gente que zoa ou zuava meu conhecido pelo jeito dele falar, falavam q ele era estrangeiro só por ele ter a língua presa e falar meio enrolado.”

“Falar mal de outras línguas.”

“Pessoa que têm preconceitos a outras línguas, que n seja a dela.”

“Alguém julgar a pessoa só pq ela fala errado.”

“Ser preconceituoso com uma maneira de falar exemplo: dizer que acha feio o modo como o no nordeste falam.”

“Preconceito linguístico=preconceito entre as línguas.”

“Não gostar de gírias.”

“Zombar de quem fala errado.”

“Todo juízo de valor negativo de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito às variedades linguísticas de menor prestígio social.”

“Ridicularizar o modo de linguagem de uma determinada região.”

“Ter preconceito com pessoas q falam outro idioma ou gírias.”

“Acredito que o preconceito linguístico seja como um deboche de alguém que fala de uma maneira errada tem um sotaque diferente etc.”

“Acho que é preconceito com alguém de que fala diferente do que estamos acostumados.”